



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

MARCIA CRISTINA VALLE TARQUINIO

**DESAFIOS DO ACOLHIMENTO LINGUÍSTICO DE IMIGRANTES  
HAITIANOS EM FLORIANÓPOLIS:  
Análise crítica da mediação de intérpretes**

Florianópolis

2020

MARCIA CRISTINA VALLE TARQUINIO

**DESAFIOS DO ACOLHIMENTO LINGUÍSTICO DE IMIGRANTES HAITIANOS  
EM FLORIANÓPOLIS: Análise crítica da mediação de intérpretes**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Werner Ludger Heidemann

Florianópolis

2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Tarquinio, Marcia Cristina Valle  
Desafios do acolhimento linguístico de imigrantes  
haitianos em Florianópolis : Análise crítica da mediação de  
intérpretes / Marcia Cristina Valle Tarquinio ;  
orientador, Werner Ludger Heidermann, 2020.  
108 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós  
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Acolhimento linguístico. 3.  
Interpretação comunitária. 4. Imigrantes haitianos. I.  
Heidermann, Werner Ludger. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da  
Tradução. III. Título.

Marcia Cristina Valle Tarquinio

**DESAFIOS DO ACOLHIMENTO LINGUÍSTICO DE IMIGRANTES HAITIANOS  
EM FLORIANÓPOLIS: Análise crítica da mediação de intérpretes**

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

---

Prof. Dr. Werner Ludger Heidermann  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

---

Profa, Dra. Rosane Silveira  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

---

Profa. Dra. Karine Simoni  
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Estudos da Tradução.

---

Profa. Dra. Andréia Guerini  
Coordenadora do Programa

---

Prof. Dr. Werner Ludger Heidermann  
Orientador

Florianópolis, 10 de dezembro de 2020

*Ao meu amado Jorge.*

## AGRADECIMENTOS

Primordialmente, gostaria de expressar aqui minha profunda gratidão aos meus pais, Maria Helena e Oscar, que me ensinaram os valores éticos e morais que conduzem minha jornada. Seu carinho, estímulo e apoio incondicional sempre me fizeram sentir capaz de superar todos os reveses que a realidade nos apresenta. Percebi que não devemos guerrear com os obstáculos, mas aprender com eles. Compreendi, desde a mais tenra infância, a importância de ser acolhida para me sentir segura e capaz para continuar evoluindo sempre na trajetória da vida. Hoje, meus valores me fizeram voltar o olhar para o trabalho voluntário e o auxílio ao próximo. Minha intenção é oferecer minha modesta contribuição para construirmos um mundo melhor, mais humano.

Gostaria de agradecer também a meus estimados tios João, Patrícia e Laurita por serem verdadeiros presentes na minha vida, me oferecendo suporte emocional todas as vezes em que eu perdi o rumo da minha vida. Sou imensamente grata à toda minha família, especialmente ao meu marido Jorge e meus filhos Henrique, Beatriz e Giulia. Revestidos de uma paciência infinita ao lidar com meus medos e inseguranças, minha família me estimulou a não desistir nunca de meus objetivos acadêmicos. Agradeço a persistência e a honestidade das críticas, sempre construtivas. Acima de tudo a cooperação do Jorge, meu amor, meu companheiro, minha luz, envolvendo-se completamente em todas as etapas do processo de elaboração deste trabalho. Entre lágrimas e sorrisos, revisou meu texto incansavelmente, reiteradamente, me apoiando a seguir em frente com determinação.

Sou profundamente grata ao meu orientador, Prof. Dr. Werner, que me inspirou a escrever sobre um tema relevante e teoricamente bem embasado. Sua condução sempre firme e objetiva, com clareza e coerência de argumentos lógicos, durante todo o meu processo criativo, me instigou a superar minhas próprias expectativas de produção textual. Obrigada por me acolher na PGET, valorizar meus esforços, considerar meus argumentos e meus pontos de vista (nem sempre pertinentes), e me mostrar o caminho para realizar uma pesquisa acadêmica de qualidade.

Agradeço às professoras Dra. Karine de Souza Silva e Dra. Rosvitha Rosvitha Friesen Blume que compuseram minha banca de qualificação. Sua dedicação e profundo conhecimento acadêmico contribuíram para a realização deste projeto. Suas análises e sugestões abriram novas perspectivas de pesquisa que enriqueceram o conteúdo trabalhado.

Em relação às questões práticas do trabalho de campo, presto meu sincero reconhecimento ao acolhimento recebido no âmbito dos três projetos de extensão pesquisados na UFSC, com destaque especial às professoras Dra. Rosane Silveira (NUPLE/UFSC), Dra. Donesca Cristina Puntel Xhafaj (NUPLE/UFSC), Dra. Karine de Souza Silva (EIRENÊ/UFSC), Dra. Lucienne Martins Borges (NEMPsiC/UFSC). Agradeço demais o carinho, a atenção e a colaboração das professoras do PLAM/UFSC: Jéssica, Caroline, Laura e Ana Flávia.

Expresso minha gratidão às professoras Dra. Rosane Silveira e Dra. Karine Simoni por aceitarem o convite para compor a minha banca de defesa. A criteriosa análise do meu texto por ambas, suas críticas e sugestões me ofereceram melhor compreensão de questões teóricas envolvendo o ensino de Português Língua Estrangeira – PLE. Graças ao olhar crítico das duas, pude revisar meu trabalho em busca de mais qualidade do conteúdo estudado, principalmente na área de Linguística Aplicada. Agradeço especialmente a aprovação e o incentivo à minha iniciativa de propor a criação de um projeto de extensão no âmbito da PGET/UFSC. Sou realmente grata pelas pertinentes orientações de como elaborar esse projeto para que seja efetivamente útil e viável.

Agradeço respeitosamente aos professores da PGET que tanto me ensinaram neste percurso acadêmico. Sou grata aos colegas que compartilharam comigo esse período tão desafiador das nossas vidas, garantindo mais humor, leveza e solidariedade ao percurso. A todos, expresso o meu mais profundo agradecimento. A interação com cada um tornou esse trabalho maior.

*Não sei...  
se a vida é curta  
ou longa demais para nós.  
Mas sei que nada do que vivemos  
tem sentido,  
se não tocarmos o coração das pessoas.*

*Muitas vezes basta ser:  
colo que acolhe,  
braço que envolve,  
palavra que conforta,  
silêncio que respeita,  
alegria que contagia,  
lágrima que corre,  
olhar que sacia,  
amor que promove.*

*E isso não é coisa de outro mundo:  
é o que dá sentido à vida.*

*É o que faz com que ela  
não seja nem curta,  
nem longa demais,  
mas que seja intensa,  
verdadeira e pura...  
enquanto durar.*

(CORA CORALINA, 1965)

## RESUMO

O objetivo desta dissertação em Estudos da Tradução é descobrir quais são os principais desafios do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis, na perspectiva da interpretação interlingual, no processo de (re)integração social. Embasado na literatura, este trabalho apresenta reflexões preliminares sobre migração internacional, diáspora, identidade cultural, ética, tradução e interpretação. Contextualiza a teoria da Interpretação Comunitária na visão de Hale (2007), Hertog (2010) e Pöchhacker (2010a). Oferece um breve resumo sobre a imigração no Brasil e destaca os projetos de pesquisa e extensão, desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, voltados à acolhida humanitária de imigrantes em situação de vulnerabilidade social. Explica o fluxo migratório de haitianos para o Brasil após o terremoto de 2010 que devastou o Haiti. Discute os conceitos de vulnerabilidade social, acolhimento linguístico, mediação de intérpretes e trabalho voluntário. Analisa as dificuldades de acesso ao trabalho, aos serviços de saúde, educação, transporte e moradia. Relata as observações de campo e desenvolve uma análise qualitativa dos dados obtidos.

**Palavras-chave:** Acolhimento linguístico. Interpretação Comunitária. Imigrantes haitianos.

## ABSTRACT

The purpose of this master's dissertation in Translation Studies is to find out what are the main challenges in the context of linguistic reception of Haitian immigrants in Florianópolis, from the perspective of interlingual interpretation, in the process of social (re)integration. Based on the literature, this work presents preliminary reflections on international migration, diaspora, cultural identity, ethics, translation and interpretation. It contextualizes the Community Interpretation theory in the view of Hale (2007), Hertog (2010) and Pöchhacker (2010*a*). It offers a brief summary on immigration in Brazil and highlights the research and extension projects, developed at the Federal University of Santa Catarina - UFSC, that are aimed for the humanitarian reception of immigrants in socially vulnerable situations. It explains the migratory flow of Haitians to Brazil after the 2010 earthquake that devastated Haiti. It discusses the concepts of social vulnerability, linguistic reception, interpreter's mediation and voluntary work. It analyses the difficulties of access to work, to health services, to education, to transportation and to housing. It reports field observations and develops a qualitative analysis of the data obtained.

**Keywords:** Linguistic reception. Community Interpretation. Haitian immigrants.

## RÉSUMÉ

Le but de ce mémoire de maîtrise en traduction est de découvrir, dans la perspective de l'interprétation interlinguale et dans le contexte de l'accueil linguistique des immigrants haïtiens à Florianópolis, quels sont les principaux défis dans le processus de (ré)intégration sociale. Basé sur la littérature, ce travail présente des réflexions préliminaires sur la migration internationale, la diaspora, l'identité culturelle, l'éthique, la traduction et l'interprétation. Il contextualise la théorie de l'interprétation communautaire du point de vue de Hale (2007), Hertog (2010) et Pöchhacker (2010a). Visant l'accueil humanitaire des immigrants en situation de vulnérabilité sociale, ce mémoire propose aussi un bref résumé de l'immigration au Brésil et met en relief les recherches et les projets d'extension développés à l'Université Fédérale de Santa Catarina - UFSC. Il explique le flux migratoire des haïtiens vers le Brésil après le tremblement de terre qui a dévasté Haïti en 2010 et met en discussion les concepts de vulnérabilité sociale, d'accueil linguistique, de médiation d'interprètes et de bénévolat à travers l'analyse aussi des difficultés d'accès au travail, aux services de santé, à l'éducation, aux transports et au logement. Finalement, ce mémoire rapporte les observations de terrain et développe une analyse qualitative des données obtenues.

Mots-clés : Accueil linguistique. Interprétation communautaire. Immigrants haïtiens.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASA	Ação Social Arquidiocesana
Celpe-Bras	Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros
CLT	Consolidação das Leis de Trabalho
COMCAP	Autarquia de Melhoramentos da Capital
Covid-19	Pandemia de <i>Coronavírus</i>
CPF	Cadastro de Pessoa Física (Receita Federal)
CRAI	Centro de Referência no Acolhimento a Imigrantes e Refugiados
CRAS	Centros de Referência em Assistência Social
CRNM	Carteira de Registro Nacional Migratório (Polícia Federal)
CTPS	Carteira de Trabalho e Previdência Social (Ministério do Trabalho)
DPU	Defensoria Pública da União
HU	Hospital Universitário
MEC	Ministério da Educação
NAIR	Núcleo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados
NEMPsiC	Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas
NUPLE	Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português Língua Estrangeira
ObMigra	Observatório das Migrações Internacionais
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONG	Organizações Não Governamentais
PLAM	Português como Língua de Acolhimento
PLE	Português Língua Estrangeira
PGET	Pós-Graduação em Estudos da Tradução
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
SAPSIR	Service d'Aide Psychologique Spécialisée aux Immigrants et Réfugiés
SINE	Sistema Nacional de Emprego
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidade Básica de Saúde
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
1.1	Justificativa	14
1.2	Objetivos	14
1.3	Metodologia	15
1.4	Panorama	17
<b>2</b>	<b>REFLEXÕES PRELIMINARES</b>	<b>19</b>
2.1	Diáspora	21
2.2	Identidade cultural	25
2.3	Interpretação Comunitária	32
2.4	Ética Profissional	39
2.5	Interpretação Forense	44
<b>3</b>	<b>IMIGRAÇÃO NO BRASIL</b>	<b>50</b>
3.1	Políticas Públicas	51
3.2	Iniciativas da UFSC	52
3.2.1	Português como língua de acolhimento/NUPLE	53
3.2.2	Clínica Intercultural/NEMSiC	55
3.2.3	Núcleo de Apoio a Imigrantes e Refugiados/EIRENÈ	57
<b>4</b>	<b>IMIGRANTES HAITIANOS</b>	<b>60</b>
4.1	Breve histórico	60
4.2	Vulnerabilidade social	62
4.3	Acolhimento linguístico	64
4.4	Mediação de intérpretes	66
4.5	Trabalho voluntário	69
4.6	Observação de campo	71
4.7	Análise crítica	77
4.8	Proposta: projeto de extensão	85
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>91</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>94</b>
	ANEXO A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	99
	ANEXO B: Questionário dirigido aos estudantes do PLAM	102
	ANEXO C: Questionário dirigido às professoras da UFSC	106

## 1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem recebido imigrantes de diversas origens em busca de apoio e proteção. Com foco na defesa dos direitos humanos dos recém-chegados, destacam-se as questões linguísticas e culturais como um dos primeiros desafios a serem superados. Nesse contexto, é fundamental salientar a relevância da atuação de tradutores e intérpretes na mediação linguística e cultural com essas pessoas.

Nesta dissertação, tratamos do grande número de imigrantes oriundos do Haiti nos últimos anos. Segundo Joseph (2017), o quadro empobrecido e precário do país caribenho, agravado pela tragédia provocada pelo terremoto de 2010, além dos diversos tipos de insegurança decorrentes: pública, política, socioeconômica, alimentícia, educacional, incluindo a precariedade das áreas de saúde e saneamento básico, contribuíram para o aumento do fluxo de emigração. E a partir de 2010, “a mobilidade haitiana ganhou especial significância, volume e crescimento de novos sujeitos e circuitos no espaço migratório internacional.” (JOSEPH, 2017, p.11)

Em decorrência do terremoto, houve um duplo movimento: algumas pessoas se deslocaram em direção ao meio rural, mesmo aqueles sem nunca terem residido no interior do país. Outros aproximadamente 350.000 (AUDEBERT, 2012) que dispuseram de recursos variados, decidiram partir para o exterior. É nesse contexto, que se situa a chegada de centenas de pessoas de nacionalidade haitiana, em janeiro de 2010, pela fronteira Brasil, Colômbia e Peru, particularmente na Cidade de Tabatinga, no estado do Amazonas e, posteriormente, no mesmo ano, pela fronteira Brasil, Bolívia e Peru, na Cidade de Brasileia, no Acre. (JOSEPH, 2017, p.11)

Segundo dados do Ministério da Justiça e Segurança Pública, o Relatório Anual do Observatório das Migrações Internacionais – OBMigra 2019 apontou que ingressaram em território brasileiro mais de 700 mil imigrantes no período entre 2010 e 2018. Sendo que “os haitianos figuram como a principal nacionalidade registrada no Brasil e no mercado de trabalho brasileiro”. (MJSP, 2019)

As análises dos dados inéditos sobre imigração e refúgio no país foram feitas com base na série histórica de 2010 a 2018 a partir de cinco bases de dados do governo federal: da Polícia Federal (Sistema de Tráfego Internacional e Sistema Nacional de Registro Migratório); do Ministério da Justiça e

Segurança Pública (Coordenação Geral de Imigração/ Conselho Nacional de Imigração) e do Ministério da Economia (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados/ Carteira de Trabalho e Previdência Social). (MJSP, 2019)

Os registros da Secretaria do Trabalho do Ministério da Economia revelam que “os haitianos são os imigrantes com maior presença no mercado formal de trabalho brasileiro”, representando 22,53% do total de estrangeiros contratados formalmente no Brasil em 2016. Nesse ano, as regiões Sudeste e Sul do país registraram 85,8% dos trabalhadores estrangeiros com registro formal no Brasil. Nessa análise estatística, São Paulo foi o estado mais atrativo, com Santa Catarina ocupando o segundo lugar. Na época, foi registrado um grande fluxo de imigrantes haitianos com destino à Santa Catarina com o propósito de buscar ocupação nas áreas de criação, trato e abate de animais voltados à indústria alimentícia. (ME, 2018)

Assim, trataremos a seguir dos desafios do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis.

## **1.1 Justificativa**

A escolha desse tema de pesquisa foi motivada por sua relevância social, humanitária e cultural, tendo em vista que a linguagem pode ser pensada em um contexto mais amplo que a mera necessidade comunicativa. Nesse sentido, esse estudo propõe lançar um olhar crítico sobre a presença e atuação de intérpretes no âmbito do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis, mais especificamente no ambiente da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

## **1.2 Objetivos**

O objetivo geral deste trabalho é elaborar uma reflexão crítica sobre o acolhimento linguístico dos haitianos que vieram recentemente (após 2010) para Florianópolis. O ambiente escolhido para a observação de campo, estudo de caso e aplicação de questionário foi o curso de *Português como Língua de Acolhimento* – PLAM, parte integrante de um projeto de extensão desenvolvido pelo *Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português Língua Estrangeira* – NUPLE.

O trabalho, em contexto, oferece uma reflexão sobre as questões linguísticas na reconstrução identitária de quem busca uma nova vida fora da própria cultura. A análise visa nortear-se de uma perspectiva de reinserção social, econômica, cultural e mesmo antropológica dessa população. Analisaremos o papel do intérprete na mediação linguística e cultural com os imigrantes haitianos em Florianópolis.

O objetivo específico é elaborar uma proposta para a criação de um projeto de extensão, no âmbito da Pós-Graduação em Estudos da Tradução - PGET/UFSC, no intuito de auxiliar a acolhida humanitária de imigrantes haitianos no ambiente da UFSC. A proposta é oferecer formação em interpretação comunitária visando minimizar as dificuldades de comunicação desses estrangeiros recém-chegados à Florianópolis.

Partindo da premissa que a língua é um dos elementos-chave para a (re)construção da identidade, a questão central é: existem intérpretes atuando no auxílio à integração dos imigrantes haitianos ao novo contexto linguístico-cultural na cidade de Florianópolis? Em busca de respostas, a intenção dessa pesquisa acadêmica é analisar as questões de língua, identidade e comunicação, sob a perspectiva do exercício pleno da cidadania, com preservação da dignidade e do respeito.

### **1.3 Metodologia**

A metodologia englobou inicialmente um levantamento de dados históricos a respeito da imigração haitiana no Brasil e a revisão de literatura sobre o tema. Posteriormente foram realizadas observações de campo e entrevistas com os alunos do curso *Português como Língua de Acolhimento* – PLAM, da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. O público alvo das entrevistas foi composto por 06 alunos, imigrantes, homens e/ou mulheres, maiores de idade, em caráter voluntário. Por se tratar de estrangeiros em situação de vulnerabilidade social, cuidou-se de certificar que compreendiam tratar-se de um convite para participar de uma pesquisa acadêmica. Convite ao qual eles tiveram completa liberdade de aceitar ou recusar, sem qualquer tipo de sanção.

A intenção foi convidá-los de forma coletiva, durante o período de aulas na UFSC, explicando os objetivos da pesquisa acadêmica e deixando claro que se tratava de uma opção pessoal a aceitação ou não em participar como voluntário(a) nas entrevistas. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE foi apresentado e explicado aos voluntários. Sempre que necessário houve a atuação de intérpretes. As entrevistas ocorreram de forma individual com cada voluntário que respondeu às perguntas formuladas oralmente. As respostas foram anotadas pela pesquisadora em língua portuguesa. A proposta original incluía a gravação em áudio das entrevistas para fins de registro acadêmico. Entretanto, a fim de proporcionar maior naturalidade e espontaneidade às respostas, optou-se por não proceder a essa forma de registro que poderia causar desconforto e constrangimento aos entrevistados. O tempo de duração médio para cada entrevista individual foi de cerca de 20 minutos.

Cabe destacar que o projeto de pesquisa inicialmente previa a continuação dos trabalhos de coleta de dados e entrevistas no decorrer do semestre letivo de 2020/1. Todavia, devido à situação excepcional de isolamento social decorrente da atual pandemia de *Coronavírus* (Covid-19) que interrompeu as pesquisas presenciais com os imigrantes haitianos, ainda em busca de respostas às questões práticas de língua, identidade e comunicação, elaboramos um breve questionário direcionado às professoras da UFSC que atuam diretamente com esse público alvo.

Esse novo questionário procurou buscar respostas específicas no âmbito do trabalho voluntário e da mediação de intérpretes na relação com imigrantes haitianos no ambiente da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. As questões foram encaminhadas por meio eletrônico (*email*), dirigidas especificamente às professoras mencionadas no item 3.2 (Iniciativas da UFSC). Por questões éticas, atribuímos nomes fictícios às 08 professoras que contribuíram com sua própria experiência para este estudo. O conteúdo das respostas obtidas serviu para enriquecer as observações de campo no item 4.6.

Finalmente, após as entrevistas, elaborou-se uma análise crítica qualitativa dos dados obtidos.

## 1.4 Panorama

O capítulo 1 introduz o trabalho, esclarecendo a justificativa para a escolha do tema, os objetivos da pesquisa acadêmica, a metodologia proposta e a linha de raciocínio desenvolvida ao longo da estruturação da escrita. Define o conteúdo da análise proposta e os limites temporais e espaciais do estudo. Ao longo do texto, pretende-se iniciar a abordagem dos desafios do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis, com foco na possível mediação de intérpretes ao longo do processo de integração social.

O capítulo 2 apresenta reflexões preliminares sobre o sentido dos termos ‘migrante’, ‘refugiado’ e ‘diáspora’ através da perspectiva de Hall (2009) e Handerson (2015). Aprofunda a seguir as análises sobre identidade cultural, apresentando questões do multiculturalismo segundo Hall (2009), aspectos culturais da tradução na visão de Eco (2007), tradução cultural do ponto de vista de Pym (2017) e intercâmbios culturais por Burke e Hsia (2009).

Introduz na sequência a teoria da Interpretação Comunitária sob a perspectiva de Hale (2007), Hertog (2010) e Pöchhacker (2010a). A proposta aqui é aproximar a teoria da prática e vice-versa, de modo a analisar de forma crítica o intercâmbio cultural presente nas interações reais entre intérpretes e imigrantes fragilizados por sua situação de vulnerabilidade social. O público alvo são as pessoas que fugiram de países sem as mínimas condições de sobrevivência digna, por enfrentarem severos obstáculos à integridade física e/ou psicológica, cujo retorno não é uma possibilidade factível.

Pretende-se realizar uma análise crítica do posicionamento de tradutores e intérpretes frente às dicotomias tradicionais da história da humanidade. Reflete-se sobre os códigos de ética profissional e sobre a possibilidade de delimitação do que seria considerado certo ou errado do ponto de vista da tradução e interpretação. Conclui-se o capítulo com a apresentação de aspectos gerais da interpretação forense por Coulthard e Hale (2016).

O capítulo 3 amplia o tema imigração no Brasil visando oferecer um breve panorama histórico, em adição ao contexto atual. O propósito é citar algumas iniciativas relevantes de acordos de cooperação e pesquisas acadêmicas voltadas ao acolhimento imigrantes vulneráveis

no Brasil. Em foco os projetos de pesquisa e extensão desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC relacionados à acolhida humanitária e (re)inserção social.

O capítulo 4 discorre sobre a imigração haitiana no Brasil, trazendo uma breve introdução histórica e partindo a seguir para questões mais específicas desta pesquisa envolvendo tópicos como vulnerabilidade social, acolhimento linguístico, mediação de intérpretes, trabalho voluntário. Finalizando, apresenta-se um relato sobre a própria experiência desta pesquisadora ao atuar como auxiliar de sala voluntária no curso de português para imigrantes da UFSC ao longo do semestre 2019/2, incluindo observações de campo e questionários aplicados aos alunos e professores.

As considerações finais encerram o trabalho.

## 2 REFLEXÕES PRELIMINARES

Preliminarmente, cabe aqui apresentar algumas definições que nortearam a análise crítica proposta neste trabalho acadêmico de pesquisa. Inicialmente, no contexto de migração internacional, quem poderia ser considerado imigrante ou emigrante? “Um país considera como emigrantes os seus cidadãos nacionais que residem em outros países e imigrantes os cidadãos de outros países que moram no seu território”. (OIM; DPU, 2018).

No caso do Brasil, a *Lei de Migração* brasileira (Lei n.º 13.445, de 24 de maio de 2017) traz em seu texto os conceitos de imigrante “pessoa nacional de outro país ou apátrida que trabalha ou reside e se estabelece temporária ou definitivamente no Brasil” e emigrante “brasileiro que se estabelece temporária ou definitivamente no exterior”. No entanto, “sob o olhar da pessoa que se desloca – e não dos países envolvidos no processo migratório –, os termos emigrante e imigrante se diluem em um mesmo sujeito e podem ser sintetizados em um único nome: MIGRANTE INTERNACIONAL”. (OIM; DPU, 2018).

A Organização Internacional para as Migrações – OIM é a agência das Nações Unidas para o assunto. “Criada em 1951, é a principal organização intergovernamental atuante no tema das migrações”. (OIM; DPU, 2018). Em parceria com a Defensoria Pública da União - DPU, elaborou um curso intitulado *Uma Introdução às Migrações Internacionais no Brasil Contemporâneo*, o qual contém um glossário que “pretende servir de guia para a miríade de expressões e conceitos da área da migração”, visando facilitar a comunicação no âmbito da cooperação internacional. (OIM, 2009).

Segundo o glossário, a definição de ‘migração internacional’ seria: “movimentos de pessoas que deixam os seus países de origem ou de residência habitual para se fixarem, permanente ou temporariamente, noutro país. Consequentemente, implica a transposição de fronteiras internacionais”. (OIM, 2009).

Por essa lógica, os haitianos que migraram para Florianópolis são chamados de imigrantes (movimento de entrada) pela perspectiva do Brasil e emigrantes (movimento de saída) pelo ponto de vista do Haiti. Com esse conceito em foco, poderemos iniciar as

observações e análises às questões envolvidas no deslocamento dos haitianos com destino ao Brasil.

Após o terremoto de 2010 que devastou o Haiti, os primeiros imigrantes haitianos chegaram ao nosso país, ingressando geralmente como solicitantes de refúgio. No Brasil, de acordo com o Estatuto do Refugiado, Lei n.º 9.474/97:

é reconhecida como refugiada toda pessoa forçada a deixar o seu país de origem ou, não tendo nacionalidade, o país de residência habitual, e que não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país, devido a fundado temor de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social, opiniões políticas ou em razão de grave e generalizada violação de direitos humanos. (OIM; DPU, 2018).

Em sua tese de doutorado intitulada *Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa* (2015), Joseph Handerson afirma que os haitianos não se autoidentificam como ‘refugiados’ ou ‘migrantes’ pois “há diferença entre os pontos de vista do Governo sobre os pontos de vista dos haitianos e os pontos de vista deles mesmos. São muitos pontos de vista, sentimentos e relações ambíguas com o universo da mobilidade.” (HANDERSON, 2015, p.35/36)

De acordo com sua pesquisa acadêmica:

No universo haitiano, particularmente no Haiti, o termo refugiado, em créole *refijye*, está associado aos *boat people*, referindo-se aos compatriotas que viajavam desde as décadas de 1970, clandestinamente para os Estados Unidos, particularmente Miami em embarcações precárias. Muitos deles foram interceptados em alto mar e conduzidos ao campo de Guantânamo onde permaneceram alguns meses ou anos. Outros perderam a vida pelo fato da embarcação ter naufragado espontaneamente ou provocado pelos agentes estadunidenses. Nesse sentido, ser *refijye* possui uma conotação pejorativa no universo haitiano. Geralmente não é considerado uma pessoa com prestígio diante da sociedade, por isso, algumas pessoas se sentem incomodadas ao serem identificadas como refugiadas porque dá a ideia de serem fugitivas, e isso, do ponto de vista deles, fere o seu orgulho, a honra e o respeito diante da sociedade, diferentemente do uso do termo *diaspora* que serve para indicar o migrante haitiano residente no exterior que volta temporariamente ao Haiti, exibindo dinheiro e objetos, demonstrando o sucesso da viagem. Geralmente, os haitianos gostam de serem associados e de se autodesignarem como *diaspora* e não como refugiado, a não ser por questões estratégicas, burocráticas e jurídicas das políticas migratórias nos países estrangeiros. (HANDERSON, 2015, p.35)

Atualmente, a nova *Lei de Migração* (2017) possibilita o registro por motivo de acolhida humanitária de imigrantes estrangeiros no Brasil. Nessa orientação, a *Portaria Interministerial n° 12/2019* “dispõe sobre a concessão de visto temporário e de autorização de residência para fins de acolhida humanitária para cidadãos haitianos e apátridas residentes na República do Haiti”. Essa portaria “beneficia a regularização de haitianos que vivem no Brasil” pois “reduz burocracia, prazos e documentações exigidas”. (GOV.BR, 2019)

Dessa forma, “será possível conceder a autorização de residência à comunidade haitiana que atualmente figura como solicitante de refúgio no Brasil”, pois “o Estado brasileiro já manifestou aos haitianos que não são refugiados, porque a legislação brasileira não acata, assim como ainda na maioria dos países, o conceito de refugiado ambiental”. (GOV.BR, 2019)

Segundo o *Glossário sobre Migrações*, o termo ‘apátrida’ refere-se à “pessoa que não seja considerada por qualquer Estado, segundo a sua legislação, como seu nacional”. No mesmo contexto, o termo ‘diáspora’ abrange “qualquer pessoa ou população étnica que abandona a pátria tradicional da sua etnia, estando dispersa por outras partes do mundo”. (OIM, 2009).

Em busca de respostas às questões identitárias envolvidas no processo migratório, notadamente no contexto do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis, mergulharemos a seguir mais profundamente nas reflexões sobre a diáspora.

## 2.1 Diáspora

A migração é um fenômeno que se repete ao longo da história da humanidade. Os grandes movimentos migratórios possuem entre suas causas mais recorrentes as guerras, invasões, conquistas, êxodos, mudanças sazonais, fome, superpopulação, entre outras. Atualmente as questões migratórias decorrem de crises econômicas, perseguições políticas e religiosas, tráfico de seres humanos, desigualdade social, aquecimento global, catástrofes naturais (como no caso do terremoto do Haiti) e busca por melhores condições de vida em geral. (HALL, 2009, p.53)

Nesse cenário, o mundo tem sido palco recente de diferentes fluxos de migração. Algumas pessoas decidem emigrar, outras são expulsas de seus países de origem ou escapam de condições degradantes de sobrevivência. Seja por motivos políticos, econômicos, religiosos, humanitários ou quaisquer outras razões, numerosos migrantes tornam-se impossibilitados de retornar ao local de origem.

Originalmente relacionado à dispersão do povo judeu pelo mundo, o termo ‘diáspora’ está também relacionado à migração forçada de africanos para trabalho escravo ao longo dos séculos XVI ao XIX. No contexto do estudo em tela, cabe lembrar que a escravidão foi realidade no Brasil e também no Caribe. Stuart Hall, sociólogo jamaicano, pioneiro dos *Estudos Culturais* e do *Multiculturalismo*, apresentou suas reflexões sobre o tema no livro *Da Diáspora: identidades e mediações culturais* (2009).

Hall afirma que existem “certas relações muito estreitas entre a diáspora negra e a diáspora judaica – por exemplo, a experiência de sofrimento e exílio, e a cultura do livramento e da redenção que resultam daí.” (HALL, 2009, p.394). A ‘diáspora negra’ ou ‘diáspora africana’ refere-se à migração forçada de negros de origem africana para fins de comércio e trabalho escravo nas colônias europeias. Desta forma, ao longo da história, os povos africanos foram espalhados pelo ‘novo mundo’, inclusive na região do Caribe, a qual inclui a Jamaica e o Haiti.

A migração tem sido um tema constante na narrativa caribenha. [...] Em todo caso, a questão da diáspora é colocada aqui principalmente por causa da luz que ela é capaz de lançar sobre as complexidades, não simplesmente de se construir, mas de se imaginar a nação e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente. [...] Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. [...] (HALL, 2009, p.25)

Hall analisa as questões da identidade cultural na diáspora. “Elas têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica.” E acrescenta: “Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas.” (HALL, 2009, p.30). Paradoxalmente, Hall fala sobre as novas sociedades multiculturais, formadas a partir do fluxo de antigas ‘colônias’ em direção às suas antigas ‘metrópoles’. Como a migração de jamaicanos para o Reino Unido ou de haitianos para a França.

As identidades, concebidas como estabelecidas e estáveis, estão naufragando nos rochedos de uma diferenciação que prolifera. Por todo o globo, os processos das chamadas migrações livres e forçadas estão mudando de composição, diversificando as culturas e pluralizando as identidades culturais dos antigos Estados-nação dominantes, das antigas potências imperiais, e, de fato, do próprio globo. (HALL, 2009, p.43)

Hall define sua própria trajetória na diáspora ao explicar seu sentimento em relação a sua origem jamaicana e a seu movimento de migração para o Reino Unido. “Conheço intimamente os dois lugares, mas não pertenço completamente a nenhum deles.” E acrescenta: “E esta é exatamente a experiência diaspórica, longe o suficiente para experimentar o sentimento do exílio e perda, perto o suficiente para entender o enigma de uma ‘chegada’ sempre adiada.” (HALL, 2009, p.393)

Como causa desses novos fluxos de migração, Hall cita:

A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades – os legados do Império em toda parte – podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento – a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor. (HALL, 2009, p. 26)

Hall analisa a situação dos migrantes caribenhos no Reino Unido, conjecturando se o ‘retorno redentor’ seria para o Caribe ou para a África. Onde seria o ‘lar’ original desses migrantes? Qual o sentimento envolvido nos deslocamentos e (re)assentamentos dessas populações? Que paralelo é possível fazer com a migração de Haitianos para o Brasil?

Em sua tese, Handerson (2015) analisa “os sentidos do termo ‘diáspora’ (e o campo semântico que ele delinea), a partir da perspectiva dos sujeitos estudados” pois esse seria o “ponto central para compreender os sentidos sociais da mobilidade no espaço (trans)nacional haitiano”. Do ponto de vista dos migrantes haitianos, o termo ‘diáspora’ seria uma “categoria organizadora do mundo, pois designa pessoas, qualifica objetos, dinheiro, casas e ações.” O pesquisador associa o campo semântico do termo a três verbos: ‘residir’ no exterior, ‘voltar’ ao Haiti e ‘retornar’ ao exterior pois “a mobilidade é cultivada como recurso para alcançar o progresso social, cultural e econômico do indivíduo.” (HANDERSON, 2015, p.43)

Esse movimento constante define a diáspora haitiana. Assim, do ponto de vista de quem permanece no Haiti, a diáspora designa seus parentes e amigos que foram morar no exterior em busca de melhores condições de vida. Segundo as pesquisas de campo de

Handerson (2015), os haitianos acalentam o sonho de partir, de emigrar para realizar sua ascensão sócio-econômica. Mas não perdem o vínculo com o país de origem, enviando recursos e voltando para visitar parentes, quando possível.

Há um fenômeno de dupla condição de estranhamento. Quando a pessoa *diaspora* volta temporariamente ao Haiti, ela permite aos que ficaram e não viajaram, conhecer aspectos e valores referentes a alimentos, vestimentas, línguas, elementos culturais, artísticos e musicais. A pessoa volta com outros costumes do lugar onde reside *aletranje*. (HANDERSON, 2015, p.362)

Sob a perspectiva de Handerson (2015), a diáspora é vista como uma categoria de interação pois “ao mesmo tempo, em que constrói as suas múltiplas identidades a partir de duas sociedades ou mais, ela não se desenraíza no sentido próprio e forte do termo do Haiti.” O pesquisador afirma que a diáspora interconecta o universo haitiano com os países estrangeiros, de tal forma a realizar importantes “sínteses culturais fecundas constituídas entre os diferentes espaços de mobilidade internacional e o Haiti”. (HANDERSON, 2015, p.361)

Nessa percepção, o autor destaca o forte relacionamento dos migrantes haitianos com seus parentes deixados para trás, de forma provisória ou permanente.

A mobilidade dos que partem contribui à imobilidade dos que ficam e vice-versa, particularmente quando aqueles em mobilidade enviam remessas para a manutenção dos que ficam ou quando quem fica financia a viagem dos que partem. (HANDERSON, 2015, p.393)

Finalmente, como resultado de seu estudo de campo, Handerson (2015) ressalta o sentimento de ambivalência dos migrantes haitianos em relação a seu país de origem. Pois:

o Haiti é representado como um lugar de referência, de obrigações, de pertencimentos, de saudades, de memórias e de laços que são recriados sob diferentes formas: à distância; nas visitas quando estas acontecem; no envio de remessas que se distribuem nas casas, etc. Entretanto, também o país aparece nas narrativas como o lugar donde deve partir para buscar uma vida melhor para si e para os que ficam, devido à falta de perspectivas no tangente ao trabalho, à saúde, ao acesso à educação etc. Essas duas dimensões: pertencimento e a vontade de estar longe, nesse universo social, andam juntas, se correlacionam. (HANDERSON, 2015, p.363)

A partir desse enredo, analisaremos a seguir as questões identitárias envolvidas nos processos de intercâmbio cultural no âmbito dos movimentos migratórios internacionais.

## 2.2 Identidade Cultural

Hall (2009) introduz o termo ‘multiculturalismo’ lembrando tratar-se de um conceito complexo cuja “proliferação não contribuiu para estabilizar ou esclarecer seu significado”. Hall relaciona o multiculturalismo a outros termos como ‘raça’, etnicidade, identidade, diáspora, afirmando que “o multiculturalismo se encontra tão discursivamente enredado que só pode ser utilizado ‘sob rasura’.” (HALL, 2009, p.49)

Multicultural é um termo qualificativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original. Em contrapartida, o termo ‘multiculturalismo’ é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. (HALL, 2009, p.50)

Hall afirma que “as sociedades multiculturais não são algo novo”, pois já existiam antes da expansão europeia, apenas se intensificaram a partir do século XV. Atualmente “a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente ‘mistas’.” O autor relembra as causas mais comuns dos fluxos migratórios atuais: “desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semiescravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico”. (HALL, 2009, p.53)

No caso específico de imigrantes haitianos no Brasil, pode-se afirmar que houve um grande fluxo de emigração no Haiti após o terremoto de 2010 (desastre natural) e que muitos desses migrantes consideraram o Brasil como país de destino. Em Santa Catarina, a indústria alimentícia investiu na atração e contratação dessa nova mão de obra disponível. Mas os haitianos possuem tradições culturais, idioma e costumes sociais diferentes dos brasileiros. Em busca da compreensão do acolhimento linguístico dessa população estrangeira, analisaremos a seguir questões de língua e comunicação.

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento” (MEC, 1997).

A língua é o principal mecanismo de interação no convívio humano. Além de possibilitar a comunicação, a língua participa da definição da identidade cultural de um país. Sendo assim, é possível afirmar que um indivíduo constrói sua identidade social e pessoal com base na sua língua materna.

Esse tema conduz a uma reflexão sobre as relações entre um indivíduo, sua língua materna, sua identidade, sua cultura e sua história de vida. Em outras palavras, a língua é parte constitutiva de cada ser humano, atribuindo um modo particular de perceber o mundo. Essas características ficam mais evidentes no contexto da mobilidade humana, principalmente na migração internacional, quando o indivíduo busca inserir-se em um novo país, com uma nova cultura e um novo idioma. Nessa conjuntura, Aziz Tabouri (2020) destaca a importância das questões linguísticas no âmbito da acolhida de migrantes internacionais.

Entre os inúmeros obstáculos que o migrante enfrenta ao longo de sua jornada (legal ou ilegal) e depois em toda a sua evolução na sociedade de acolhida que ele escolheu, há o obstáculo da língua que fortalece todos os outros. A barreira da língua é traiçoeira. Ela impede a comunicação e a compreensão. Ela separa e afasta aqueles que pertencem ao mesmo gênero humano.<sup>1</sup> (TABOURI, 2020, p.27).

O movimento migratório provoca uma mudança de perspectiva, envolvendo novos paradigmas. Mudando o lugar de enunciação, a abordagem se altera. O indivíduo passa a ser um estrangeiro, sujeito a novas regras de convívio social. Esse desconforto inicial pode ser apaziguado quando o estrangeiro se sente verdadeiramente acolhido em seu país de destino.

“Se a comunicação entre línguas e culturas é um fato pressuposto e aceito em nosso mundo contemporâneo, de modo algum ela era evidente no passado. No entanto, todos os grandes intercâmbios culturais na História envolveram tradução [...]” (BURKE; HSIA, 2009, p.7). Nessa lógica, é importante “compreender o intercâmbio entre povos e a troca de diferentes concepções culturais que atravessam as fronteiras do tempo e das próprias línguas em que foram produzidas.” (BURKE; HSIA, 2009, p.7)

---

<sup>1</sup> Parmi les obstacles nombreux qu'affronte le migrant tout au long de son périple (légal ou illégal) puis tout au long de son évolution au sein de la société d'accueil qu'il a choisi, il y a l'obstacle de la langue qui renforce tous les autres. La barrière de la langue est insidieuse. Elle empêche de communiquer et de comprendre. Elle sépare et éloigne ceux qui appartiennent pourtant au même genre humain.

Refletindo brevemente sobre a história da tradução, na perspectiva de Pohling (2009, p.37) “a tradução [...] é desde tempos imemoriais uma atividade mais ou menos evidente e característica do ser humano”. No âmbito da teoria da tradução, a autora enfatiza a atuação do intérprete como mediador:

Mesmo muito antes do estabelecimento da cultura escrita, o contato entre falantes de línguas diferentes era inimaginável sem a presença de um mediador linguístico na qualidade de *intérprete*, de modo que ‘a interpretação entre as línguas de relação é historicamente reconhecida como a forma mais antiga de prática de mediação linguística de que temos conhecimento’ (THIEME, 1955, p. 59). Ao observarmos os diversos centros históricos do desenvolvimento humano, é certo que encontraremos em todos eles alguma forma de manifestação da atividade de interpretação. (POHLING, 2009, p.37)

Pohling (2009, p.37) afirma ainda que “as primeiras manifestações da atividade de interpretação (*Dolmetschen*, em alemão) de que se tem notícia na história da humanidade encontram-se no Egito e datam do Império Antigo (terceiro milênio a. C.) [...]”. Na época, os egípcios consideravam-se ‘homens’, no sentido de ‘civilizados’, referindo-se aos povos estrangeiros como ‘bárbaros’. Nesse ambiente, os intérpretes eram fundamentais para mediar as relações comerciais interlinguais.

Os chamados *dragomanos* – intérpretes provenientes da fronteira bilingue situada ao sul dos domínios egípcios, na região de Elefantina, onde mediavam as relações entre núbios e egípcios – ocupavam uma posição importante como guias de caravanas, agenciadores de empreendimentos estrangeiros, líderes de expedições e negociantes. (POHLING, 2009, p.38)

Além do comércio, outras áreas relevantes para atuação de intérpretes no mundo antigo eram o exército, a administração pública e os serviços religiosos. Numa época em que pouquíssimas pessoas tinham conhecimentos de idiomas estrangeiros, as habilidades linguísticas dos intérpretes eram consideradas conhecimento estratégico. Pohling (2009, p.39) ressalta ainda alguns aspectos inusitados referentes à mediação de intérpretes na antiguidade.

A prática de mediação linguística também agregava, no mundo antigo, uma certa conotação mística. Por um lado, o intérprete atuava como mediador entre a língua dos homens e a língua dos bárbaros; mas, por outro, fazia também a mediação entre a língua dos homens e a língua dos deuses. Nesses mesmos termos, o intérprete exercia ainda o papel de mediador entre o rei e o povo; e até mesmo ao médico atribuía-se o título de intérprete, pois,

segundo a concepção vigente na época, este falaria com o demônio-da-doença assim como um intérprete fala com um estrangeiro. Também na mitologia o intérprete teria o seu lugar garantido: o deus egípcio *Thot* – que corresponde ao deus grego *Hermes* – é tido como o criador das línguas e o mediador entre elas. (POHLING, 2009, p.39)

Após essa brevíssima imersão na história antiga da tradução, proponho refletir sobre a identidade do intérprete. Baseio minha reflexão no artigo de Heidermann e Weininger (2019) intitulado *Narrativas como abordagem à identidade de intérpretes*. Nessa publicação recente, os autores procuram “compreender a identidade complexa de intérpretes, não raramente conflitiva.” E afirmam: “No sentido teórico, entendemos que interpretar é processar, adaptar e reconstruir narrativas de uma forma cognitiva que seja compatível, acessível e aceitável para todas as partes envolvidas.” Os pesquisadores buscaram embasamento teórico em Humboldt (1999), Wittgenstein (1922), Eco (1986), Blikstein (1997), Baker (2006), entre outros. (HEIDERMANN; WEININGER, 2019, p.51).

Heidermann e Weininger (2019), embasados por Humboldt (1999), em sua investigação teórica sobre a identidade do intérprete, discutem a concepção de linguagem como um meio de percepção sensorial. Nessa linha de pensamento, após elaborar os resultados obtidos por nossos sentidos, a linguagem seria um instrumento de comunicação desses pensamentos. Assim, o homem precisaria de conceitos linguísticos e esquemas para ser capaz de reproduzir o mundo exterior em uma representação mental. Dessa forma, o ser humano seria capaz de interagir simultaneamente consigo mesmo (*self*) e com o mundo (*world*). (HEIDERMANN; WEININGER, 2019, p.55).

Ao longo do texto, Heidermann e Weininger (2019) apresentam a ‘Metáfora de Nolan’ na qual o autor procura estabelecer a diferença entre tradutores e intérpretes. Nolan compara o tradutor ao escritor, pois realiza seu trabalho de forma escrita, possuindo tempo para pesquisar e escolher o termo perfeito para cada parte do texto. Em contraposição, Nolan compara o intérprete ao ator, pois sua atuação profissional, predominantemente de forma oral, exige resposta imediata e improvisação. Mesmo quando o intérprete não encontra a expressão ideal, *le mot juste*, ainda assim ele precisa ser capaz de reagir de improviso e construir paráfrases compreensíveis ao público presente. Assim, a atuação de intérpretes como atores estaria vinculada à mediação linguística e cultural entre as partes envolvidas. (HEIDERMANN; WEININGER, 2019, p.52).

Mas o que é tradução<sup>2</sup> afinal?

Segundo Umberto Eco, traduzir é dizer “quase a mesma coisa” em outra língua, pois “traduzir significa sempre ‘cortar’ algumas das conseqüências que o termo original implicava. Nesse entendimento, ao se traduzir não se diz nunca a mesma coisa.” (ECO, 2007, p.107). E acrescenta:

Já foi dito, e trata-se hoje em dia de ideia aceita, que uma tradução não diz respeito apenas a uma passagem entre duas línguas, mas entre duas culturas, ou duas enciclopédias. Um tradutor não deve levar em conta somente as regras estritamente linguísticas, mas também os elementos culturais, no sentido mais amplo do termo. (ECO, 2007, p.190)

Essas diferenças culturais se fazem sentir igualmente em expressões que consideramos tranquilamente traduzíveis de língua a língua. As palavras *coffee*, *café*, *caffè* podem ser consideradas razoavelmente sinônimas só quando se referem a uma certa planta. Mas as expressões *donnez-moi un café*, *give me a coffee*, *mi dia um caffè* (certamente equivalentes do ponto de vista linguístico, bons exemplos de enunciados que veiculam a mesma proposição) não são culturalmente equivalentes. (ECO, 2007, p.197).

Em relação ao exemplo do café, relevante analisar as diferenças culturais que envolvem o consumo desta bebida. Sendo assim, um *café italiano* não representa um termo sinônimo de um *café americano*. Dessa forma, o significado se altera de acordo com o local de enunciação, sendo que o café pode ser mais intenso e concentrado como um ‘expresso’ ou mais fraco e longo com um ‘americano’ ou ‘carioca’, além das criações envolvendo leite, chocolate, sorvete, cremes e licores, dentre outros ingredientes inusitados. Depreende-se então que as formas de preparo e degustação do café variam de acordo com os hábitos culturais de cada localidade.

Nesse assunto, Burke e Hsia destacam:

Assim como a Torre de Babel veio abaixo porque seus construtores foram dispersados pela diversidade de línguas, a Câmara da Comunidade Europeia certamente ruiria se privada de seu exército de intérpretes: afinal, quem saberia a diferença entre *cod*, *kabeljauw*, *morue* e bacalhau (além dos mais consumados gastrônomos) e conseguiria passar por cima de reivindicações nacionalistas rivais de direitos de pesca e preparos de molho, salvo os

---

<sup>2</sup> Todas as traduções de autores citados neste trabalho cuja língua fonte era o francês ou inglês foram traduzidas para o português por esta pesquisadora. Em todos os casos, a citação fonte foi inserida como nota de rodapé.

dedicados tradutores e intérpretes da União Europeia? (BURKE; HSIA, 2009, p.7).

A atuação de tradutores e intérpretes contribui para ultrapassar barreiras linguísticas, introduzindo compreensão e troca. O desempenho desses profissionais permite aos migrantes exercer seus direitos de falar e compreender, recuperando sua dignidade como ser humano dotado de capacidade de expressão ao ‘emergir do silêncio’.<sup>3</sup> (TABOURI, 2020, p.27).

Assim, intérpretes e tradutores atuam como mediadores linguísticos, como verdadeiros negociadores de sentido. Segundo Eco, “negocia-se o significado que a tradução deve expressar porque se negocia sempre, na vida cotidiana, o significado que devemos atribuir às expressões que usamos.” (ECO, 2007, p.100). A tradução envolve escolhas, pois “o tradutor deve, antes de tudo, reformular a frase fonte com base em uma conjectura sobre o mundo possível que ela descreve [...]”. (ECO, 2007, p.288).

Burke e Hsia reforçam a ideia de tradução como negociação, afirmando que este conceito “expandiu seu domínio na última geração, indo além dos mundos do comércio e da diplomacia para referir-se ao intercâmbio de ideias e à conseqüente modificação de significados”. E acrescentam:

A moral é que qualquer tradução deve ser considerada menos uma solução definitiva para um problema do que um caótico meio-termo, envolvendo perdas ou renúncias e deixando o caminho aberto para uma renegociação. (BURKE; HSIA, 2009, p.15).

Em relação às perdas e renúncias no âmbito da tradução cultural, Burke e Hsia afirmam:

Outra maneira de discutir a tradução cultural é falar de um duplo processo de descontextualização e recontextualização, que primeiro busca se apropriar de algo estranho e em seguida o domestica. A tradução entre línguas pode ser vista não apenas como um exemplo desse processo, mas também como uma espécie de papel de girassol que a torna incomumente visível – ou audível. Pode ser esclarecedor tentar observar esse processo de uma dupla perspectiva.

---

<sup>3</sup> En contribuant à lever la barrière de la langue, l’interprète et le traducteur permettent la compréhension et l’échange. Ce faisant, ils mettent le migrant en situation d’exercer le premier de ses droits (celui de s’exprimer et de comprendre) et, en « sortant du silence », le migrant retrouve sa dignité d’humain « doté de la parole ».

Para o receptor, ele é uma forma de ganho, enriquecendo a cultura hospedeira em resultado de uma adaptação hábil. Do ponto de vista do doador, por outro lado, a tradução é uma forma de perda, levando a mal-entendidos e violentando o original. (BURKE; HSIA, 2009, p.16).

Anthony Pym, acadêmico australiano, é professor de Tradução e Estudos Interculturais na Universidade Rovira i Virgili, na Espanha, além de autor de relevantes obras, entre elas: *Explorando Teorias da Tradução* (2017). Nesta obra, o autor procura relacionar algumas das diversas teorias tradutórias ocidentais, criadas a partir de 1960, agrupando-as em paradigmas distintos de acordo com suas semelhanças e diferenças. Sob a perspectiva de Pym (2017), a maioria dessas teorias poderia ser incluída em um dos seguintes paradigmas: equivalência (natural ou direcional), propósitos, descrições, incerteza, localização ou tradução cultural. De acordo com o professor: “Esses paradigmas diferenciam-se já nas questões fundamentais a respeito do que é a tradução, o que ela pode ser e como os tradutores deveriam resolver os seus problemas” (PYM, 2017, p.23).

Nesse encadeamento, a tradução cultural “pode ser entendida como um processo no qual não existe texto de partida e, em geral, não existe um texto de chegada fixo. O que importa são os processos culturais e não os produtos” (PYM, 2017, p.265). Nessa percepção, esse novo paradigma envolve a circulação de pessoas e não de textos, notadamente nos contextos contemporâneos de mobilidade humana envolvendo migração internacional. Nesse âmbito, as teorias da tradução se fundamentam em conceitos de outras ciências como, por exemplo a antropologia e a sociologia, ao estudar a “comunicação entre grupos em sociedades complexas e fragmentadas, em especial naquelas formadas pela imigração” (PYM, 2017, p.266).

Nesse tema, dentre os paradigmas apresentados por Anthony Pym, infere-se que a tradução cultural se revela particularmente adequada para a pesquisa acadêmica com imigrantes no Brasil. Esse conceito inovador e interdisciplinar, estuda a comunicação entre pessoas de diferentes culturas. “Esse paradigma ajuda-nos, assim, a pensar a respeito de um mundo globalizado em que lados ‘de chegada’ e ‘de partida’ não são estáveis e tampouco inteiramente separados” (PYM, 2017, p.266).

Se algo novo entrou no mundo da tradução, provavelmente surgiu das imigrações e mudanças nos padrões de comunicação, a ponto de não podermos mais conceber línguas e culturas separadas. Não existem mais os espaços fundamentais que no passado estabeleceram a teoria da equivalência. A

tradução cultural pode, assim, oferecer formas de pensar sobre as muitas situações em que a tradução funciona no mundo de hoje (PYM, 2017, p.297).

Portanto, a mudança de perspectiva altera a compreensão do objeto, no caso a língua traduzida. O conjunto de valores culturais internalizados por um indivíduo durante sua vida influencia seu ponto de vista e seu entendimento do contexto. Mas como fazer a mediação entre duas culturas na busca de uma comunicação mais eficiente? A interpretação comunitária pode ser uma das respostas possíveis.

### 2.3 Interpretação Comunitária

O movimento migratório conduz a um deslocamento do lugar de enunciação, envolvendo transformação. Nesse contexto, surge a teoria da Interpretação Comunitária que pode ser aplicada nas interações linguísticas com imigrantes.

A partir de uma revisão da jovem disciplina dos “Estudos da Interpretação”, em termos de diferentes paradigmas, faz-se uma análise de similaridades e inter-relações dos Estudos da Interpretação - tal como a interpretação comunitária - como parte do extenso campo dos Estudos da Tradução. A imagem que surge dessa análise exhibe a abordagem dialógica interacionista - desenvolvida essencialmente para pesquisas em interpretação comunitária, um paradigma particular que oferece grande potencial para relacionar-se sinergeticamente com outras abordagens teóricas e metodológicas nos Estudos da Interpretação (PÖCHHACKER, 2010a, p.61).

Os Estudos da Interpretação foram recentemente reconhecidos como relevante área acadêmica. John Milton, pesquisador britânico, tradutor e professor associado de Literatura Inglesa e Estudos da Tradução da Universidade de São Paulo – USP, ressalta as novas tendências do campo: “estudos cognitivos, psicolinguísticos, neurolinguísticos, pesquisas sobre normas, memória, uso de metáforas, entre outros.” (MILTON, 2010, p.11). E acrescenta:

Uma área bastante nova dentro dos estudos de interpretação é a de *Community Interpreting*, que examina o uso da interpretação em hospitais, serviços governamentais e sociais, quase sempre em países onde há muitos imigrantes recém-chegados que não falam a língua oficial do país. (MILTON, 2010, p.11).

Nesse enquadramento, Erik Hertog (Lessius University College, Bélgica) divide o campo de atuação da Interpretação Comunitária em quatro grandes ambientes de interação:

social (bem-estar, habitação, empregos), educacional (escolas, universidades), médico (hospitais, clínicas) e legal (presídios, delegacias). De um modo geral, a Interpretação Comunitária envolve temas sensíveis relacionados ao âmbito privado da vida das pessoas. Assim, de acordo com os requisitos do evento a ser mediado, o intérprete comunitário precisa escolher a melhor estratégia de trabalho: interpretação consecutiva (com anotações), interpretação simultânea (geralmente sussurrada), interpretação tecnológica (com equipamentos portáteis), entre outras técnicas usuais (HERTOG, 2010, p.50).

Segundo o autor:

A interpretação comunitária (IC) ocorre para permitir que indivíduos ou grupos sociais que não falem a língua oficial ou dominante dos serviços prestados pelo governo, central ou local, tenham acesso a esses serviços e consigam se comunicar com os prestadores desses serviços (HERTOG, 2010, p.49).<sup>4</sup>

De acordo com a perspectiva de Hertog (2010), o intérprete comunitário deve receber treinamento interdisciplinar com foco no desenvolvimento de habilidades comunicativas, novas tecnologias e noções funcionais do serviço público, além da proficiência linguística. O autor destaca os novos cursos na área da interpretação comunitária que surgiram nas últimas décadas, notadamente em países como Austrália, Estados Unidos e Canadá, voltados tanto para a habilitação profissional quanto acadêmica.

Segundo Hertog (2010), no passado havia a crença na atuação do intérprete como um condutor neutro, como um painel de vidro através do qual a informação fluía, inalterada, de uma língua para outra. Atualmente existe uma maior consciência da complexidade inerente ao papel do tradutor em geral e do intérprete comunitário em particular. Dessa forma, conceitos tradutórios predominantes que pregavam a literalidade, neutralidade e invisibilidade foram substituídos, numa nova construção de sentido, mais voltada à realidade da sensibilidade das interações nessa área. Recentemente, a mediação do intérprete comunitário tem sido avaliada em seu contexto cultural, político e ideológico. Além disso, a profissionalização do intérprete

---

<sup>4</sup> Community interpreting (CI) takes place to enable individuals or groups in society who do not speak the official or dominant language of the services provided by central or local government to access these services and to communicate with the service providers.

comunitário criou uma maior consciência do código de conduta e do guia de boas práticas. (HERTOG, 2010, p.51)

Na mesma linha, atua Sandra Beatriz Hale, pesquisadora e professora da Universidade de Western Sydney, na Austrália, tradutora com vasta experiência em interpretação. Segundo publicação da Revista *Gradlife* (2010, p.6), Hale pode ser considerada “a voz da Interpretação Comunitária”. A pesquisadora é co-fundadora do jornal *online* sobre tradução e interpretação da universidade australiana e tem papel pioneiro no treinamento e pesquisa sobre Interpretação Comunitária. Através do congresso *Critical Link*, a Universidade de Western Sydney conquistou renome mundial e liderança na comunidade internacional sobre o tema (GRADLIFE, 2010, p.6).

Segundo Hale, as pessoas tornam-se desconectadas quando não entendem a língua dominante. Através da tradução e da interpretação elas tornam-se capazes de compreender novos conteúdos. Dessa forma, a interpretação comunitária permite o acesso aos serviços públicos locais (GRADLIFE, 2010, p.6). Seu livro *Community Interpreting* (2007) apresenta um panorama da Interpretação Comunitária explorando a relação entre pesquisa, treinamento e prática profissional. Hale (2007) defende o entrosamento entre profissionais e pesquisadores para a busca da excelência na atuação de intérpretes comunitários.

No mesmo sentido, Franz Pöchhacker afirma:

Com o objetivo de instituir a interpretação comunitária como um campo de prática e de pesquisa no domínio dos Estudos da Interpretação, gostaria de explorar a ideia de “conexões” em várias dimensões - incluindo trajetória profissional, modelos e paradigmas. Obviamente, meu principal pressuposto é o de que a evolução da profissão implica reflexões sistemáticas e investigações acadêmicas, de tal forma que “profissão” e “pesquisa” sejam complementares (“conectadas”) e que um artigo focalizado na pesquisa deva ser relevante na esfera da profissionalização (PÖCHHACKER, 2010a, p.62).

Em sua fundamentação teórica, Hale (2007) divide a interpretação comunitária em duas grandes áreas de atuação: médica e legal. No contexto da interpretação legal, a professora analisa as entrevistas e interrogatórios policiais, as interações advogado-cliente, as audiências e os julgamentos judiciais. No âmbito das audiências judiciais, a autora destaca o papel do

intérprete comunitário nos depoimentos de imigrantes, notadamente refugiados e solicitantes de asilo, pela precariedade inerente à sua posição.

Nesse campo, o pesquisador canadense Robert Barsky (Vanderbilt University in Nashville, Tennessee, Estados Unidos) realizou um extenso trabalho de coleta de dados e análise de discurso envolvendo solicitantes de refúgio no Quebec em 1987. Barsky (1994) explica que sua pesquisa implicou a análise da transcrição de longos e sensíveis depoimentos, nos quais as pessoas relatavam suas então recentes e traumáticas experiências em seu país de origem. O autor ressalta o abismo linguístico e cultural existente na interação entre servidores públicos e solicitantes de refúgio no Canadá. Mais do que o obstáculo da língua, o imigrante precisa superar as diferenças colossais presentes na própria concepção de convívio social.

Segundo Hale (2007), a função do intérprete na interação com imigrantes, notadamente os solicitantes de refúgio em tribunais da Austrália, vem sendo definida desde a Convenção de Genebra de 1951. Assim, o intérprete deve ter independência profissional e atuar com ‘imparcialidade’ e ‘fidelidade’<sup>5</sup> ao conteúdo. O intérprete não deve acrescentar elucidações culturais ou mesmo auxiliar o depoente a completar seu raciocínio (HALE, 2007).

Apesar disso, pode-se deduzir que a pessoa do intérprete acrescenta algo na relação entre as duas partes. Trata-se de uma relação triangular na qual a mera presença do intérprete já interfere nas relações, partindo-se do pressuposto que não haveria diálogo entre as partes sem a mediação desse profissional. Mesmo que o intérprete procure seguir estritamente as recomendações listadas acima, a sua visão de mundo vai influenciar sua escolha de palavras. Ou seja, não existe intérprete ‘invisível’ na análise dialógica interacionista.

Mas como se posicionar diante do outro?

Blume e Peterle (2013) afirmam que a linguagem é um grande dispositivo, “pois ela tem a capacidade de controlar, moldar pensamentos e comportamentos por toda uma rede que

---

<sup>5</sup> Fidelidade e imparcialidade são conceitos complexos, amplamente estudados em Teoria da Tradução. Segundo Mark Shuttleworth (1997, p. 57), em seu *Dictionary of translation studies*, o termo ‘fidelidade’ (*fidelity, faithfulness*) tem sido tradicionalmente usado para medir e avaliar a qualidade das traduções e, mais recentemente, vem sendo substituído pelo termo equivalência. Dubois (1973, p. 221) afirma que equivalência pode ser definida como implicação recíproca. Para Pym (2017) equivalência significa tradução utilizando termos de valor similar.

está ao seu redor, da qual ela faz parte”. Nesse sentido, a tradução é um processo que envolve forças e tensões, inserindo-se em uma rede de ligações e relacionamentos que determinam sua assinatura (BLUME; PETERLE, 2013, p.12). E acrescentam:

Nessa perspectiva, uma tradução é o resultado de um intenso e imbricado processo de interação e troca, negociação, é uma reescrita. Como toda reescrita, percorre um caminho marcado por aspectos culturais e ideológicos, que podem ser, de alguma forma, identificados e recuperados no “produto” final por meio dos inúmeros traços, vestígios e rastros que permanecem na página (BLUME; PETERLE, 2013, p.13)

É possível inferir que mesmo que um profissional atue com absoluta discrição e imparcialidade, em seu íntimo, ele formará juízo de valores. Trata-se de uma pessoa que partilha da intimidade de seus clientes, vivenciando situações de fragilidade intrínseca. Assim, as perguntas e respostas poderão despertar sua concordância, indiferença ou aversão, sentimentos inerentes ao ser humano. Em outras palavras, não há que se falar em neutralidade e invisibilidade do intérprete comunitário.

Quando eu traduzo, eu traduzo tanto o outro em mim, quanto eu me traduzo no outro, encontrando através desse contato, dessa exposição, essa ‘prova ao estrangeiro’, de fontes linguísticas, de formas de pensar e de expressão que eram latentes e às quais eu reagi. Eu acolho o estrangeiro que se refugia na minha língua, mas eu também me refugio na língua dele. (LAPLANTINE, NOUSS, 2001, p. 563)<sup>6</sup>

Nessa linha, o ensaio de autoria de Mona Baker (2013) trata do modo ambíguo como são vistos tradutores e intérpretes ao atuarem em zonas de guerra, ora como amigos e aliados, ora como um mal necessário, potenciais ou reais traidores e, em ambos os casos, desfrutando de pouca visibilidade e proteção. Por outro lado, a pesquisadora chama a atenção para o importante papel que exercem ao participarem ativamente da narração da guerra, uma vez que não há como esperar plena neutralidade de qualquer tradutor e, além do mais, suas tarefas na zona de conflito muitas vezes extrapolam o âmbito das funções de um tradutor ou intérprete.

---

<sup>6</sup> Lorsque je traduis, je traduis autant l’autre en moi que je me traduis en l’autre, trouvant par ce contact, cette exposition, cette « épreuve à l’étranger », des ressources langagières, des modes de pensée et d’expression qui y étaient latents et que je réactive. J’accueille l’étranger qui se réfugie dans ma langue mais aussi je me réfugie dans la sienne.

No seio de um conflito armado, a oposição entre os dois lados evidencia a diferença entre ‘nós’ e ‘eles’. Nesse ambiente, a questão da confiança torna-se vital. Segundo Baker (2013):

o estrangeirismo em tempos de guerra pode ser tão perturbador que até mesmo linguistas que pertencem ao nosso grupo correm o risco de serem corrompidos pelo mero fato de que estes falam uma língua estrangeira, habilidade pela qual eles foram recrutados em primeiro lugar.[...] Tradutores e intérpretes possuem um papel significante ao moldar as narrativas, e, sendo assim, os acontecimentos que caracterizam qualquer guerra. Diversas partes precisam deles e os temem, neles confiam ou deles desconfiam, os respeitam ou os desprezam. Dependendo de diversos fatores, incluindo sua etnia, eles são narrados como vítimas ou vilões, como aliados confiáveis ou riscos de segurança.

Assim, é possível traçar um paralelo com imigrantes haitianos no Brasil. As diferenças culturais entre o ‘estrangeiro’ e o ‘nativo’ demandam um esforço de superação do estranhamento e um exercício de tolerância das diferenças para possibilitar a aceitação do outro. Nesse caminho de acolhida, é necessário desenvolver a compreensão da multiplicidade de perspectivas. Em outras palavras, a tolerância pressupõe o respeito pelo outro, não perdendo de vista que os conflitos de interesses ou valores são inerentes ao convívio humano.

Nessa orientação, o papel do intérprete comunitário como mediador envolve simultaneamente confiança e ética profissional. O imigrante que recorre ao serviço de interpretação comunitária geralmente não compreende a língua nem os costumes do país que o acolheu. Isso significa que ele precisa confiar na integridade do intérprete. Seria então possível inferir que a atuação do intérprete comunitário pode alterar completamente o rumo de uma comunicação. Ressalte-se aqui a importância do código de ética profissional.

Contudo, a interpretação comunitária envolve também pessoas sem formação específica na área, recrutadas apenas pelo relativo conhecimento das línguas em questão. Milton (2010) afirma: “Muitos dos estudos são críticos à falta de serviços de interpretação”. E exemplifica: “Um estudo clássico de Franz Pöchhacker e Mira Kadic mostra que faxineiras são utilizadas como intérpretes em hospitais na Áustria para traduzir para imigrantes dos países da antiga Iugoslávia”. (MILTON, 2010, p.12).

Um dos casos analisados descreve o comportamento de uma funcionária da limpeza de um hospital de Viena, Áustria, quando recrutada como intérprete *ad hoc*. Neste estudo de caso, o paciente e sua família, imigrantes de uma região da antiga Iugoslávia, que atualmente é a Bósnia, não possuíam o domínio do idioma alemão. A ‘intérprete’ recrutada, também imigrante da mesma região, sem qualificação adequada ou treinamento para a função, mesmo involuntariamente, causou interferência na comunicação terapeuta/paciente, prejudicando a qualidade e efetividade do tratamento. (PÖCHHACKER; KADRIC, 1999).

Interessante aqui verificar que as relações de poder existentes na mediação de intérpretes não dependem de status social, nível de escolaridade ou poder aquisitivo. A pessoa detentora de poder nessa triangulação é aquela que possui o conhecimento, mesmo que rudimentar, dos dois idiomas em questão. Tendo em vista que a Interpretação Comunitária envolve temas sensíveis relacionados ao âmbito privado da vida das pessoas, como oferecer aos imigrantes acesso a serviços de interpretação comunitária realizado por profissionais capacitados? Sem dúvida essa e outras questões abrem caminhos para estudos futuros nessa área.

No âmbito dos envolvimento linguísticos dos imigrantes haitianos no Brasil, é essencial destacar o papel da língua como o principal mecanismo de interação no convívio humano. Rotineiramente, os indivíduos constroem suas identidades embasadas na língua materna. A linguagem é parte constitutiva de cada ser humano, constitui-se um modo particular de percepção do mundo que o cerca. Assim, imigrantes, refugiados ou pessoas em trânsito precisam se ‘reinventar’ para ‘sobreviver’ em um novo ambiente cultural.

Castelain (2020) ressalta a importância do posicionamento ético na tradução, particularmente no âmbito das migrações internacionais, e destaca que “a tradução envolve uma atitude humana fundamental”. O autor afirma que “a tradução não pode mais ser entendida como mera transcodificação de uma mensagem de um sistema linguístico para outro, pois ela só tem sentido quando contextualizada”.<sup>7</sup> (CASTELAIN, 2020, p. 11).

---

<sup>7</sup> La traduction ne peut plus être appréhendée comme transcodage d’un message d’un système linguistique à l’autre, elle se trouve entendue ici comme événement de sens à part entière, et partant comme positionnement

Nessa conduta reflexiva, cabe aqui questionar as relações de poder mediadas por intérpretes. Partindo do pressuposto que o intérprete sempre acrescenta algo na relação entre as partes, qual deve ser a linha mestra de sua conduta profissional? Qual a lógica do pensamento ético nesse nicho profissional específico? Como se posicionar nos conflitos envolvendo representantes do serviço público (detentores do poder) e imigrantes em situação de fragilidade social? A ética profissional pode ser uma resposta.

## 2.4 Ética Profissional

Somos parte de um todo. Dependemos de outros seres humanos para sobrevivermos. Não conseguimos viver isoladamente. Nosso desenvolvimento é atingido a partir das interações com o meio e com a cultura em uma construção sociocultural com os outros seres humanos. É nessa convivência que aprendemos a respeitar os outros, a construir nossa personalidade moral, a refletir sobre os princípios de nossa sociedade e sobre nosso papel como cidadão na construção de uma sociedade mais justa. (MATTOS, 2012, p.5).

No desenvolvimento do ser humano a ética está intimamente relacionada à motivação do agir nas escolhas comportamentais individuais em face ao bem-estar coletivo. Destarte, a lógica do pensamento ético leva o indivíduo a se posicionar nas dicotomias clássicas, elaborando seu próprio juízo de valores nas fronteiras elásticas entre o bem e o mal, o certo e o errado, o justo e o injusto. Importante salientar que essa lógica individual do raciocínio ético pode variar na própria pessoa em face de circunstâncias distintas e, tratando-se de um grupo, uma mesma situação pode resultar em diferentes comportamentos e atitudes.

Mas o que seria ética afinal? Primeiramente, deve-se esclarecer que ética e moral não são termos sinônimos. Enquanto a moral refere-se aos costumes sociais, a ética refere-se às opções individuais. Assim, a ética envolveria as escolhas que a pessoa faz naturalmente, quando

---

éthique vis-à-vis de tout événement vivant. Elle concerne toutes les occurrences de rencontre des langues. Elle apparaît avec une intensité toute particulière dans le parcours de la personne migrante. Les situations d'interaction, de participation et de métissage dans la migration nous obligent à affronter la traduction et ses enjeux à nouveaux frais, sur le plan social et politique mais avant tout sur le plan éthique. La traduction implique une attitude humaine fondamentale.

não se sente observada ou coagida, ou seja, conduzida pela motivação interna, pelo próprio pensamento lógico. Em sentido amplo, a Ética pode ser conceituada como:

ramo da filosofia que tem por objetivo refletir sobre a essência dos princípios, valores e problemas fundamentais da moral, tais como a finalidade e o sentido da vida humana, a natureza do bem e do mal, os fundamentos da obrigação e do dever, tendo como base as normas consideradas universalmente válidas e que norteiam o comportamento humano. (MICHAELIS, 2018)

Dessa forma, uma reflexão ética envolve considerar valores e posturas que orientam o modo de pensar e de agir de um indivíduo em relação ao grupo social/profissional com o qual se relaciona. “Assim sendo, entra em jogo necessariamente algum tipo de valoração, daquilo que é bom ou ruim, positivo ou negativo, com suas devidas gradações, até o ponto em que algo é considerado absolutamente necessário ou interdito”. (OLIVEIRA, 2015, p.71).

Porém, os valores éticos não são conceitos estanques, dispondo de certa flexibilidade, já que muitas pessoas possuem o discernimento necessário para ponderar e

decidir quais critérios priorizar, ou mesmo estabelecer novos parâmetros, fazendo uso de sua autonomia de pensamento e ação como sujeito racional, moral e jurídico – sem com isso se desvincular da comunidade em que está inserido, até porque as decisões que tomar serão feitas sobre o pano de fundo de uma tradição herdada, com a qual terão de dialogar, podendo eventualmente vir a ser assimiladas e levar a uma (nova) regra geral dessa mesma comunidade. (OLIVEIRA, 2015, p.72)

Nessa percepção, a reflexão sobre valores éticos pode ser aplicada às relações profissionais e seus códigos de conduta. A ética, no âmbito das diversas atividades profissionais, implica responsabilidade social. Deve obedecer simultaneamente aos princípios éticos gerais e específicos da área de atuação profissional. Dessa forma, os códigos de conduta profissional visam orientar a atuação profissional prevendo os dilemas éticos. Nesse contexto, a ética trata da relação entre dois grupos com uma finalidade específica: profissionais e clientes, considerando o respeito à dignidade do ser humano e seu bem-estar.

Por exemplo, no Brasil, o Código de Ética Profissional do Servidor Público Civil do Poder Executivo Federal lista entre suas regras deontológicas os princípios éticos prioritários para essa categoria profissional: “a dignidade, o decoro, o zelo, a eficácia e a consciência dos princípios morais”. (DECRETO, 1994). E acrescenta ainda:

O servidor público não poderá jamais desprezar o elemento ético de sua conduta. Assim, não terá que decidir somente entre o legal e o ilegal, o justo e o injusto, o conveniente e o inconveniente, o oportuno e o inoportuno, mas principalmente entre o honesto e o desonesto [...]. A moralidade da Administração Pública não se limita à distinção entre o bem e o mal, devendo ser acrescida da ideia de que o fim é sempre o bem comum. O equilíbrio entre a legalidade e a finalidade, na conduta do servidor público, é que poderá consolidar a moralidade do ato administrativo. (DECRETO, 1994).

Outros valores éticos relativos ao servidor público são: a probidade, a dedicação, a cortesia, a legalidade, a impessoalidade, a moralidade e a eficiência. Com esse espírito, o código de ética do servidor público apresenta, entre os principais deveres dessa categoria profissional:

ser cortês, ter urbanidade, disponibilidade e atenção, respeitando a capacidade e as limitações individuais de todos os usuários do serviço público, sem qualquer espécie de preconceito ou distinção de raça, sexo, nacionalidade, cor, idade, religião, cunho político e posição social, abstendo-se, dessa forma, de causar-lhes dano moral. (DECRETO, 1994).

Em síntese, a conduta ética do servidor público deve se pautar no equilíbrio, na imparcialidade, na urbanidade, na dignidade, no zelo, no sigilo e na responsabilidade, sem discriminar qualquer pessoa por motivo de gênero, classe social, etnia, nacionalidade ou crença.

A conduta das pessoas interfere no funcionamento das organizações e traz impactos para a sociedade. Por essa razão, o desenvolvimento da consciência ética é fundamental para garantir o respeito ao interesse público, à cidadania, ao estado de direito e à democracia. (OIM; DPU, 2018).

Em relação aos Estudos da Tradução e Interpretação, o indivíduo deve lembrar-se das diferenças culturais e não cair na armadilha de universalizar seus próprios valores. Oliveira lembra que “a tradução ocorre, por definição, na interface entre diferentes culturas, requerendo decisões não raro muito complexas” (OLIVEIRA, 2015, p.79) e ressalta que “o conflito de interesses ou valores é algo inerente ao convívio humano, e que temos, portanto, de tomar decisões priorizando uma solução ou outra, com seus prós e contras” (OLIVEIRA, 2015, p.85).

Especificamente no campo da interpretação no serviço público, Oliveira destaca o ‘conflito de lealdades’ vivenciado pelos intérpretes “pois não há como dar respostas ‘claras e objetivas’ aos agentes do sistema jurídico quando os parâmetros para isso não existem na língua e cultura da vítima.” (OLIVEIRA, 2015, p.91). E aconselha:

Além de respeitar as normas consolidadas de sua profissão e engajar-se em seu aprimoramento, também cabe ao tradutor ir além ou ficar aquém delas, chamando para si a responsabilidade quando os códigos existentes não derem conta de todos os aspectos envolvidos. É assim que entendo a ética da tradução em um sentido amplo, consoante com as acepções do conceito elaboradas em um debate mais que milenar. A ética também não está pronta, depende de nós para viver e se transformar. (OLIVEIRA, 2015, p.95)

Nesse encadeamento, cabe aqui o exemplo do código de ética desenvolvido no Canadá como um guia nacional para padronizar os serviços de interpretação no serviço público, ou Interpretação Comunitária. Publicado em 2007, o *National Standard Guide for Community Interpreting Services* [Guia Padrão Nacional para Serviços de Interpretação Comunitária], lista os princípios éticos envolvidos na mediação linguística em questão. Segundo o documento, “padrões para a prática e princípios éticos são diretrizes complementares para equipar um intérprete com parâmetros claros para a prestação de serviço de interpretação de qualidade” (CANADA, 2007)<sup>8</sup>.

Segundo o código de ética canadense, desenvolvido especialmente para a área da interpretação comunitária:

O papel do intérprete é facilitar a comunicação verbal transmitindo, com a maior fidelidade possível, uma mensagem entre duas partes que não compartilhem um idioma comum. Para o propósito deste Guia, ‘fielmente’ é definido como uma interpretação que preserve o significado da mensagem, sem omissões, acréscimos ou alterações. (CANADA, 2007)<sup>9</sup>.

E ainda:

Interpretação comunitária (também conhecida como interpretação institucional) geralmente é feita no modo consecutivo em uma interação semelhante a um diálogo. Permite a comunicação entre os clientes (não fluentes em inglês ou francês) e provedores de serviços públicos, tais como: saúde, agências governamentais, centros comunitários, ambientes legais, instituições educacionais e serviços sociais. (CANADA, 2007)<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Standards of practice and ethical principles are complementary guideposts to equip an interpreter with clear parameters for delivery of quality interpretation service.

<sup>9</sup> The role of the interpreter is to facilitate verbal communication by conveying as faithfully as possible a message between two parties who do not share a common language. For the purpose of this Guide, “faithfully” is defined as interpretation that preserves the meaning of the message, without omissions, additions or alterations.

<sup>10</sup> Community interpreting (also known as institutional interpreting) is usually done in the consecutive mode in a dialogue-like interaction. It enables communication between LEP/LFP speakers and providers of public services

O conceito de Interpretação Comunitária pode ainda ser delimitado como “interpretação bidirecional que ocorre no curso da comunicação entre falantes de diferentes idiomas”. (CANADA, 2007)<sup>11</sup>. Em relação aos termos mais utilizados para se referir à área da Interpretação Comunitária, o documento explica:

Outros termos vem sendo usados para descrever a interpretação comunitária, como ‘interpretação no serviço público’, ‘interpretação cultural’, ‘interpretação de diálogo’, ‘interpretação institucional’, ‘interpretação de ligação’ e ‘interpretação *ad hoc*’. No entanto, interpretação comunitária continua sendo o termo mais aceito no Canadá. (CANADA, 2007)<sup>12</sup>.

Segundo o código de ética canadense, os eventos mediados pelo intérprete comunitário geralmente são consultas médicas, procedimentos legais, entrevistas, instruções em sala de aula, negociações, reuniões, apresentações e encontros com a imprensa. Nessas interações linguísticas, o profissional da Interpretação Comunitária deve se guiar pelos seguintes princípios éticos: precisão, fidelidade, confidencialidade, imparcialidade, respeito pelas pessoas, respeito aos limites da função, responsabilidade, profissionalismo, atualização profissional contínua. (CANADA, 2007).

Este regulamento orienta a postura ética dos intérpretes comunitários afirmando que esses profissionais devem: “se esforçar para processar todas as mensagens em sua totalidade com precisão, da forma mais fiel possível e com o melhor de sua habilidade, sem qualquer adição, distorção, omissão ou embelezamento do significado”<sup>13</sup>. Além disso, os intérpretes precisam resguardar a confidencialidade nas relações profissionais. Por isso, “não divulgarão e tratarão como confidenciais todas as informações aprendidas, pronunciadas ou escritas no desempenho de suas funções profissionais, ao mesmo tempo em que aderem aos requisitos relevantes relativos à divulgação”<sup>14</sup>. Outrossim, a imparcialidade deve ser mantida, pois

---

such as: healthcare, government agencies, community centres, legal settings, educational institutions, and social services.

<sup>11</sup> Bidirectional interpreting that takes place in the course of communication among speakers of different languages.

<sup>12</sup> Other terms have been used to describe community interpreting such as "public service interpreting", "cultural interpreting", "dialogue interpreting", "institutional interpreting, "liaison interpreting" and "ad hoc interpreting". However, community interpreting remains the most widely accepted term in Canada.

<sup>13</sup> Interpreters strive to render all messages in their entirety accurately, as faithfully as possible and to the best of their ability without addition, distortion, omission or embellishment of the meaning.

<sup>14</sup> Interpreters will not disclose and will treat as confidential all information learned, either uttered or written in the performance of their professional duties, while adhering to relevant requirements regarding disclosure.

intérpretes não devem “demonstrar preferência ou preconceito a qualquer parte envolvida na situação interpretada”<sup>15</sup>. (CANADA, 2007).

Outras normas de natureza ética orientam os intérpretes a “demonstrar respeito por todas as partes envolvidas no encontro profissional”<sup>16</sup> e a “desempenhar suas funções profissionais dentro de seu papel prescrito, evitando o envolvimento pessoal”<sup>17</sup>. Os intérpretes comunitários “são responsáveis pela qualidade da interpretação fornecida perante todas as partes e organizações envolvidas no serviço”<sup>18</sup>, devendo “agir sempre de maneira profissional e ética.”<sup>19</sup> Finalmente, o código de ética canadense recomenda uma contínua atualização profissional, “reconhecendo que as línguas, os indivíduos e os serviços evoluem e mudam com o tempo, e um intérprete competente se esforça para manter a interpretação de qualidade”<sup>20</sup>. (CANADA, 2007).

Como já citado, Hale afirma que o intérprete comunitário pode atuar na área médica ou legal. No âmbito da interpretação legal, a autora analisa as interações profissionais no contexto das entrevistas com estrangeiros, mediadas por intérpretes, no transcorrer de investigações policiais. (HALE, 2007, p.65). Esse domínio de estudos é conhecido por Interpretação Forense.

## 2.5 Interpretação Forense

A Interpretação Forense, também chamada de Interpretação Legal, Jurídica ou Judicial é uma profícua área de estudos. Em nota introdutória a uma edição da revista *online Linguagem e Direito* dedicada especialmente à interpretação em contexto judicial, os editores Coulthard e

---

<sup>15</sup> Interpreters strive to maintain impartiality by showing no preference or bias to any party involved in the interpreted encounter.

<sup>16</sup> Interpreters demonstrate respect towards all parties involved in the interpreted encounter.

<sup>17</sup> Interpreters strive to perform their professional duties within their prescribed role and refrain from personal involvement.

<sup>18</sup> Interpreters are responsible for the quality of interpretation provided and accountable to all parties and the organizations engaging the interpreter’s service.

<sup>19</sup> Interpreters at all times act in a professional and ethical manner.

<sup>20</sup> Interpreters commit themselves to life long learning in recognition that languages, individuals, and services evolve and change over time and a competent interpreter strives to maintain the delivery of quality interpretation.

Hale ressaltam a crescente necessidade de intérpretes forenses decorrente dos fluxos de imigrantes no cenário mundial atual. Essa edição reuniu autores de cinco continentes cujos artigos identificam problemas enfrentados em seus países, acompanhados de exemplos de soluções bem-sucedidas, além de propostas para avaliar a qualidade da prestação de serviços de interpretação. (COULTHARD; HALE, 2016)

Nessa edição da revista, Eades e Pavlenko publicaram um artigo apresentando algumas “orientações para comunicação de direitos a falantes não nativos de inglês na Austrália, Inglaterra e País de Gales, e Estados Unidos da América”. Segundo as pesquisadoras, “as orientações são de autoria do grupo internacional *Communication of Rights* (CoRG), que agrega 21 linguistas, psicólogos, juristas, juristas-linguistas e intérpretes”. Essa entidade internacional elaborou um documento em linguagem acessível com recomendações direcionadas aos “agentes policiais, juristas, juízes e oficiais de justiça” embasadas em investigação linguística e psicologia. (EADES; PAVLENKO, 2016, p.45).

Em relação ao direito de permanecer em silêncio em interrogatórios policiais, as autoras esclarecem que essa concessão legal se refere à presunção de inocência dos investigados até que se prove o contrário. Segundo Eades e Pavlenko, na Austrália, Estados Unidos, Inglaterra e País de Gales esse direito é geralmente comunicado ao depoente no início do interrogatório policial. Todavia, “pesquisas mostram que mesmo falantes nativos de inglês nem sempre entendem seus direitos: sua compreensão é afetada por fatores individuais, como nível de instrução e habilidades cognitivas, pela redação dos direitos e por fatores situacionais, incluindo estresse e estratégias de banalização utilizadas pela polícia”<sup>21</sup>. (EADES; PAVLENKO, 2016, p.46).

Importante ressaltar que

os problemas são ainda maiores entre populações vulneráveis, incluindo jovens, pessoas com transtornos mentais e pessoas com proficiência limitada em inglês, que podem entender informações básicas, mas não compreendem os termos legais, como ‘renúncia’, ou frases complexas, como ‘tudo o que

---

<sup>21</sup> Research shows that even native speakers of English do not always understand their rights: their comprehension is affected by individual factors, such as their level of education and cognitive abilities, by the wording of the rights, and by situational factors, including stress and trivialization strategies used by the police.

you say can and will be used against you in a court of law'.<sup>22</sup> (EADES; PAVLENKO, 2016, p.46).

Na mesma edição da revista *Linguagem e Direito*, Kredens publicou um artigo sobre o papel do intérprete no contexto do serviço público. O autor apresenta os resultados de um projeto de pesquisa envolvendo agentes policiais e intérpretes forenses no âmbito do sistema jurídico da Inglaterra e País de Gales. A investigação partiu de exemplos de situações práticas na qual os entrevistados deveriam tomar decisões de natureza ética em interrogatórios policiais. Os dados revelaram não existirem grandes divergências entre policiais e intérpretes na postura ética adotada em cada situação analisada. Foi possível verificar que o objetivo de ambas as categorias profissionais era a eficiência da comunicação.

O foco foi verificar como policiais e intérpretes podem trabalhar juntos em harmonia para assegurar o acesso à justiça àqueles que não conseguem se comunicar em inglês. Relevante enfatizar que durante as investigações policiais, na Inglaterra e País de Gales, as entrevistas com suspeitos costumam ser gravadas, podendo inclusive ser ouvidas nos tribunais de julgamento, se necessário. (KREDENS, 2016, p.66).

Em outro artigo publicado na mesma edição da revista *Linguagem e Direito*, O'Laughlin (2016) aborda questões linguísticas e culturais em casos criminais americanos. O texto versa sobre o recente desenvolvimento da profissão do intérprete em tribunais nos Estados Unidos. O autor explica a importância do perito linguista pois,

a pessoa que precisa de intérprete precisa também, por vezes, de um perito, seja para explicar palavras, costumes, ou atitudes estrangeiras, para impugnar uma interpretação de qualidade inferior, ou para demonstrar que essa pessoa seria incapaz de dizer em inglês o que ela supostamente disse. Atualmente as provas são frequentemente apresentadas noutra língua que não o inglês, sendo necessário um perito, caso cientificações não tenham sido entendidas ou declarações não tenham sido traduzidas adequadamente. (O'LAUGHLIN, 2016, p.3).

---

<sup>22</sup> The problems are even greater among vulnerable populations, including juveniles, people with mental disorders, and speakers with limited English proficiency who may be able to conduct basic transactions, but do not understand legal terms, such as 'waiver', or complex sentences, such as 'Everything you say can and will be used against you in a court of law.'

No mesmo paradigma, podemos exemplificar com informações globais, pois “Londres está atualmente composta por 40% de residentes internacionais, assim como várias outras grandes capitais. Um grande número de pessoas está em movimento em todo o mundo.”<sup>23</sup> Nos Estados Unidos, tendo em vista o crescente número de imigrantes oriundos da América Latina e da Ásia, a diversidade linguística atual é bastante significativa no país. Segundo O’Laughlin (2016), existem mais de 350 diferentes idiomas sendo falados nos lares americanos. Além disso, cerca de “21% da população norte-americana atual fala um idioma diferente do inglês quando está em casa, de acordo com o relatório de outubro de 2014 do *US Census Bureau*”<sup>24</sup>. (O’LAUGHLIN, 2016, p.4).

Nesse cenário, conforme já ressaltado por Coulthard e Hale, verifica-se um considerável aumento da demanda por intérpretes no serviço público de diferentes países. Vislumbra-se aqui a importância da formação profissional específica para intérpretes forenses visando a melhoria da qualidade na prestação de serviços essenciais, notadamente nos processos envolvendo imigrantes em situação de vulnerabilidade, como solicitantes de refúgio e asilo.

Nessa profissão peculiar, reiterando que os conflitos de valores são inerentes ao convívio humano e que a atividade profissional implica responsabilidade social, o intérprete forense deve pautar sua conduta nos códigos de ética específicos. Nessa acepção, Hale comparou dezesseis códigos de ética provenientes de nove diferentes países: Austrália, Áustria, Canadá, Colômbia, Indonésia, Irlanda, Reino Unido, Espanha e Estados Unidos. (HALE, 2007, p.107).

Em suas ponderações sobre o tema, Hale afirma:

Um código de ética, em suas muitas versões, não fornece descrições detalhadas ou discussões aprofundadas sobre a natureza complexa do processo de interpretação, as controvérsias em torno da noção de imparcialidade absoluta ou da possível necessidade de desrespeitar a cláusula de confidencialidade sob certas circunstâncias. Diversos códigos inclusive recomendam a necessidade de uma avaliação profissional para aplicar as diretrizes gerais do código. Esperar que um código de ética cubra

---

<sup>23</sup> London is now composed of 40% international residents, as are several other major capitals. Large numbers of people are on the move all over the globe.

<sup>24</sup> 21 percent of the US population now speaks a language other than English when at home, according to the October (2014) Report of the US Census Bureau.

detalhadamente todos os diferentes aspectos de uma profissão tão complexa é irrealista e incoerente com outras profissões.<sup>25</sup> (HALE, 2007, p.134).

Então, considerando que os códigos de ética funcionam como linhas mestras de conduta, mas deixam ao profissional a aplicação prática de seus conceitos, segundo recomendação de Hale, esse debate sobre escolhas de caráter ético em casos específicos deveria ocorrer em treinamentos formais preparatórios ao exercício da profissão e também em cursos de capacitação contínua para intérpretes. Paradoxalmente, “a maioria dos intérpretes pesquisados se baseou mais fortemente no código quando confrontados por dilemas éticos e ficaram gratos por serem guiados por ele”<sup>26</sup>. (HALE, 2007, p.135).

Concluindo suas ponderações, Hale declara:

O código precisa ser interpretado corretamente como um guia geral para os profissionais para ajudá-los a fazer suas melhores avaliações profissionais. A teoria e as habilidades da prática de interpretação devem ser aprendidas e debatidas no treinamento formal. Um código de ética não consegue cumprir esse papel.<sup>27</sup> (HALE, 2007, p.135)

Necessário reforçar a importância de um constante diálogo entre a Academia e a prática profissional com o objetivo de incentivar pesquisas de campo que forneçam dados para análises metodológicas visando aprimorar o exercício profissional. Esse movimento contínuo pode aperfeiçoar o padrão das interações linguísticas no contexto da interpretação forense.

Ressalta-se aqui a relevância da comunicação permanente entre os estudos acadêmicos e o exercício profissional, no sentido de unir esforços multidisciplinares a fim de atingir a excelência no treinamento continuado de intérpretes forenses. Em um círculo virtuoso, a experiência prática do intérprete forense nas interações linguísticas pode fundamentar novas

---

<sup>25</sup> A code of ethics, in its many versions, does not provide any detailed descriptions or in-depth discussion of the complex nature of the interpreting process, the controversies surrounding the notion of absolute impartiality or of the possible need to flout the confidentiality clause under certain circumstances. A number of the codes indeed advise that professional judgement is required to apply the general guidelines of the code. Expecting a code of ethics to cover all the many different aspects of such a complex profession in detail is unrealistic and inconsistent with other professions.

<sup>26</sup> Interestingly, the majority of the interpreters surveyed relied most strongly on the code when confronted by ethical dilemmas and were grateful to be guided by it.

<sup>27</sup> The code needs to be interpreted correctly as a general guide to practitioners to help them make their best professional judgements. The theory and skills of the interpreting practice must be learned and debated in formal training. A code of ethics cannot fulfil that role.

teorias acadêmicas que gerem novas pesquisas de campo cujas descobertas ajudem a melhorar a qualidade dos serviços de interpretação forense e assim sucessivamente.

Pöchhacker compreende a interpretação como processo cognitivo, habilidade linguística e prática social. O autor relembra a tradição de “treinamento de habilidades práticas” no “modelo mestre-aprendiz” para tradutores e intérpretes, mas ressalta a importância da “aquisição acadêmica de conhecimento abstrato” na formação profissional ao afirmar que “as duas áreas (prática e pesquisa) estão estreitamente ligadas”. (PÖCHHACKER, 2010b, p.3). Nessa perspectiva, acrescenta:

Lembremos que “pesquisa” é entendida aqui como uma forma de gerar conhecimento, de acordo com certas regras e procedimentos aceitos, o uso ou propósito fundamental da pesquisa, na formação de intérpretes, seria a compreensão mais profunda e intersubjetiva do fenômeno como tal. Ou seja, o de interpretar como prática. Esse tipo de “pesquisa básica” é simplesmente um modo e, idealmente, uma forma particularmente confiável de ampliar nosso conhecimento sobre interpretação para além da experiência profissional que se espera que cada instrutor de interpretação traga para a tarefa a ser realizada. A pesquisa, nesse sentido, gera conhecimento, que é relevante para o ensino e a aprendizagem na sala de aula de interpretação (e fora dela). (PÖCHHACKER, 2010b, p. 5).

Outra questão profissional que afeta de forma mais direta o ensino e as práticas de avaliação se refere às expectativas dos usuários de serviços de interpretação. Qual é o nível de importância da qualidade da voz do intérprete, por exemplo, ou da entonação?

[...] os experimentos da Sandra Hale (2004), em contextos jurídicos, demonstraram que o estilo de fala de um intérprete, por si só, pode afetar a maneira como uma testemunha no tribunal é avaliada pela competência, credibilidade e inteligência. Não é preciso dizer que os resultados dessas pesquisas devem ser levados em conta na sala de aula de interpretação e, certamente, no momento da avaliação. (PÖCHHACKER, 2010b, p.6).

O panorama teórico apresentado, evidencia a complexidade da atuação de intérpretes em geral, notadamente em situações de vulnerabilidade social, como a vivenciada por imigrantes haitianos em Florianópolis. Percebe-se a dimensão dos desafios a serem enfrentados para o acolhimento linguístico dessas pessoas. Dessa forma, propomos explorar algumas relevantes iniciativas coordenadas por entidades públicas e privadas no Brasil no apoio à (re)integração de imigrantes.

### 3 IMIGRAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, a história da imigração foi marcada pela chegada dos colonos portugueses a partir de 1530. Durante o período colonial, a imigração portuguesa foi a mais expressiva. Posteriormente, até o final do século XIX, houve a migração forçada de negros africanos como mão de obra escravizada. O Brasil recebeu escravizados africanos destinados prioritariamente aos engenhos de açúcar da Região Nordeste. Nessa época, a população brasileira era formada por uma composição de brancos de origem europeia, negros de origem africana e indígenas. Na história do Brasil houve uma grande miscigenação de raças, o que gerou uma identidade nacional singular e um povo marcadamente mestiço, tanto na aparência como na cultura.

Já nas primeiras décadas do século XIX, imigrantes europeus vieram ao Brasil em busca de melhores oportunidades de trabalho. Após a abolição da escravatura no Brasil, em 1888, o governo brasileiro incentivou fortemente a vinda de imigrantes europeus como mão de obra alternativa, especialmente nas lavouras de café. No início do século XX, muitos imigrantes vieram em decorrência das duas grandes guerras mundiais que atingiram o continente europeu. Cabe aqui ressaltar que o fenômeno da migração, seja de entrada (imigração) ou de saída (emigração), em geral ocorre de forma voluntária, ao contrário dos escravizados africanos que foram forçados a abandonar a África e a trabalhar em países desconhecidos, em condições geralmente degradantes.

No último século, o Brasil recebeu imigrantes oriundos principalmente de Portugal, Itália, Espanha, Alemanha e Japão. Em menor número, imigrantes vieram de outros países como Suíça, China, Coreia do Sul, Polônia, Ucrânia, França, Líbano, Israel, Bolívia e Paraguai. Segundo o historiador Darcy Ribeiro:

O contingente imigratório europeu integrado na população brasileira é avaliado em 5 milhões de pessoas, quatro quintas partes das quais entraram no país no último século. (RIBEIRO, 2004, p.241)

De acordo com os dados apresentados pelo pesquisador em sua obra *O povo brasileiro* (2004), a população brasileira era basicamente constituída pela miscigenação de europeus (majoritariamente portugueses), índios e negros quando recebeu grande volume de imigrantes

no período entre 1886 e 1930, sobretudo portugueses (1,7 milhão), italianos (1,6 milhão), espanhóis (700 mil), alemães (250 mil), japoneses (230 mil). (RIBEIRO, 2004, p.241)

### 3.1 Políticas Públicas

Em território brasileiro, apesar de existirem iniciativas governamentais de apoio aos imigrantes, sobretudo nos grandes centros urbanos como São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Brasília/DF e Porto Alegre/RS, destacam-se ações humanitárias pontuais de diversas Organizações Não Governamentais - ONG que visam o acolhimento e integração dessas pessoas. Dentre essas ações de caráter humanitário, podemos citar o ensino de português como língua estrangeira e oficinas de trabalhos manuais. Cabe destacar o papel da Igreja Católica, através da instituição *Cáritas*, e sua relevante atuação social no apoio aos imigrantes.

A *Cáritas Brasileira* é uma entidade de promoção e atuação social que trabalha na defesa dos direitos humanos, da segurança alimentar e do desenvolvimento sustentável solidário. Sua atuação é junto aos excluídos e excluídas em defesa da vida e na participação da construção solidária de uma sociedade justa, igualitária e plural. (CÁRITAS, 2017)

Nesse cenário, através de um acordo de cooperação firmado entre o Ministério do Trabalho, por meio do Conselho Nacional de Imigração, e a Universidade de Brasília – UnB, foi instituído o Observatório das Migrações Internacionais – ObMigra. Esse centro de pesquisas visa “ampliar o conhecimento sobre os fluxos migratórios internacionais no Brasil, mediante estudos teóricos e empíricos, e apontar estratégias para a inovação social de políticas públicas dirigidas às migrações internacionais” (MT, 2018).

Nessa percepção, Mirelle Amaral de São Bernardo desenvolveu sua tese intitulada *Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil* (Universidade de São Carlos, 2016). O objetivo da pesquisa foi “refletir sobre o papel da língua na inserção social e a utilização de material didático específico para refugiados e imigrantes” (SÃO BERNARDO, p. 90, 2016) tendo em vista que “a barreira linguística é um dos desafios principais enfrentados por imigrantes de qualquer ordem no que se refere à adaptação a uma sociedade de acolhimento”. (SÃO BERNARDO, 2016, p.63).

Importante destacar o estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, no ano de 2015, coordenado por Liliana Lyra Jubilut. A partir dos dados coletados, conclui-se que:

entre os obstáculos institucionais destacam-se o idioma (como uma barreira primária e primordial para o atendimento e a proteção aos imigrantes), a falta de recursos humanos (que prejudica a qualidade do atendimento bem como o levantamento de dados específicos sobre migrações e imigrantes no país) e a falta de capacitação (sobre os temas migratórios, sobre as peculiaridades dos imigrantes e também sobre as diretrizes e regras da migração e dos direitos humanos no país). Em face disso, verifica-se que é preciso uma reavaliação integral da acolhida e proteção aos imigrantes no país para que a mesma seja pautada pelos direitos humanos. (IPEA, 2015, p.151)

Entre as recomendações apontadas pela pesquisa, podemos destacar duas:

Que o atendimento e o acesso a informações seja possível em outros idiomas, bem como que haja pessoal especializado no domínio de outras línguas para a realização do atendimento; Que se incentivem pesquisas e estudos com ênfase nos imigrantes (sujeitos) e não apenas nas migrações (fenômeno) a fim de aproximar a temática e a lógica dos direitos humanos das questões migratórias e permitir a proteção integral aos imigrantes; (IPEA, 2015, p.152).

Como a perspectiva de que acolher imigrantes envolve solidariedade social e apoio institucional, para responder às necessidades de vítimas de perseguição e intolerância torna-se essencial definir uma política, em âmbito nacional, de integração social por meio de ações visando ao envolvimento linguístico e uma consequente absorção cultural desses grupos de estrangeiros.

Nessa linha, diferentes universidades brasileiras têm construído suas próprias estratégias de acolhimento e integração de imigrantes e refugiados em suas regiões de influência.

### **3.2 Iniciativas da UFSC**

Nesse cenário, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC destaca-se na vanguarda do contexto brasileiro com três relevantes projetos de apoio humanitário a imigrantes e refugiados. No âmbito de apoio linguístico, o *Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português*

*Língua Estrangeira* – NUPLE possui um projeto de extensão denominado *Português como Língua de Acolhimento* – PLAM com o objetivo de acolher estrangeiros em situação de vulnerabilidade (visto humanitário ou refúgio). Do ponto de vista psicológico, o *Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas* - NEMPsiC, através do projeto de extensão denominado *Clínica Intercultural*, oferece um espaço de escuta e atendimento psicológico especializado para refugiados e imigrantes.

No âmbito das Relações Internacionais e do Direito, o Centro de Pesquisas Eirenè criou o *Núcleo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados* – NAIR. Trata-se de um projeto de extensão voltado ao acolhimento e integração, do ponto de vista da legalidade, tanto de estudantes estrangeiros quanto de imigrantes em situação de vulnerabilidade. O NAIR promovia as suas atividades junto ao Centro de Referência no Acolhimento a Imigrantes e Refugiados - CRAI, entidade estabelecida pela Ação Social Arquidiocesana – ASA, com sede no centro de Florianópolis.

A seguir, traremos mais informações sobre esses projetos de extensão.

### **3.2.1 Português como Língua de Acolhimento/NUPLE**

O ensino de *Português como Língua de Acolhimento* - PLAM é um projeto de extensão do *Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português* – NUPLE visando oferecer aulas gratuitas a imigrantes em situação de vulnerabilidade. O PLAM foi lançado em 2016 com foco no grande número de imigrantes haitianos e sírios recém-chegados à Florianópolis. Além disso, em 2018 foram registrados alunos originários de países como Venezuela, Colômbia, Senegal, Filipinas e Palestina, entre outros.

As aulas de *Português Língua Estrangeira* - PLE são ministradas por professores e ajudantes voluntários, treinados pelo NUPLE. Tanto as aulas quanto as entrevistas preliminares ocorrem em português. Contudo, os docentes e seus auxiliares são geralmente oriundos dos cursos de Letras – línguas estrangeiras e Relações Internacionais, possuindo então fluência em outros idiomas. Não foi prevista a atuação de tradutores e intérpretes no projeto. Mesmo assim, alguns alunos haitianos se dispõem espontaneamente a auxiliar seus colegas durante as

explicações em sala de aula. Atuam como intérpretes amadores voluntários. Atitude devidamente orientada e delimitada pelos coordenadores do projeto.

O conteúdo ofertado no curso de PLE é fundamentado em temas do cotidiano como, por exemplo, saúde, trabalho e compras. A intenção inicial é de auxiliar os alunos nas suas dificuldades preliminares de interação oral através da língua portuguesa. Posteriormente são apresentados textos simples e informativos, com o objetivo de exercitar a compreensão e a expressão escrita. Noções gerais de história e cultura brasileiras são também oferecidas com objetivo de facilitar a compreensão da vida cotidiana no Brasil.

Não existe processo seletivo para o ingresso no curso que é oferecido em dois níveis: iniciante e intermediário. A triagem inicial para o nivelamento é realizada por estudantes voluntários da própria UFSC. Os futuros alunos são geralmente encaminhados por associações de amparo aos imigrantes, como por exemplo o Centro de Referência no Acolhimento a Imigrantes e Refugiados – CRAI, em Florianópolis. Tendo em vista a alta rotatividade de alunos, não são realizadas avaliações de desempenho ou provas. O aluno que frequentar 75% do curso terá direito a um comprovante de conclusão. Este comprovante de frequência não atesta a proficiência em português. Para este fim específico, existe o exame *Celpe-Bras*, prova de proficiência em Português Língua Estrangeira – PLE, criada em 1998 pelo Ministério da Educação - MEC. Atualmente, o NUPLE é responsável pela aplicação do exame *Celpe-Bras* na UFSC que possibilita a obtenção do *Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros*, único certificado brasileiro reconhecido oficialmente. (NUPLE/UFSC, 2019).

O *Celpe-Bras* é um exame comunicativo que avalia as quatro habilidades linguísticas: produção da fala, compreensão oral, produção escrita, e compreensão escrita, e é composto de duas partes. Em uma delas, a compreensão oral e escrita e a produção escrita do candidato são avaliadas; na outra, os candidatos são avaliados com relação à sua competência em compreensão e produção oral. O exame permite que os candidatos obtenham quatro níveis de certificação: intermediário, intermediário superior, avançado, e avançado superior. (SILVEIRA; XHAF AJ, 2017).

O NUPLE oferece também cursos completos e formais de PLE no âmbito do Extracurricular/UFSC. São oferecidos os níveis iniciante, intermediário e avançado, ao longo de 5 semestres, com a carga horária de 60 horas/aula por semestre. Trata-se do curso ideal

visando à preparação para o exame *Celpe-Bras*, principalmente em relação às competências relacionadas à escrita do português.

Nessa conjunção, a legislação exige que o imigrante solicitante de naturalização no Brasil apresente comprovante de sua “capacidade de se comunicar em língua portuguesa”. A Portaria Interministerial nº 16/2018, determina que a proficiência em PLE pode ser comprovada por meio da apresentação de um certificado de aprovação no exame *Celpe-Bras* ou certificado de conclusão de curso de PLE para imigrantes ou “aprovação em avaliação da capacidade de comunicação em língua portuguesa aplicado por instituição de ensino superior reconhecida pelo Ministério da Educação”, entre outras formas de comprovação. (IN, 2019)

### 3.2.2 Clínica Intercultural/NEMPsiC

A *Clínica Intercultural* é um projeto de extensão desenvolvido pelo *Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas* - NEMPsiC. Segundo informações do site:

O Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas (NEMPsiC) interessa-se pela temática dos processos migratórios e respectivos impactos nas diversas dimensões do sujeito, especialmente no que diz respeito ao âmbito psíquico. Compreende-se a dimensão cultural tanto como o lugar central na expressão dos sintomas psicológicos quanto como parte integrante da personalidade de cada sujeito. O processo migratório implica não somente o deslocamento geográfico, mas também a experiência de passar a conviver com a diferença. Migrar consiste igualmente no rompimento de vínculos, de perdas, mesmo quando temporárias, do referencial cultural, de um lugar social, de uma realidade já familiar. As mudanças que ocorrem em todas essas dimensões geram estranhamento, o que pode levar a um estado de vulnerabilidade psíquica. Os refugiados trazem consigo uma especificidade ainda maior de tal experiência, dado o caráter involuntário do deslocamento. (NEMPsiC, 2018)

Nessa lógica, a *Clínica Intercultural* é “um serviço de atendimento psicológico especializado em problemáticas complexas de saúde mental apresentadas por refugiados e imigrantes” cujo objetivo é disponibilizar “um espaço de escuta sensível ao encontro entre as culturas”. (NEMPsiC, 2018)

O modelo clínico inspirou-se no projeto criado e desenvolvido, em 2000, por Jean-Bernard Pocreau e Lucienne Martins Borges, no *Service d'Aide Psychologique Spécialisée aux*

*Immigrants et Réfugiés* - SAPSIR, na Université Laval, Canadá. “Dentro do possível, os atendimentos são feitos na língua materna do paciente, o que implica na participação de um intérprete/mediador cultural se necessário.” (NEMPsiC, 2018)

Segundo Martins-Borges, a função da cultura é primordial na constituição do sujeito. A autora parte de sua “experiência em Psicologia Clínica, da prática de escuta, do atendimento e do acolhimento de imigrantes e refugiados, há mais de 15 anos, no Canadá e no Brasil” para tecer suas conclusões sobre o tema.

Políticas públicas destes dois países – do Brasil e do Canadá –, em ritmos diferentes, vêm se mostrando cada vez mais atentas à adaptação de seus recursos (financeiros e humanos) para o melhor acolhimento dos refugiados. Portanto, pode-se perceber que, durante as etapas do processo de inserção no país de acolhimento, o refugiado depara-se com certas limitações quando se dirige às instituições de saúde e assistência social, como clínicas médicas, centros de saúde, hospitais, centros de referência, associações comunitárias etc. (MARTINS-BORGES, 2017)

Nesse enredo, Martins-Borges questiona:

Como explicar o sofrimento, seja ele físico, seja psicológico, quando paciente e profissional não compartilham da mesma língua? Partindo do princípio de que a língua materna é portadora de representações e organizações simbólicas formadoras da identidade, como tornar possível a expressão em uma língua diferente daquela em que o sujeito se constituiu? (MARTINS-BORGES, 2017)

Na busca de um atendimento de qualidade para imigrantes involuntários em situação de vulnerabilidade, com a intenção de melhor compreendê-los, Martins-Borges estuda a relação entre cultura, identidade, elaborações psíquicas e saúde mental. Sua pesquisa aponta que a cultura “é constituída de normas, valores, práticas, rituais, símbolos, códigos, linguagem, enfim, são as leis implícitas do funcionamento de todo o grupo social e dos membros que o constitui”. Assim, a cultura é simultaneamente internalizada e compartilhada, “num processo dinâmico e que supõe a interação com o outro e com o grupo”. Finalmente, a cultura é o que “permitiria dar sentido às experiências internas, ao serem validadas pelo mundo externo, representado pelos semelhantes”. Nessa linha de pensamento, “a partir dessa lógica, a ruptura com a cultura de origem poderia constituir, em algumas circunstâncias, um evento de natureza traumática para o psiquismo”. (MARTINS-BORGES, 2017)

Essa vulnerabilidade psíquica pode ser compreendida como dificuldade em enfrentar as adversidades da vida sem sofrimento psicológico. Nesse contexto, “a vulnerabilidade advinda do exílio é, muitas vezes, agravada por fatores que ocorrem após a imigração, já no país de acolhimento”. Como exemplo, Martins-Borges cita a “lentidão administrativa, a ausência de políticas públicas de acolhimento, os obstáculos à reconstrução da vida profissional e familiar” além das “dificuldades em relação à língua e às diferenças culturais”. (MARTINS-BORGES, 2017)

### 3.2.3 Núcleo de Apoio a Imigrantes e Refugiados/EIRENÈ

O *Núcleo de Apoio a Imigrantes e Refugiados - NAIR* é um projeto de extensão desenvolvido pelo *Centro de Pesquisas EIRENÈ*. Segundo informações do site:

A iniciativa surge com o intuito de proporcionar um espaço aberto, extraclasse, destinado a fomentar práticas educativas relacionadas à paz, à tolerância e ao multiculturalismo, considerados como valores fundamentais para a formação da comunidade universitária, em especial dos estudantes dos Cursos de Relações Internacionais e Direito. O presente projeto está inserido no âmbito da Cátedra Sérgio Vieira de Mello da ONU/ACNUR e inclui ações de pesquisa e extensão, – nas áreas de Direito Internacional Humanitário, Direitos Humanos, Direito dos Refugiados, Direito Diplomático e Consular – destinadas à promoção de ações concretas para a integração dos imigrantes e refugiados na UFSC e em Florianópolis. (EIRENÈ, 2018)

As atividades ocorriam na sede do Centro de Referência de Atendimento ao Imigrante – CRAI. Inaugurado em fev/2018, o serviço contou (até o seu encerramento em 20/09/2019) com oito funcionários contratados, além de doze alunos extensionistas, selecionados entre graduandos, mestrandos e doutorandos dos cursos de Relações Internacionais e Direito da UFSC.

Em visita ao local, esta pesquisadora pode verificar que os servidores eram capazes de realizar atendimentos em diversas línguas, entre as quais: inglês, espanhol, francês, *creole* haitiano e árabe. Na ocasião, foi constatado que os imigrantes atendidos eram predominantemente originários da Venezuela, Argentina, Haiti, Senegal e Síria. Os serviços oferecidos eram relacionados aos direitos humanos e à cidadania. Os extensionistas auxiliavam os estrangeiros em questões jurídicas, consulares e diplomáticas.

Já os contratados prestavam apoio no preenchimento de formulários para obtenção de documentos básicos como, por exemplo, o Cadastro de Pessoa Física – CPF (Receita Federal), a Carteira de Registro Nacional Migratório – CRNM (Polícia Federal) e a Carteira de Trabalho e Previdência Social - CTPS (Ministério do Trabalho). Além disso, o CRAI possuía um funcionário cedido pelo Sistema Nacional de Emprego - SINE responsável pelo registro dos estrangeiros no banco de dados da entidade a fim de possibilitar o acesso às vagas de trabalho disponíveis na região.

Existiam diversos panfletos informativos disponíveis na sede do CRAI traduzidos por voluntários em inglês, espanhol, francês, *creole* haitiano e árabe. As orientações variavam desde a oferta de aulas de português para estrangeiros em geral, aulas para mães haitianas em particular, até informações sobre expedição de documentos, entre outros temas relevantes. O centro de atendimento contava ainda com um funcionário de origem haitiana e outro de origem senegalesa, o que facilitava a mediação intercultural com os imigrantes atendidos neste centro. Finalmente, o CRAI oferecia também o apoio de um assistente social e um psicólogo aos estrangeiros que necessitassem desse serviço.

Após o fechamento do CRAI, a Defensoria Pública da União – DPU, em parceria com o *EIRENÊ – UFSC*, está auxiliando na regularização migratória dos imigrantes e refugiados em sua sede no centro de Florianópolis. Além disso, os interessados podem também buscar apoio nos Centros de Referência em Assistência Social – CRAS, entidades assistenciais (vinculadas ao poder público municipal) voltadas ao auxílio a pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Atualmente, por conta do período de isolamento social decorrente da pandemia de *Covid-19*, os atendimentos presenciais foram temporariamente suspensos e o *EIRENÊ – UFSC* tem atuado de forma remota.

Desde o dia 17 de março [2020], o trabalho vem sendo feito por meios digitais, através de *Whatsapp* e *e-mail*. Neste período de confinamento, mais de 250 imigrantes já foram auxiliados em questões diversas, em especial àquelas referentes a regularização migratória, encaminhamentos para assistência social e dúvidas quanto ao auxílio emergencial. As nacionalidades atendidas incluem a haitiana, venezuelana, cubana, argentina, iraniana, dominicana e entre outras.

O Eirenè também está participando de uma frente de ação que está sendo coordenada pela agência da Organização das Nações Unidas para Migrações (OIM) em Santa Catarina, com objetivo de promover iniciativas de apoio sociolaboral a imigrantes e refugiados em situação de vulnerabilidade em razão da pandemia. (UFSC, 2020).

Relevante destacar a importância dos trabalhos assistenciais desempenhados no âmbito da Universidade Federal de Santa Catarina - USFC, voltados aos imigrantes em situação de vulnerabilidade social. Ressalta-se aqui a preocupação dos acadêmicos envolvidos nos projetos de extensão com o atual agravamento dessa condição de fragilidade em decorrência da pandemia.

## 4 IMIGRANTES HAITIANOS

Audebert (2012) afirma que “as consequências humanas e sociais singulares do terremoto de 12 de janeiro de 2010 fazem dele uma tragédia única no destino do Haiti”. Segundo o autor, a sociedade haitiana contemporânea vivenciou uma situação de extrema vulnerabilidade “marcada pela insegurança de condições de vida para a maioria de sua população”. O acadêmico ressalta o caráter “multifacetado” dessa insegurança que funcionou simultaneamente como “um espelho e um amplificador das razões estruturais que levaram os haitianos a deixar seu país por várias gerações” ao longo da história do país caribenho. (AUDEBERT, 2012, p.9).<sup>28</sup>

O desenvolvimento de novas rotas migratórias em direção à América do Sul abriu caminho para a legalização da presença haitiana, sobretudo no Brasil. Em busca de uma melhor compreensão da “escala fenomenal” da emigração haitiana envolvendo grandes contingentes populacionais em sua dispersão espacial pelo mundo ao longo do tempo, cabe aqui fazer um breve histórico da diáspora haitiana. (AUDEBERT, 2012, p.15).<sup>29</sup>

### 4.1 Breve histórico

Antiga colônia francesa, o Haiti foi palco de lutas pela liberdade ao longo da década de 1790, conquistando sua independência em 1804. Após um período de relativa reestruturação, houve a ocupação pelos Estados Unidos de 1915 a 1934. O século XX marcou o início de uma onda de emigração regional de uma intensidade sem precedentes. Após a abolição da escravidão, houve estímulo para deslocamento da população haitiana como mão de obra

---

<sup>28</sup> Les conséquences humaines et sociétales inégalées du séisme du 12 janvier 2010 en font une tragédie unique dans la destinée d’Haïti. Elles témoignent de l’extrême vulnérabilité d’une société marquée par l’insécurité des conditions de vie de l’essentiel de sa population ; une société désorientée par les mutations contemporaines profondes liées à cette insécurité aux multiples facettes. Ce cataclysme a agi comme un miroir et un amplificateur des raisons structurelles ayant poussé les Haïtiens à quitter leur pays depuis plusieurs générations. L’ampleur de la dispersion internationale du peuple haïtien est telle depuis un demi-siècle qu’il apparaît aujourd’hui difficile de penser le destin du pays sans prendre en compte la réalité de sa diaspora.

<sup>29</sup> On ne peut pas comprendre l’ampleur phénoménale de l’émigration haïtienne, sa remarquable dispersion au cours du temps et ses conséquences de plus en plus incontournables sur le destin d’Haïti, si on ne se replonge pas au préalable dans l’histoire tourmentée du pays.

disponível para trabalhar nas monoculturas de cana de açúcar, sustentadas pelo capital norte-americano nos países vizinhos, na região do Caribe. (AUDEBERT, 2012, p.21).<sup>30</sup>

Atualmente, a falta de segurança, de justiça, de liberdade e de perspectivas de emprego impôs a emigração como uma saída digna para uma parte crescente da população haitiana. A dispersão geográfica forçada pela necessidade de sobrevivência motivou a formalização de uma identidade diaspórica. A reconstrução identitária dos haitianos no âmbito da migração internacional tem sido ainda mais necessária que anteriormente pois, ao longo do tempo, a alteridade da diáspora vem aumentando aos olhos daqueles que permanecem no país. (AUDEBERT, 2012, p.131).<sup>31</sup>

Como outras diásporas ao redor do mundo, a vitalidade da diáspora haitiana está incorporada em trocas concretas, tangíveis e intangíveis entre as várias comunidades dispersas, que encontraram e nutrem uma imaginação diaspórica. A especificidade da identidade haitiana na diáspora baseia-se em várias referências culturais objetivas do país de origem, dentre as quais destacam-se a linguagem, a música e as práticas culinárias. (AUDEBERT, 2012, p.132).<sup>32</sup>

Há mais de um século a emigração ocupa uma posição de destaque na história do Haiti. A dispersão espacial de parte da população através das fronteiras aparece atualmente como uma dinâmica estrutural da sociedade contemporânea haitiana. (AUDEBERT, 2012, p.159).<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> Le départ à l'étranger des paysans fut plus ou moins directement favorisé par la nouvelle fonction d'Haïti dans la « méditerranée états-unienne » : celle d'un réservoir de main-d'œuvre abondante et bon marché destinée à travailler dans les plantations développées par le capital nordaméricain dans les pays voisins.

<sup>31</sup> L'absence de justice, de sécurité, de liberté et de perspectives d'emploi a imposé la migration à une part croissante de la population haïtienne, lui conférant un caractère implacable et tous azimuts dans des territoires de plus en plus variés. La dispersion géographique plus ou moins contrainte par l'impératif de survie a motivé une autre nécessité, celle de résister à la déstructuration sociale en se reconstruisant en tant que peuple, à distance, dans des contextes d'installation plus ou moins favorables à la formalisation d'une identité diasporique. La reconstruction identitaire haïtienne dans l'espace de la migration s'est révélée d'autant plus nécessaire qu'avec le temps, l'altérité de la diaspora s'est renforcée aux yeux de ceux restés au pays.

<sup>32</sup> À l'instar d'autres diasporas à travers le monde, la vitalité de la diaspora haïtienne s'incarne dans des échanges concrets, matériels et immatériels, entre les diverses communautés dispersées, qui fondent et nourrissent un imaginaire diasporique. La spécificité de l'identité haïtienne en diaspora s'appuie sur un certain nombre de références culturelles objectives du pays d'origine au premier rang desquelles figurent la langue, la musique et les pratiques culinaires.

<sup>33</sup> L'émigration a occupé une place de plus en plus incontournable dans l'histoire d'Haïti depuis plus d'un siècle, au point que la diasporisation – dispersion spatiale d'une partie de la population au-delà des frontières générant un fonctionnement en réseaux auxquels est intégrée une part croissante de la société d'origine – apparaisse aujourd'hui comme une dynamique structurelle de cette société.

Recentemente, no mundo acadêmico, as iniciativas transnacionais do Haiti, e do Caribe em geral, foram analisadas como resultado do desejo dos emigrantes de serem reconhecidos em seus países de origem, em resposta ao racismo e à discriminação que limitam seus interesses e oportunidades na diáspora. No entanto, a “perda progressiva de esperança no futuro do Haiti e a imensa desilusão” causada pelas políticas públicas no Haiti levaram os migrantes a reconsiderar a questão do retorno ao país. De tal forma que a integração na vida civil e política dos países de acolhida tem se tornado cada vez mais uma necessidade. (AUDEBERT, 2012, p.163).<sup>34</sup>

Entre os imigrantes, a identidade diaspórica permanece baseada na articulação entre quatro níveis de referência, cada um ilustrando uma escala espacial de análise: a referência à região de origem dentro do país; ao Haiti; à região do Caribe; e a referência mais geral, na diáspora negra, à uma identidade afrodescendente. (AUDEBERT, 2012, p.164).<sup>35</sup>

Ao longo da história, grandes contingentes de haitianos vêm buscando a migração internacional como forma de ascensão econômica e social. Entretanto, nos esforços para se (re)inserir no mercado de trabalho, muitos encontram dificuldades que podem expô-los à situações de extrema vulnerabilidade social.

## 4.2 Vulnerabilidade social

Cumprido notar que a situação de vulnerabilidade enfocada neste trabalho refere-se a seu aspecto de fragilidade social. Conforme ensina Ximenes (2010), “vulnerabilidade social é um conceito multidimensional que se refere à condição de indivíduos ou grupos em situação de

---

<sup>34</sup> Mais la perte progressive d'espoir en l'avenir d'Haïti et la désillusion immense suscitée par les développements politiques post-duvaliéristes amènent nécessairement à repenser la question, à mesure que la présence haïtienne en diaspora s'inscrit dans le temps et que la perspective d'un retour au pays s'éloigne. L'intégration civique et politique dans les pays d'installation s'impose de plus en plus comme une nécessité, pour répondre autant aux obstacles à l'intégration sociale qu'au défi du développement du pays d'origine.

<sup>35</sup> Chez les immigrés, l'identité diasporique reste fondée sur l'articulation entre quatre niveaux de référence illustrant chacun une échelle spatiale d'analyse : la référence infra-nationale (celle de la région ou de la localité d'origine en Haïti), la référence au pays d'origine, la référence méta-régionale (relative à l'identité caribéenne), et la référence plus globale à la diaspora noire et à une identité afrodescendante.

fragilidade, que os tornam expostos a riscos e a níveis significativos de desagregação social”.  
E acrescenta:

Vulnerabilidade social traduz-se na dificuldade no acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade, resultando em debilidades ou desvantagens para o desempenho e mobilidade social dos atores. As desvantagens com respeito às estruturas de oportunidades resultam em um aumento das situações de desproteção e insegurança, o que põe em relevo os problemas de exclusão e marginalidade. (XIMENES, 2010)

No caso dos haitianos que imigraram para Santa Catarina após o terremoto de 2010, com base nos registros dos autores estudados, principalmente nas publicações e pesquisas coordenadas pela Profa. Dra. Karine de Souza Silva (*EIRENE*-UFSC), é possível inferir que muitos deles encontram-se atualmente em situação de vulnerabilidade social, precisando de apoio para superar os traumas passados e recomeçar a vida em nosso país.

Em um artigo intitulado *Invisibilizados na Ilha do Desterro: os novos fluxos de imigrantes e refugiados em Florianópolis*, Silva, Rocha e D’Avila (2020) procuram “identificar as peculiaridades dos recentes fluxos migratórios internacionais na Grande Florianópolis, cujas multiplicidades têm acarretado uma reconfiguração no perfil demográfico da capital catarinense”. A pesquisa de campo revelou as condições de fragilidade enfrentada por esses imigrantes decorrente da “ausência de políticas públicas estaduais e municipais de integração e acolhimento”. (SILVA; ROCHA; D’AVILA, 2020, p.1).

Historicamente, Florianópolis tem sido lugar de destino de imigrantes de diversas origens que, “em diversos fluxos, somaram-se às populações nativas”. (SILVA; ROCHA; D’AVILA, 2020, p.2). Desde o início dos processos de colonização, as populações de origem europeia representavam a maioria dos imigrantes locais.

[...] o mapa demográfico atual de SC mostra que 40% da população é de ascendência alemã; em segundo lugar estão os descendentes de italianos, que representam cerca de 30% da população catarinense; os negros correspondem a 15%; em quarto lugar, em termos percentuais, estão os descendentes de eslavos, que compõem 5%. Há também, em menores números, populações de origem ucraniana, austríaca, suíça, belga, grega, russa, francesa, norueguesa, sueca e dinamarquesa. Provenientes do continente asiático, notam-se sobretudo turcos, sírios, chineses e japoneses. Ainda, o censo de 2010 estima

que o número de pessoas de etnias autóctones é de 16.041. (SILVA; ROCHA; D'AVILA, 2020, p.5).

Todavia,

A novidade é que nas últimas décadas tem havido um aumento expressivo de imigrantes das nações periféricas e semiperiféricas, acompanhando o ingresso do Brasil no eixo sul-sul de migrações. Nessa nova configuração, o Sul do país, devido aos bons índices de desenvolvimento, tem se configurado como um polo atrativo. (SILVA; ROCHA; D'AVILA, 2020, p.2).

Percebe-se uma grande diversidade de nacionalidades no estado de Santa Catarina e também em Florianópolis. A capital, “predominantemente colonizada por açorianos” representa atualmente “um microcosmo da multiplicidade étnica do estado”. (SILVA; ROCHA; D'AVILA, 2020, p.7). Entre esses novos fluxos de imigrantes, destacam-se os haitianos que “começaram a aportar nestas terras em maior número no pós-terremoto de 2010”. Segundo dados oficiais, no período de 2010 a 2015 foi registrado o ingresso de cerca de 85 mil imigrantes haitianos no Brasil, dos quais cerca de 4 mil se registraram em Santa Catarina. (SILVA; ROCHA; D'AVILA, 2020, p.6).

O estado catarinense, embora seja considerado um destino assíduo de massas migratórias, até o momento não formulou políticas específicas destinadas a regularizar e a integrar as novas populações. Diante do vazio governamental, algumas instituições, como a Pastoral do Migrante e a Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, passaram a protagonizar o atendimento de imigrantes e refugiados. (SILVA; ROCHA; D'AVILA, 2020, p.7).

Como já visto, os programas de extensão da UFSC são voltados ao acolhimento linguístico, psicológico e jurídico desses imigrantes em situação de vulnerabilidade. No âmbito dessa pesquisa acadêmica, cabe aprofundar um pouco as questões linguísticas.

### **4.3 Acolhimento Linguístico**

Preliminarmente, é importante ressaltar que ‘língua de acolhimento’ e ‘acolhimento linguístico’ não são termos sinônimos. No âmbito da Linguística Aplicada, o termo ‘língua de acolhimento’ refere-se ao ensino da língua dominante em um dado território para que os estrangeiros possam desenvolver uma competência comunicativa que possibilite sua integração na sociedade de acolhida. (SÃO BERNARDO, 2016, p. 64).

Por outro lado, para analisar ‘acolhimento linguístico’ no campo da tradução/interpretação, seria adequado referir-se à ‘competência comunicativa intercultural’. Segundo Byram (1997, p.7), esse conceito envolve a habilidade ou a capacidade de se comunicar e interagir de forma adequada e eficiente, ultrapassando as fronteiras linguísticas e culturais. Esclareço que essa é a perspectiva de ‘acolhimento linguístico’ adotada neste trabalho. Pretendo referir-me à mediação linguística como a capacidade de traduzir, interpretar, parafrasear um discurso de modo a torná-lo compreensível em outro idioma. Mesmo assim, julgo pertinente enriquecer o conteúdo desta pesquisa com conceitos voltados à ‘língua de acolhimento’ no âmbito da migração internacional.

Como anteriormente abordado, as causas das migrações internacionais são múltiplas e “seja qual for a razão (política, econômica, familiar ou outra), quem chega precisa de agir linguisticamente de forma autônoma, num contexto que não lhe é familiar”. (GROSSO, 2011). Em seu artigo intitulado *Língua de acolhimento, língua de integração*, a autora ressalta que a motivação para a mobilidade geralmente envolve busca por melhores condições de vida, principalmente na área laboral e destaca a importância da “comunicação na língua-alvo” e do “conhecimento da legislação dos países de chegada”. (GROSSO, 2011).

Para tanto, é fundamental o ensino-aprendizagem da língua de acolhimento, direito de todos os cidadãos, [...] pois é ela que permite o acesso mais rápido à cidadania como um direito, assim como o conhecimento e a promoção do cumprimento dos deveres que assistem a qualquer cidadão. A proficiência na língua-alvo ultrapassa a motivação turística ou acadêmica, interliga-se à realidade socioeconômica e político-cultural em que se encontra. O conhecimento sociocultural, a competência sociolinguística são importantes no desenvolvimento da competência comunicativa e servem como base de debate e de diálogo para uma cidadania plena e consciente, aspecto fundamental na língua de acolhimento. (GROSSO, 2011)

Nesse cenário intercultural, Grosso (2011) sintetiza que o conceito de língua de acolhimento está associado ao contexto migratório, cujos aprendizes possuem necessidades peculiares, por vezes relacionadas à resolução de questões de sobrevivência urgentes, “em que a língua de acolhimento tem de ser o elo de interação afetivo (bidirecional) como primeira forma de integração (na imersão linguística) para uma plena cidadania democrática”. (GROSSO, 2011)

No artigo *A importância da língua na integração dos/as haitianos no Brasil*, Barbosa e São Bernardo (2017) reforçam que em um mundo intercultural, “a barreira linguística é um dos desafios principais enfrentados por imigrantes no que se refere à adaptação a uma sociedade de acolhimento”. As autoras contextualizam o “construto língua-cultura” como um processo que envolve não só o “conhecimento linguístico estrutural de uma língua, mas também suas variantes sociais e os elementos culturais intrínsecos ao pensamento humano, transformados pela língua e transmitidos por meio dela”. (BARBOSA; SÃO BERNARDO, 2017).

Para os imigrantes, a apropriação da língua do país de acolhimento não é meramente um fim em si, mas um meio de integração [...]. As urgências do cotidiano em termos de trabalho, transporte, consumo, saúde e relações interpessoais trazem uma orientação pragmática ao processo de aprendizagem da língua de acolhimento. Quando nos referimos à língua-alvo como língua de acolhimento, ultrapassamos a noção de língua estrangeira ou de segunda língua. Para o público adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará ligado a saber agir, saber fazer e a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas nessa língua, bem como com a possibilidade de tornar-se cidadã(o) desse novo contexto, de forma cultural e politicamente consciente, participando como sujeito dessa sociedade. (BARBOSA; SÃO BERNARDO, 2017).

Os imigrantes haitianos que chegam em Florianópolis necessitam conhecer a língua portuguesa, os costumes e a cultura local, desenvolvendo sua ‘competência comunicativa’ para se tornarem ‘sujeitos conscientes’ de seus direitos fundamentais. Destaca-se a importância do apoio e a orientação de tradutores e intérpretes no auxílio aos estrangeiros ao longo desse processo de inserção laboral na nova sociedade de acolhida.

#### **4.4 Mediação de intérpretes**

O trabalho de campo dessa pesquisadora revelou que os imigrantes haitianos costumam ser solidários com seus compatriotas recém-chegados, atuando como intérpretes voluntários quando necessário. Verificou-se que a maioria não possui experiência profissional na área de tradução/interpretação. Dotados de boa vontade, atuam de forma amadora e empírica. Como já visto, o papel do ‘intérprete comunitário’ como mediador linguístico está intimamente conectado à relação de confiança entre as partes envolvidas no processo. O ‘diálogo a três’ só funciona quando o intérprete estabelece um vínculo de empatia com seu ‘cliente’. Nesse caso,

traduzir apenas as questões linguísticas em contexto pode não ser suficiente para a compreensão das situações de interação.

Voltemos ao estudo de Franz Pöchhacker e Mira Kadric que mostrou faxineiras recrutadas como intérpretes em hospitais da Áustria. No estudo evidenciou-se que as funcionárias possuíam relativo conhecimento dos idiomas envolvidos na comunicação, mas não compreendiam os termos e protocolos médicos específicos para traduzi-los. Esse tipo de interferência de pessoas sem treinamento na área de tradução/interpretação pode atrapalhar mais do que ajudar em alguns casos. Como traduzir/interpretar algo que a própria pessoa não compreende?

Pöchhacker (2010b, p.20) destaca a importância da pesquisa teórica na formação de intérpretes, “com base em projetos experimentais controlados”.

Como uma alternativa mais viável, sugeri trabalho de campo em sala de aula, muitas vezes, por meio de estudos de caso que coletam dados predominantemente qualitativos. E dado o tempo considerável e o esforço necessários para tais estudos, tenho defendido o movimento em direção à pesquisa participativa em sala de aula, realizado por aqueles que ensinam em colaboração com aqueles que aprendem, o que, definitivamente, empodera os aprendizes e os encaminha, logo no início, para a comunidade de prática profissional. (PÖCHHACKER, 2010b, p.20).

O ideal seria que fossem oferecidos aos imigrantes haitianos os serviços de intérpretes comunitários e/ou tradutores treinados e capacitados para auxiliá-los nas mais diversas interações na nova vida em Florianópolis. Citamos como um bom modelo o site da associação *ISM Interprétariat* na França. “Fundada em Paris em 1970 por pessoas preocupadas em receber trabalhadores migrantes e suas famílias na sociedade francesa, a associação é administrada por voluntários permanentes”, sendo Azis Tabouri atualmente seu Diretor-Geral. A missão é “permitir que estrangeiros tenham acesso a seus direitos e participar da luta contra o racismo e a discriminação, facilitando a comunicação e o encontro entre franceses e estrangeiros de diferentes idiomas e culturas”. (ISM, 2020).

Atualmente, a associação *ISM Interprétariat* presta serviços de interpretação por vídeo, por telefone ou mesmo presenciais, além de tradução de documentos e assessoria jurídica a imigrantes. Em parceria com o serviço público francês, a entidade oferece os serviços

profissionais de cerca de 900 intérpretes, em 182 diferentes línguas e dialetos. Interessante destacar que muitos dos profissionais recrutados são eles próprios migrantes internacionais com conhecimentos de várias línguas estrangeiras, além do francês. Geralmente, esses migrantes já estão inseridos na sociedade francesa e mais familiarizados com a língua e os costumes locais do que os recém-chegados. (ISM, 2020).

O perfil dos intérpretes selecionados para trabalhar na associação *ISM Interprétariat* baseia-se em seu conhecimento linguístico, cultural e capacidade de comunicação envolvendo escuta, compreensão e formulação. A maioria dos profissionais possui diplomas do ensino superior. Além disso, a entidade oferece “treinamento específico sobre ética e técnicas de interpretação em um ambiente social, além de formação permanente nas diferentes áreas de atuação profissional”. Os intérpretes da *ISM* são “tradutores de palavras e decodificadores de comportamento”, buscando trabalhar com neutralidade, precisão e sigilo profissional. Os tradutores contratados pela *ISM Interprétariat* concordam expressamente, por escrito, em respeitar as regras éticas de sua profissão, previstas na “Carta de Qualidade do Intérprete da *ISM*”. (ISM, 2020)

Michel Sauvêtre, Diretor da associação *ISM Interprétariat* em 1998, discorreu sobre o tema em uma conferência em Vancouver, Canadá. “Na Europa, como em muitas outras regiões do mundo, a interpretação em meio social, a interpretação comunitária, surgiu em um contexto de imigração”.<sup>36</sup> Segundo Sauvêtre (1998), existem diferenças entre os termos com os quais os países francófonos referem-se à interpretação no sentido de ‘interpretação comunitária’. Ao passo que no Canadá utiliza-se o termo mais genérico ‘*interprétation*’, do outro lado do Atlântico utiliza-se o termo mais específico ‘*interprétariat*’ para referir-se à ‘interpretação em contexto social’ em países como França, Suíça e Bélgica. (SAUVÊTRE, 1998).

O site da *ISM Interprétariat* oferece informações resumidas sobre entidades similares em outros países: *Interpret* na Suíça, *Cisoc* no Canadá, *Oncall na Austrália* e *SeTIS Bxl* na Bélgica. Tratam-se geralmente de associações sem fins lucrativos que atuam em parceria com

---

<sup>36</sup> En Europe comme en beaucoup d’autres régions du monde, l’interprétariat en milieu social, l’interprétariat communautaire, est apparu dans un contexte d’immigration.

os serviços públicos visando fornecer assistência linguística e cultural para imigrantes, através da mediação de intérpretes capacitados. (ISM, 2020).

A partir dos exemplos internacionais estudados, é possível inferir que a capacitação profissional, o treinamento específico para a área de atuação e a formação continuada são vitais para oferecer tradutores e intérpretes habilitados a promover o acolhimento linguístico de qualidade aos imigrantes. Nesse caminho, no âmbito dos imigrantes haitianos no Brasil, uma iniciativa positiva de inserção laboral seria oferecer esse treinamento profissional aos próprios imigrantes haitianos que já atuam como intérpretes voluntários junto a seus parentes e amigos.

#### 4.5 Trabalho voluntário

A pesquisadora NARJARA FERREIRA MITSUOKA, em sua dissertação de mestrado intitulada *O trabalho voluntário de tradução e suas implicações socioculturais*, apresentado em 2012 na Universidade de São Paulo – USP, sob a orientação do Prof. Dr. John Milton, analisou o papel de tradutores e intérpretes atuando como voluntários na sociedade contemporânea.

Segundo suas as próprias palavras:

A tradução, como uma importante ferramenta de relações socioculturais, ainda tem como principal agente o ser humano, apesar das abundantes ferramentas tecnológicas das quais dispomos atualmente. Entre as diversas categorias de tradutores e intérpretes – amadores, profissionais, bem ou mal remunerados – há pessoas que prestam serviços gratuitamente. Quem são esses tradutores voluntários? Quais motivos os levam a realizar um trabalho não-remunerado, o qual implica em comprometimento com normas e tantos outros fatores complexos pertinentes à tradução? Como se dá a interação entre esses voluntários? Quais são os pontos de convergência e divergência com relação à tradução como trabalho remunerado? Essas são algumas das principais questões que permeiam nossa pesquisa. (MITSUOKA, 2012, p.9)

Na busca da compreensão das premissas do trabalho voluntário, Mitsuoka verificou uma dupla motivação: “[...] há por um lado, o discurso altruísta e, por outro, o vislumbre da oportunidade de aprendizado, troca de conhecimentos seja no âmbito pessoal ou técnico”. Os

voluntários buscam prestígio, reconhecimento como realização pessoal, interação social, amizade. Visam também oportunidades de trabalho remunerado. (MITSUOKA, 2012, p.31)

Segundo a autora, os voluntários acreditam que seu trabalho é “gratificante e recompensador” pois recebem “reconhecimento e elogio” além de “estímulo e motivação”. A oportunidade de interação social, experimentando na prática o que se aprende na teoria, motiva o trabalho voluntário. Trata-se de uma via de mão dupla, pois “indubitavelmente, os tradutores voluntários contribuem e beneficiam-se desse trabalho. Como já mencionado, a maioria afirma que preza a oportunidade de aperfeiçoar sua proficiência linguística, sem contar a aquisição de técnicas de tradução”. (MITSUOKA, 2012, p.35)

Mitsuoka destaca a importância de se obter conhecimento prático através da experiência profissional no âmbito do trabalho de interpretação de conferências pois a atuação “não é passível de revisão ou edição” como a tradução. E ressalta que “[...] um intérprete voluntário despreparado pode desvirtuar a credibilidade do palestrante ou da instituição [...] além de colocar em dúvida o benefício do voluntariado”. (MITSUOKA, 2012, p.51). Ressalta-se então, novamente, a importância de oferecer capacitação teórica ao intérprete voluntário como o propósito de torná-lo mais consciente das questões linguísticas e culturais envolvidas nos processos de mediação.

A idéia de buscar soluções para problemas e, ao mesmo tempo, cobrar o Estado para que ele cumpra o papel de formular políticas públicas tem sido a tônica do trabalho voluntário no Brasil. A ação voluntária constitui uma oportunidade real de intervenção, de participação ativa numa comunidade. É uma oportunidade de trabalhar em equipe, de trocar experiências, de fortalecer-se, de desenvolver um melhor relacionamento consigo e com os outros, de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, de envolver-se na solução de problemas com criatividade e liderança. O voluntariado, entendido aqui como a ação transformadora realizada por um indivíduo ou grupo, é a doação de tempo, trabalho e talento por uma causa social. (SOARES, 2009).

Como já mencionado, no intuito de ‘buscar soluções para problemas’, destacam-se as iniciativas dos projetos de extensão da UFSC nos processos de acolhida humanitária de imigrantes em Florianópolis. Em relação ao curso de *Português como Língua de Acolhimento* – PLAM, ressalta-se que o projeto prevê a atuação de voluntários selecionados entre os alunos da UFSC, principalmente oriundos dos cursos de Letras e Relações Internacionais.

#### 4.6 Observação de campo

Com o objetivo de desvendar aspectos inusitados do tema em estudo, esta pesquisadora participou como voluntária na função de auxiliar de sala, no nível iniciante do curso de *Português como Língua de Acolhimento para Imigrantes - PLAM*, ministrada pela *Prof. E*, no dia 19/10/2019, sábado, das 09 às 12 horas, na sala *Hassis*, do Centro de Comunicação e Expressão – CCE, bloco B, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. O tema abordado foi ‘profissões’ e ‘locais de trabalho’. O objetivo foi ensinar vocabulário específico do tema e capacitar os alunos para compreenderem as interrelações culturais locais na oferta de emprego/trabalho na região de Florianópolis.

Na ocasião, esta pesquisadora pode vivenciar as dificuldades de compreensão dos alunos de algumas siglas como *CTPS* (Carteira de Trabalho e Previdência Social) e *CLT* (Consolidação das Leis de Trabalho) e termos como ‘preferencial’ e ‘efetivo’. Alguns tiveram dificuldade em compreender o conteúdo e/ou os comandos dos exercícios. Nesse sentido, foi possível perceber a heterogeneidade da turma. Alguns compreenderam sentenças completas, outros possuíam apenas noções de vocabulário e compreendiam apenas ocasionalmente algumas palavras isoladas.

Foi apresentada uma imagem da *CTPS* tradicional brasileira, de cor azul. Isso causou certa estranheza aos alunos, tendo em vista que o documento de trabalho dos estrangeiros é diferente da *CTPS* brasileira, pois possui prazo de validade máximo de um ano e cor verde.

Foi registrada a presença de 26 alunos neste dia, dos quais 03 alunos novos. Uma das alunas recém-chegadas ao curso foi abordada por esta pesquisadora que constatou que ela não compreendia quase nada do idioma português falado pela professora durante as explicações. Sendo assim, esta pesquisadora se aproximou, descobrindo sua origem haitiana, e falou com a estudante em francês. Nesse idioma, foi possível explicar à recém-chegada os comandos do exercício escrito no qual a turma estava trabalhando no momento. Foi notório que a jovem se sentiu acolhida ao receber esse tratamento ‘diferenciado’. Durante a aula, nos períodos em que a *Prof. E* passava exercícios escritos, essa pesquisadora teve a oportunidade de auxiliar a jovem haitiana (sempre em francês) e a outros alunos de origem haitiana e síria, em português.

Posteriormente, percebi que a presença de intérpretes e/ou tradutores no ambiente de ensino/aprendizagem é um tema bastante controverso. Se, por um lado, o esclarecimento linguístico pode ser benéfico ao acolhimento do aluno recém-chegado, por outro lado, essa ‘facilidade’ atrapalha a imersão completa no novo idioma. Realmente, a necessidade de compreender e se comunicar faz com que o aluno saia de sua ‘zona de conforto’ e se esforce para aprender as novas competências comunicativas interculturais. Conforme esclarecido pela coordenadora do PLAM/UFSC, o ideal é aproveitar os voluntários que tenham conhecimentos de línguas estrangeiras para fazer esse ‘acolhimento linguístico’ em outro ambiente, fora da sala de aula. Assim, os voluntários, quando disponíveis, recebem os alunos em uma sala de ‘triagem’ onde esclarecem suas dúvidas e verificam seu nível de compreensão do português, podendo encaminhá-los posteriormente aos professores para que integrem as turmas.

Ainda nesse dia, foram trabalhadas a oralidade e a escrita, principalmente através da compreensão oral (explicações da *Prof. E* e das professoras auxiliares) e compreensão escrita (quadro negro, *power point* e folhas com tarefas individuais). Secundariamente, foram trabalhadas a produção oral (repetir, responder perguntas) e a produção escrita (preencher as respostas aos exercícios individuais).

Esse primeiro contato com os alunos haitianos foi muito enriquecedor para minha reflexão sobre como a atuação de intérpretes pode auxiliar os estrangeiros na compreensão de alguns contextos em língua portuguesa. Na ocasião, registrei que algumas vezes falta vocabulário de áreas específicas, outras vezes são questões culturais que causam estranhamento. Nesse momento, percebi que seria de grande utilidade oferecer oportunidades de capacitação em línguas estrangeiras aos professores do PLAM/UFSC. No caso da interação com os alunos haitianos, seria interessante que eles pudessem se comunicar eventualmente em francês e/ou *creole* haitiano, a fim de esclarecer questões pontuais. Além de outras línguas nas quais tenham interesse profissional ou pessoal de aprendizado.

Na busca de novas perspectivas sobre o tema em estudo, esta pesquisadora atuou como voluntária na função de auxiliar de sala, no nível intermediário do curso de *Português como Língua de Acolhimento para Imigrantes* - PLAM, ministrada pela *Prof. H*, no dia 26/10/2019, sábado, das 09 às 12 horas, na sala *Drummond*, do Centro de Comunicação e Expressão – CCE,

bloco B, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. O tema abordado no dia foi 'saúde'. O objetivo foi ensinar vocabulário específico do assunto, além de trabalhar a compreensão das interações culturais locais em eventuais buscas por atendimento médico na região de Florianópolis.

Durante a aula, pode-se vivenciar as dificuldades de compreensão dos alunos de algumas siglas como *SAMU* (Serviço de Atendimento Móvel de Urgência), *UBS* (Unidade Básica de Saúde), *UPA* (Unidade de Pronto Atendimento) *HU* (Hospital Universitário) e do significado de alguns termos como 'internação' e 'diagnóstico'. A maioria dos alunos presentes não apresentou dificuldades em compreender o conteúdo e/ou os comandos dos exercícios propostos pela professora. Entretanto, evidencia-se o estranhamento dos estudantes na pronúncia de palavras escritas contendo a letra "x" devido à variedade de sons possíveis (fonemas) para esta representação gráfica. Por exemplo, nas palavras 'intoxicação' [cs], 'enxaqueca' [ch], exame [z], 'próximo' [ss], 'experiência' [s] e 'excelente' (sem valor fonético). Com esta percepção, foi proposto um exercício interativo na forma de jogo de soletrar. Os alunos foram organizados em um círculo no qual cada um foi responsável por soletrar uma palavra do novo vocabulário temático aprendido nessa aula. Os outros alunos deveriam descobrir o significado e pronúncia da palavra soletrada. Foram apresentados vocábulos recém-aprendidos como 'náusea', 'exame', 'derrame', 'imagem', 'acidente', 'manga', 'diagnóstico', 'hospital', 'cirurgia', 'calafrio', 'imobilizar', 'ameixa', 'tratamento', 'sangramento'.

Foram trabalhados a oralidade e a escrita, especialmente através da interação dos alunos entre si nas atividades em grupo. Os estudantes foram estimulados a ir ao quadro escrever as respostas dos seus exercícios individuais, compartilhando suas dúvidas com a turma. A troca intercultural foi estimulada através da questão proposta no exercício: 'No seu país como a gripe é tratada? Há outros tipos de tratamento além dos citados acima?'

Outra atividade proposta em aula foi um trabalho em duplas. Cada par de alunos(as) deveria escrever um diálogo no qual um(a) deles(as) representaria o papel de um(a) enfermeiro(a) e o(a) outro(a) seria um(a) amigo(a) do personagem fictício *Daniel*, um estrangeiro recém-chegado ao Brasil, ainda sem conhecimento da língua portuguesa. A intenção

foi reproduzir uma situação real, na qual tivessem que auxiliar um conhecido a se expressar no ambiente médico-hospitalar. Durante o exercício, os próprios alunos constataram que o ‘amigo’ na verdade atuava como um ‘intérprete’ de *Daniel*. Como salientamos na teoria apresentada sobre Interpretação Comunitária.

Nesse dia foi registrada a presença de 14 alunos, sendo 02 iniciantes no curso. No final da aula, foi apresentado sinteticamente o projeto de pesquisa objeto deste trabalho aos alunos presentes, convidando-os a participar como voluntários de uma breve entrevista. Quatro estudantes se apresentaram como voluntários aos quais foi explicado o conteúdo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE. Após a aula, os voluntários permaneceram na sala *Drummond* onde preencheram e assinaram o TCLE, em duas vias, e responderam individualmente ao questionário proposto. A análise das respostas será apresentada na parte final deste trabalho. Cabe destacar que os quatro primeiros voluntários dessa pesquisa foram 02 homens e 02 mulheres, dos quais 03 são oriundos do Haiti e 01 da Alemanha.

Esse segundo contato, numa interação mais direta com os alunos haitianos, me fez refletir sobre conteúdos pertinentes para um possível curso de formação de intérpretes a ser oferecido na UFSC. Foi muito interessante ter a oportunidade de observar de perto a interação direta entre os próprios alunos haitianos e descobrir suas dificuldades práticas com a língua portuguesa. Sem dúvida foi uma experiência fundamental para manter o foco da minha escrita acadêmica.

Novamente atuando como auxiliar de sala na turma do nível intermediário, no dia 09/11/2019, sábado, das 09 às 12 horas, na sala *Drummond*, desta vez a aula foi ministrada pela *Prof. G*. O foco das atividades foi a ‘reciclagem de lixo’, introduzindo termos como ‘entulho’, ‘aterro’, ‘resíduo’, ‘horta’ e ‘adubo’. Trabalhou-se a sigla *COMCAP* (Autarquia de Melhoramentos da Capital) e o conceito de ‘ecoponto’. Foi estimulado o trabalho em grupos de três alunos(as) e a troca intercultural através da questão: ‘Como é a coleta e separação de lixo no seu país?’ Procurou-se despertar a interesse dos estudantes para temas como ‘redução de consumo’ e ‘descarte responsável’.

Havia 10 alunos(as) presentes à aula, sendo apenas 01 novato(a). Ao término do conteúdo ministrado, apresentou-se novamente as linhas gerais do projeto de pesquisa aos

presentes, convidando novos(as) voluntários(as) para a entrevista. Três estudantes apresentaram-se espontaneamente, sendo 01 homem e 02 mulheres. Ao explicar o TCLE, constatou-se que um(a) dos(as) voluntários(as) era menor de idade, sendo então dispensado(a) da pesquisa. Na ocasião, participaram da entrevista um(a) aluno(a) de origem haitiana e outro(a) de origem venezuelana.

Os trabalhos de campo englobando coleta de dados e entrevistas foram interrompidos pelo período de férias da universidade no final do semestre 2019/02, não sendo possível retomá-los no início de 2020/01, como previsto no planejamento da pesquisa, devido à pandemia atual de *Coronavírus* (Covid-19).

Nesse novo cenário, optou-se por buscar respostas às questões propostas nesta pesquisa através da experiência prática das professoras responsáveis pelos programas de extensão da UFSC dirigidos ao acolhimento linguístico, psicológico e jurídico de imigrantes em situação de vulnerabilidade social. Com esse objetivo em mente, foram enviados questionários às professoras integrantes dos projetos de extensão já mencionados no item 3.2.

As respostas trouxeram luz sobre pontos importantes ainda não esclarecidos. Por exemplo, algumas professoras vivenciaram a atuação voluntária de alunos haitianos como intérpretes para outros colegas. Como no exemplo já referido acima, que foi apresentado na aula da *Prof. H*, no dia 26/10/2019, quando o personagem fictício *Daniel*, um estrangeiro recém-chegado ao Brasil, recebe apoio de seu ‘amigo’ que atua como intérprete voluntário.

A contribuição da experiência compartilhada pelas professoras serviu para reforçar a percepção dessa pesquisadora de que os alunos haitianos costumam se oferecer para ajudar os colegas, principalmente nas primeiras aulas, do início de cada novo semestre. Assim, os alunos mais proficientes auxiliam os recém-chegados também nas atividades externas, que exigem mais esclarecimentos sobre situações práticas do cotidiano. Por exemplo, para compreender os trâmites legais do processo de registro migratório na Polícia Federal. Segundo relato das professoras consultadas, não foi verificado nenhum registro da atuação e intérpretes profissionais no ambiente da UFSC, apenas amadores voluntários, agindo de forma intuitiva, sem treinamento formal específico.

Dessa forma, a experiência prática das professoras reforça a importância da atuação dos intérpretes voluntários, fora do ambiente de sala de aula, e recebe como positiva e relevante a sugestão dessa pesquisadora de criar um projeto de extensão no qual seja oferecido treinamento profissional específico na área de interpretação aos próprios alunos haitianos voluntários. O objetivo desse projeto de extensão seria melhorar a comunicação com os alunos iniciantes, além de oferecer novas perspectivas profissionais aos interessados. Entre os principais tópicos a serem aprofundados, segundo opinião das professoras consultadas, foram citados a oferta de informações mais claras e objetivas sobre o acesso à universidade, a validação de diplomas, a emissão de documentos, entre outros.

Foi citado também um exemplo de interpretação comunitária em ambiente hospitalar quando uma aluna haitiana mais proficiente foi à maternidade auxiliar sua colega, outra aluna haitiana, ainda sem nenhum conhecimento de português, atuando como intérprete voluntária no dia do parto. Interessante ressaltar que, segundo vivência das professoras consultadas, a língua de comunicação entre os alunos haitianos costuma ser predominantemente o *creole* haitiano e eventualmente o francês. Foi registrado também que no ambiente de sala de aula o ensino ocorre diretamente em língua portuguesa, sendo que a situação ideal apontada pelas professoras é que a interpretação ocorra esporadicamente, apenas para esclarecer situações pontuais, de forma a não atrapalhar a aquisição do português.

Relevante salientar que a experiência, apesar de breve, foi esclarecedora de como a teoria de interpretação comunitária poderia ser aplicada na prática, em apoio aos projetos de extensão já existentes na UFSC. Evidenciou-se que a disponibilidade de intérpretes voluntários em um ambiente de triagem, externo às salas de aulas, seria de grande utilidade para esclarecer dúvidas dos alunos estrangeiros. Os tópicos poderiam variar de explicações do conteúdo das aulas, da cultura local ou mesmo de oportunidades de trabalho ou estudo. Acredito que essa forma de ‘acolhimento linguístico’ poderia ser reconfortante para os alunos do PLAM/UFSC.

Em relação à análise qualitativa dos dados coletados através da observação de campo nesse gênero de estudo acadêmico, em um artigo intitulado *O papel da pesquisa na formação de intérpretes*,<sup>37</sup> traduzido por Mylene Queiroz, Franz Pöchhacker (2010b, p.1) afirma que:

As pesquisas de campo no contexto da sala de aula, em geral, com base nos estudos de caso, que se utilizam de uma variedade de dados predominantemente qualitativos, são apresentadas como uma alternativa que parece apropriada para a pesquisa participativa conduzida com a colaboração entre alunos e professores.

Pöchhacker (2010b, p.3) relembra a tradição de “treinamento de habilidades práticas” no “modelo mestre-aprendiz” para tradutores e intérpretes, mas ressalta a importância da “aquisição acadêmica de conhecimento abstrato” na formação profissional ao afirmar que “as duas áreas (prática e pesquisa) estão estreitamente ligadas”.

#### 4.7 Análise Crítica

Após o breve período de observação de campo e tendo recebido relevantes informações das professoras que atuam diretamente com imigrantes haitianos na UFSC, acredito ser possível retomar à pergunta chave deste trabalho. Foi verificado que existem intérpretes atuando no auxílio à integração dos imigrantes haitianos na cidade de Florianópolis. Porém, foram registrados apenas casos de atuação voluntária e espontânea. Percebeu-se que os intérpretes voluntários não possuem treinamento profissional e atuam de forma intuitiva apenas.

Importante ressaltar que, conforme visto na teoria acima, na interpretação profissional, os intérpretes aprendem a utilizar a língua de forma mais consciente. Os profissionais preocupam-se com o contexto semântico da comunicação e, em geral, possuem um vocabulário mais rico do que aquele disponível na linguagem cotidiana. Com mais conteúdo técnico e visão linguística, no diálogo a três o intérprete profissional geralmente se preocupa em explicar o sentido daquilo que se perdeu na tradução interlingual.

---

<sup>37</sup> Título original do artigo: *The role of research in interpreter education*. Translation and Interpreting, nº 1, vol 2, 2010. Disponível em: <<https://trans-int.org/index.php/transint/article/viewFile/80/62>>. Acesso em 11 nov. 2020.

Durante as aulas de português para imigrantes no ambiente da UFSC pude interagir com vários alunos de origem haitiana. Foi possível registrar que o tema ‘educação’ desperta o interesse da maioria, não apenas relacionado ao aprendizado da língua portuguesa, mas também com um objetivo de melhorar os níveis de escolaridade. Alguns possuem formação profissional, outros completaram o ensino médio. Muitos gostariam de traduzir/validar seus certificados acadêmicos a fim de concorrerem a oportunidades mais bem remuneradas de trabalho.

Conforme já citado por Handerson (2015), os haitianos constroem “suas múltiplas identidades a partir de duas sociedades ou mais, mas ela não se desenraíza no sentido próprio e forte do termo do Haiti”. A partir da convivência com os alunos do NUPLE/UFSC, pude perceber o desejo dos haitianos de aprender português, conseguir um trabalho formal, uma moradia digna e de reconstruir a vida em Florianópolis. Ao mesmo tempo, uma forte nostalgia do país natal mantém o vínculo com o Haiti sempre presente. Segundo relatos, eles procuram cultivar tradições culturais relativas à língua materna, crenças religiosas e até regras comportamentais. Os alunos haitianos expressam certo constrangimento com demonstrações públicas de afeto entre casais. Demonstram ser conservadores no âmbito dos papéis de homens e mulheres dentro da estrutura familiar.

Esse estranhamento de certos aspectos da cultura brasileira (costumes, culinária, vestimentas, religião, música) reforça a nostalgia da vida no Haiti. Como já citado por Hall (2009) a experiência diaspórica carrega consigo a sensação de estar sempre em trânsito e não pertencer verdadeiramente a lugar algum. Em busca da (re)afirmação da própria identidade, no âmbito religioso, cabe aqui registrar a oportunidade de professar sua fé na própria língua materna. Revestidos desse espírito, “Imigrantes haitianos abriram um templo evangélico no Centro de Florianópolis”. (FLORIPA CENTRO, 2020).

Numa sala de 60 metros quadrados, há encontros cinco vezes por semana, sempre sob a coordenação dos pastores Theodor e Andrenord Pierre. Eles conduzem cultos, ministram cursos de estudo da Bíblia e lideram o grupo de seguidores que pregam o Evangelho nas ruas. Nos domingos pela manhã, cerca de 50 homens, mulheres e crianças, participam do culto principal, o Serviço de Adoração, que conta com três jovens com instrumentos musicais para acompanhar as canções religiosas. As orações e cânticos são feitos em crioulo, língua nativa dos haitianos. Porém, segundo Leleé Phanord, voluntária haitiana que faz serviços gerais no templo, todas as pessoas são bem-vindas na Harvest Army, nome original da igreja, que foi fundada em

Miami em 1990. Uma mostra dessa receptividade é que o panfleto com os serviços da igreja está escrito de um lado em português e do outro, em francês. (FLORIPA CENTRO, 2020).

No âmbito cultural, pode-se citar como exemplo a exposição de pinturas de autores haitianos em Florianópolis. “Sob a curadoria de Janaína Santos, a exposição dos artistas plásticos Elie Alceo e Jean-Wesly Demosthene foi montada no espaço cultural da Assembleia Legislativa do Estado.” Os temas das obras expostas estão relacionados ao cotidiano no Haiti, retratando pessoas em seus afazeres diários. As pinturas expressam “a dimensão religiosa e a conexão com a natureza, além da musicalidade e o orgulho de ser o primeiro país americano a abolir a escravidão, em 1804.” (FLORIPA CENTRO, 2019).

Na fala dos alunos haitianos do NUPLE/UFSC, é possível vislumbrar esse orgulho da própria origem e a criação de laços de solidariedade com outros colegas que partilham da mesma nacionalidade. Percebe-se que os alunos que possuem maior nível de escolaridade e domínio de idiomas estrangeiros demonstram mais facilidade para compreender as explicações das professoras durante as aulas de português. Nas respostas dos alunos haitianos nos questionários formalizados nesta pesquisa acadêmica, todos declararam possuir *creole* haitiano e francês como língua materna, a maioria domina um ou mais idiomas estrangeiros, geralmente inglês e/ou espanhol. Alguns possuem experiência como intérpretes voluntários para amigos e familiares em situações do cotidiano. Nenhum deles possui treinamento profissional na área de tradução/interpretação. A maior dificuldade expressada em relação ao português foi compreender expressões idiomáticas.

Como já citamos na definição do MEC (1997), o domínio da língua usual possibilita a “plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento”.

Minhas reflexões envolveram um exercício de empatia. A vontade de me colocar no lugar do outro reforçou minha intenção de ver o mundo através da perspectiva do imigrantes haitianos recém-chegados à Florianópolis. O que eles pensam? De que mais precisam? Quais são as maiores dificuldades a serem superadas? O que eu posso fazer para ajudar enquanto pesquisadora teórica? Em busca de respostas a essas questões, me aproximei dos alunos da

UFSC e procurei compreendê-los melhor. Percebi que a situação ideal seria que conseguissem aprender a língua portuguesa e ter acesso a documentos, moradia, oportunidade de emprego e educação. No entanto, no período entre a chegada ao Brasil e a realização desses objetivos, sem compreender ainda completamente a língua, a cultura e os mecanismos de funcionamento da sociedade brasileira, acredito que a presença de intérpretes comunitários poderia facilitar a compreensão desses processos. Isso seria o verdadeiro espírito do acolhimento linguístico, na minha visão.

Constatei que existe uma rede de solidariedade entre os haitianos na qual compartilham experiências e trocam conselhos, incluindo serviço voluntário de interpretação. Acontece que, apesar da boa vontade e disposição, muitas vezes o imigrante mais experiente também não compreende verdadeiramente o sentido do que está sendo dito. Às vezes por questões linguísticas, outras por questões culturais, e ainda por falta de experiência em alguma área específica da vida cotidiana. Nesse caso, o treinamento profissional poderia fazer diferença.

Como já citado acima por Audebert (2012), “a falta de segurança, de justiça, de liberdade e de perspectivas de emprego impôs a emigração como uma saída digna para uma parte crescente da população haitiana”. Ao longo da história, a diáspora haitiana aconteceu com um movimento circular contínuo de residir no exterior, voltar ao Haiti e retornar ao exterior. Entretanto, as políticas públicas haitianas têm levado diversos migrantes a reconsiderar a questão do retorno ao Haiti. Atualmente, muitos têm se fixado definitivamente nos países de acolhida. Nesse contexto, o acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis deve considerar sua integração na vida civil e política brasileira como uma necessidade premente. Assim, as interações linguísticas com esses imigrantes deveriam ser intermediadas por profissionais treinados e qualificados na área de interpretação comunitária, de modo a zelar pelos direitos humanos e garantir a preservação da dignidade dessas pessoas em situação de vulnerabilidade social.

Com esse objetivo, “fruto de articulações com associações de imigrantes e entidades da sociedade civil, o município de Florianópolis se tornou o segundo no Brasil a contar oficialmente com uma Política Municipal para a População Migrante”. Trata-se da nova Lei Ordinária nº 10.735/2020 que “prevê a garantia ao imigrante e a sua família de acesso a direitos

fundamentais e sociais e aos serviços públicos garantidos pela Constituição Federal”. Além disso, a nova lei “visa impedir violações de direitos, combater a xenofobia e fomentar a participação social dessa população”.

Sobre esse assunto, *Claufau*de Estimable, imigrante haitiano que vive em Florianópolis há cerca de cinco anos, expressa sua esperança de um futuro melhor ao afirmar que “acredita que a nova lei pode ajudar na integração, na proteção e no acolhimento dos imigrantes e refugiados na grande Florianópolis”. (MIGRAMUNDO, 2020). *Claufau*de atuou como voluntário de mediação cultural e tradução e atualmente é estagiário na Defensoria Pública da União - DPU, onde atende imigrantes de diversos países. Segundo sua experiência:

A primeira dificuldade encontrada é a língua, que interfere em sua autonomia e prejudica a integração social. Também tem a dificuldade de legalização, o racismo e preconceito, já que essa nova onda de imigração é marcada pela cor negra e morena; a distância dos familiares, a saudade que isso gera; problema de moradia, dificuldade de pagar o aluguel, entender o contrato e necessidade de compartilhar com outras pessoas lugares pequenos; adaptação ao clima rigoroso do inverno, entre outros. (MIGRAMUNDO, 2020)

Nessa perspectiva de ‘acolhimento linguístico’ de imigrantes haitianos, proponho a criação de um projeto de extensão no âmbito da PGET/UFSC. O projeto deveria se concentrar no estímulo ao trabalho voluntário de tradução e interpretação no ambiente do PLAM/UFSC. Os mestrandos e doutorandos interessados receberiam capacitação específica dos idiomas francês e *creole* haitiano e treinamento para atuarem como intérpretes comunitários, em apoio aos três projetos de extensão já citados, no ambiente da UFSC. Além disso, essa capacitação poderia ser também oferecida aos professores de português do PLAM/UFSC e aos próprios alunos haitianos interessados em se profissionalizar nessa área de trabalho.

Essa capacitação deveria ser inteiramente voltada ao auxílio linguístico na inserção dos imigrantes haitianos na sociedade de acolhida em Florianópolis, ajudando a compreensão de questões práticas do cotidiano. Acredito que os temas mais relevantes seriam orientações de registro e obtenção de documentos básicos ao exercício da cidadania (Cadastro de Pessoa Física – CPF, junto à Receita Federal, a Carteira de Registro Nacional Migratório – CRNM, junto à Polícia Federal, e a Carteira de Trabalho e Previdência Social – CTPS, junto ao Ministério do Trabalho); além de acesso ao sistema público de saúde e educação, ao mercado de trabalho, à

moradia e às políticas assistencialistas do governo brasileiro nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Considerando a atual pandemia de saúde pública (Covid-19) que gerou novas práticas de distanciamento social, uma proposta relevante seria oferecer um serviço de auxílio de tradução/interpretação não presencial para os imigrantes. Poderíamos seguir o exemplo do atendimento na França, supracitado, e implementar um banco de intérpretes/tradutores voluntários para oferecer atendimento virtual, através de aplicativos de *smartphones*, telefones, *internet*, *email*, salas de reunião *online*, entre outras formas modernas de comunicação à distância atualmente disponíveis.

A associação *ISM Interprétariat* é administrada por voluntários na busca de proporcionar acolhimento linguístico aos imigrantes na França. Preocupa-se em combater o racismo e a xenofobia através da mediação linguística entre estrangeiros e franceses. A entidade oferece serviços de interpretação e tradução em parceria com o serviço público francês. Em seu banco de intérpretes incluem-se estrangeiros já familiarizados com a língua e a cultura francesa. O serviço funciona desde 1970 e pode servir de exemplo para a estruturação de um projeto semelhante no Brasil.

Conforme já mencionado acima, nas palavras de Barbosa e São Bernardo (2017), “para o público adulto, recém-imerso numa realidade linguístico-cultural não vivenciada antes, o uso da língua estará ligado a saber agir, saber fazer e a novas tarefas linguístico-comunicativas que devem ser realizadas nessa língua [...]”. O projeto de extensão esboçado acima visa oferecer acolhimento linguístico aos imigrantes haitianos que estão aprendendo português no PLAM/UFSC, mas ainda não dominam o idioma. O auxílio do intérprete comunitário fortalece a percepção de dignidade e o direito humano fundamental de compreender e ser compreendido, de poder participar da sociedade de acolhida de forma mais consciente. Além disso, o projeto ambiciona oferecer a oportunidade de capacitação teórica e prática através do trabalho voluntário na área de interpretação. Para os imigrantes em situação de vulnerabilidade social pode representar uma chance de obter formação profissional numa atividade que muitos já praticam de forma intuitiva. Vislumbramos que esse treinamento seria benéfico a todos os envolvidos nos processos de acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis.

Como já foi dito, na visão de Hertog (2010), a proficiência linguística é necessária, mas não suficiente para a interpretação comunitária de qualidade. Em relação à capacitação profissional, o intérprete comunitário deve receber treinamento interdisciplinar com foco no desenvolvimento de habilidades comunicativas, novas tecnologias e noções funcionais do serviço público. Relevante acrescentar que a capacitação profissional deve se preocupar em apresentar os códigos de ética pertinentes, além de abrir espaço para debates envolvendo questões práticas da atuação de intérpretes.

Se, por um lado, capacitar intérpretes comunitários a fim de auxiliar os imigrantes em suas interações linguísticas em busca de cuidar da própria saúde, de sua regularização migratória, de ter acesso a oportunidades de emprego e moradia, entre outros, visa resguardar seus direitos humanos; por outro lado, seria interessante pensar também na capacitação linguística e cultural dos próprios servidores públicos. Dessa forma, o projeto de extensão poderia oferecer também cursos de idiomas com conteúdo voltado ao universo da migração internacional aos servidores da Polícia Federal, Receita Federal e Ministério do Trabalho, por exemplo. Acredito que conhecer mais a língua e a cultura de seus ‘clientes’ facilitaria o processo de empatia entre servidores e imigrantes. Ao se colocar no lugar do estrangeiro, o servidor público atuaria com mais sensibilidade à condição de vulnerabilidade social ou mesmo psíquica que muitos deles enfrentam nos processos de migração internacional.

Conforme já citado por Martins-Borges, o processo migratório representa bem mais que mero deslocamento geográfico. As mudanças costumam provocar estranhamento do novo ambiente cultural, das novas regras sociais, do novo idioma de comunicação e até mesmo do clima local. Nesse encadeamento, “a partir dessa lógica, a ruptura com a cultura de origem poderia constituir, em algumas circunstâncias, um evento de natureza traumática para o psiquismo”. (MARTINS-BORGES, 2017)

No caso específico dos imigrantes haitianos em Florianópolis, concluo que seria muito compensador do ponto de vista das relações humanitárias interculturais oferecer treinamento linguístico em francês e/ou *creole* haitiano aos servidores públicos lotados em postos de atendimento a imigrantes. Essa capacitação englobaria, além do ensino de idiomas, noções da história recente e da cultura haitiana, técnicas de comunicação envolvendo escuta, compreensão

e reformulação oral. Esse treinamento possibilitaria a realização de escolhas linguísticas mais conscientes. Analisando alguns exemplos de políticas migratórias de outros países, percebo que esse tipo de formação continuada facilita a troca de informações consistentes entre servidores e imigrantes, melhorando a qualidade da prestação dos serviços públicos. Afinal o objetivo final do servidor público é servir ao público, sem discriminações.

Nessa ótica, seria fundamental capacitar os servidores públicos que lidam cotidianamente com imigrantes sobre a complexidade inerente aos processos envolvendo interpretação comunitária. Utilizando minha própria experiência, posso afirmar que no ambiente profissional existe a crença no senso comum de que basta saber um idioma estrangeiro para conseguir realizar um trabalho de interpretação eficiente. No serviço público, é ‘comum’ existir esse tipo de ‘convite’ informal: “Ah, você fala inglês? Então, por favor, venha aqui ‘traduzir’ o que essa pessoa está falando”. Entretanto, após aprofundar meus estudos na área de tradução/interpretação, concluo que a proficiência linguística em um idioma estrangeiro não transfere automaticamente ao servidor a capacidade de fazer uma interpretação de qualidade. Tome-se como exemplo o ambiente de regularização migratória na Polícia Federal. Um servidor que seja proficiente em línguas estrangeiras, mas que atue em outro setor, provavelmente não estará atualizado com o vocabulário e a legislação específica da área de migração. Além de, provavelmente, desconhecer as rotinas envolvendo processos, procedimentos e protocolos de atendimento a imigrantes.

Sem o domínio de um assunto específico em sua língua materna, como o servidor terá condições de traduzir/interpretar com convicção para outro idioma? A interpretação comunitária ocorre geralmente de forma presencial, sem tempo para pesquisas e reflexões sobre o tema da interação linguística. Evidentemente, com a prática e os inúmeros casos que se apresentam, os servidores terminam por adquirir a experiência e o conhecimento necessários para o atendimento a estrangeiros, mas trata-se de um processo demorado e desgastante para todos os envolvidos. Por isso, apresenta-se como fator primordial a capacitação dos servidores públicos responsáveis diretamente pelo atendimento a imigrantes haitianos em Florianópolis.

Como visto acima, o servidor público deve seguir os preceitos éticos da categoria, pois “a conduta das pessoas interfere no funcionamento das organizações e traz impactos para a

sociedade”. Acredito que, especificamente no caso dos servidores que atendem estrangeiros, a capacidade de ‘calçar os sapatos do outro’<sup>38</sup> deve ser sempre estimulada para evitar a xenofobia. O exercício de alteridade, de procurar compreender as angústias e expectativas do outro, facilita a interação respeitosa entre os seres humanos independentemente de sua origem, crença ou etnia. Em relação aos imigrantes, conhecer um pouco da língua, da cultura e das crenças dessas pessoas pode ajudar a derrubar barreiras e preconceitos. Relembrando que “o desenvolvimento da consciência ética é fundamental para garantir o respeito ao interesse público, à cidadania, ao estado de direito e à democracia”. (OIM; DPU, 2018).

No âmbito da garantia aos direitos humanos dos imigrantes, preocupo-me em melhorar a qualidade das interações pessoais a partir de três diferentes perspectivas. Primeiramente, auxiliando a comunicação com os haitianos no ambiente da UFSC, no âmbito dos projetos de extensão voltados à acolhida humanitária de imigrantes. Posteriormente, oferecendo oportunidade de capacitação em interpretação profissional aos próprios alunos do PLAM/UFSC. Finalmente, do outro lado da ‘mesa’, auxiliando os servidores públicos a prestarem um atendimento de melhor qualidade aos estrangeiros.

#### **4.8 Proposta: projeto de extensão**

Um projeto de extensão é uma ferramenta preciosa colocada à disposição das universidades públicas no Brasil. De acordo o documento denominado *Política Nacional de Extensão Universitária*, elaborado no *Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX*, realizado em Manaus (2012) e disponibilizado *online* pela *Pró-Reitoria de Extensão - PROEX/UFSC*, pode-se afirmar que a Extensão Universitária, “sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.” (MIRANDA e al, 2012, p.28).

---

<sup>38</sup> Refiro-me à tradução livre da expressão idiomática em língua inglesa: *Put yourself in other people's shoes*, que significa colocar-se no lugar do outro para compreendê-lo.

A sensação de que se vive em uma época de grandes transformações, que se desdobram em novos desafios e oportunidades, deixou de ser um dado subjetivo para se tornar uma diretriz que orienta a agenda de governos e a atuação de movimentos sociais, partidos políticos e organizações públicas e privadas, inclusive instituições de educação superior e centros de pesquisa. A transformação da Extensão Universitária em um instrumento efetivo de mudança da Universidade e da sociedade, em direção à justiça social e ao aprofundamento da democracia, caminha *pari passu* com o enfrentamento desses desafios e a busca das novas oportunidades que se descortinam no contexto internacional e na realidade brasileira. Desafios a serem confrontados e oportunidades a serem aproveitadas por meio de políticas públicas. A efetividade destas, por sua vez, depende fortemente do que a Universidade Pública, em geral, e a Extensão Universitária, em especial, podem oferecer aos governos e à sociedade. (MIRANDA *et al*, 2012, p.18)

Nessa relação de troca entre a Universidade e os setores sociais o objetivo é de “[...] produzir, em interação com a sociedade, um conhecimento novo. Um conhecimento que contribua para a superação da desigualdade e da exclusão social e para a construção de uma sociedade mais justa, ética e democrática”. (MIRANDA *et al*, 2012, p.30).

Retomando a teoria da Interpretação Comunitária apresentada acima, a finalidade da mediação de intérpretes no contexto da migração internacional visa oferecer acessibilidade linguística para “permitir que indivíduos ou grupos sociais que não falem a língua oficial ou dominante dos serviços prestados pelo governo, central ou local, tenham acesso a esses serviços e consigam se comunicar com os prestadores desses serviços”. (HERTOG, 2010, p.49).

Com esse ideal em mente, Hertog (2010) defende o treinamento interdisciplinar do intérprete comunitário visando proporcionar uma capacitação mais abrangente que mera proficiência linguística. O autor ressalta a complexidade da atuação profissional na área de imigração, envolvendo questões culturais, políticas e mesmo ideológicas nas interações cotidianas. Os hábitos sociais e costumes familiares também são temas sensíveis no diálogo a três.

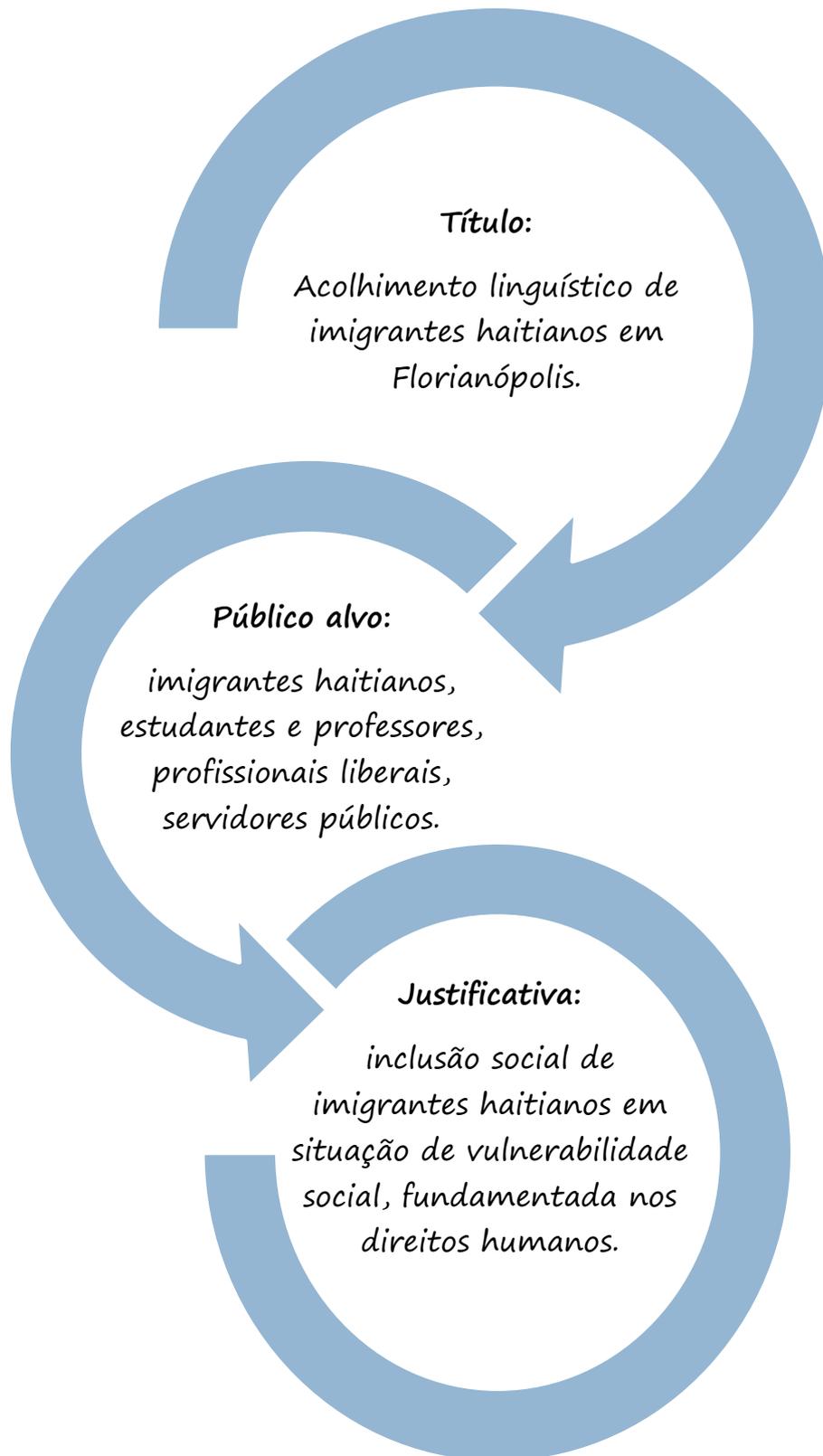
Ressaltamos novamente a importância de se desenvolver a consciência ética em intérpretes comunitários, em particular, e servidores públicos, em geral. Como já abordado, a “conduta das pessoas interfere no funcionamento das organizações e traz impactos para a sociedade”. Dessa forma, “o desenvolvimento da consciência ética é fundamental para garantir

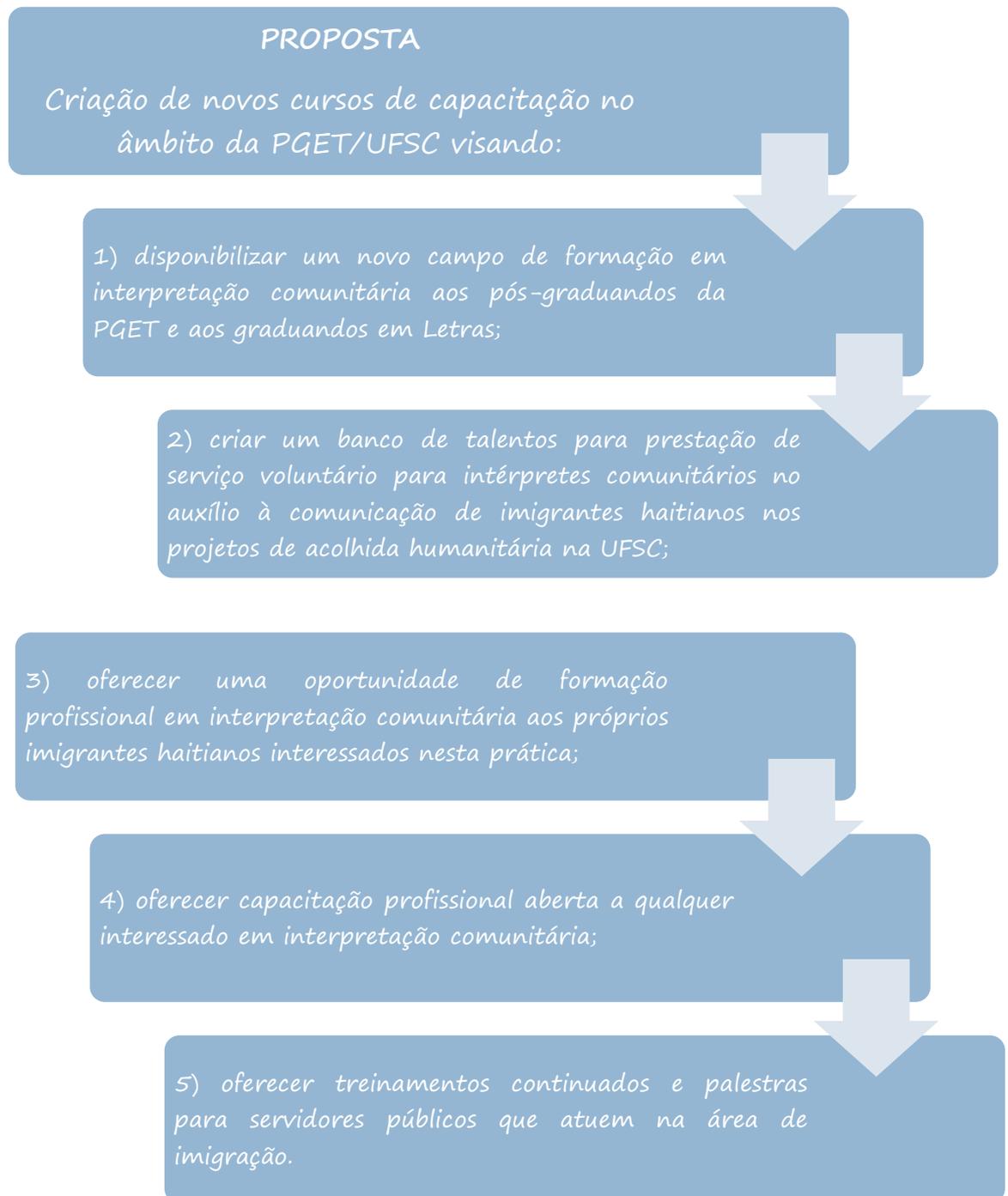
o respeito ao interesse público, à cidadania, ao estado de direito e à democracia. (OIM; DPU, 2018).

Assim, o treinamento interdisciplinar para capacitação plena em interpretação comunitária deve contemplar também conteúdos envolvendo ética profissional. É fundamental conhecer os códigos de ética existentes, sem perder de vista que são diretrizes de conduta e não contemplam todos os casos práticos da vida profissional. Como já mencionado por Oliveira (2015), o tradutor deve “respeitar as normas consolidadas de sua profissão e engajar-se em seu aprimoramento”, mas também “ir além ou ficar aquém delas, chamando para si a responsabilidade quando os códigos existentes não derem conta de todos os aspectos envolvidos”.

Após desvendar alguns dos desafios do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis, proponho a criação de um novo projeto de extensão no âmbito da PGET/UFSC. A ideia é disponibilizar cursos e palestras com conteúdo inspirado na vida prática dos estrangeiros recém-chegados, voltado às dificuldades cotidianas de interação no novo ambiente de acolhida. Seria interessante incentivar pequenas encenações teatrais, representando os papéis de imigrantes e seus intérpretes em situações de interação com serviços de saúde, agentes de imigração, assistência social e jurídica, atendimento psicológico e também na busca por moradia e trabalho.

O objetivo é buscar excelência na mediação de intérpretes comunitários a partir de variadas perspectivas de ação. Apresento a seguir um esboço do projeto:





Os treinamentos e palestras dirigidos aos servidores públicos que trabalhem diretamente com imigrantes haitianos, deverão ter conteúdo voltado às complexidades da mediação de intérpretes, domínio de algumas expressões básicas em francês e *creole* haitiano relacionadas às atividades profissionais cotidianas, além de noções gerais de história e cultura haitianas, visando aprimorar a qualidade das interações comunicativas.

Conforme visto na teoria apresentada acima, de autoria de diferentes pesquisadores, as habilidades cognitivas de um intérprete comunitário podem ser comparadas àquelas dos atores, pois ambas as profissões exigem capacidade de expressão oral e improvisação. Nessa perspectiva, as complexidades do trabalho de intérpretes comunitários foram analisadas por Mason (1999). O autor define ‘interpretação de diálogos’ ou ‘interpretação comunitária’ como sendo a comunicação mediada por intérprete na interação espontânea que ocorre de forma presencial, face à face, nos mais variados ambientes: serviços de imigração, delegacias de polícia, hospitais, escolas, entre outros. (MASON, 1999, p. 147)

Apesar de reconhecer a pertinência do código de ética profissional como guia de conduta, Mason (1999) destaca a relevância de se conceituar a função do intérprete como mediador intercultural. O autor propõe descartar o senso-comum que considera o intérprete como mera ‘máquina de traduzir’, que simplesmente transfere termos linguísticos de um idioma para o outro. Mason (1999) apresenta a realidade da profissão, na qual o intérprete está sempre negociando os sentidos dos termos entre as partes envolvidas no diálogo. (MASON, 1999, p. 148)

Outro aspecto abordado por Mason (1999) é o conflito de lealdades vivenciado em situações de desequilíbrio de poder no diálogo a três. Constatou-se que a tendência dos profissionais de interpretação comunitária é proteger os mais fracos e também se identificar com aqueles que compartilham sua língua materna, suas crenças e sua cultura. Ou seja, não há que se falar em neutralidade na atuação de intérpretes comunitários. (MASON, 1999, p. 149)

Manson (1999) sugere novos estudos teóricos envolvendo a observação de intérpretes ‘naturais’, espontâneos, pessoas bilingues sem treinamento formal. De acordo com sua vertente teórica, essa seria um novo olhar sobre os mecanismos envolvidos na interpretação comunitária com a finalidade de compreendê-los. Assim, seria interessante investigar o comportamento espontâneo de pessoas bilingues que são capazes de realizar traduções/interpretações de forma espontânea, em variadas situações sociais, mesmo desconhecendo normas comportamentais inculcadas pelo treinamento profissional. (MASON, 1999, p. 155).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um breve panorama histórico sobre imigração haitiana no Brasil após 2010, revisamos as publicações pertinentes e realizamos observações de campo e entrevistas com professores e alunos do Português como Língua de Acolhimento – PLAM da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. A intenção era fazer uma análise quantitativa e qualitativa dos questionários aplicados. No entanto, por conta da pandemia de saúde pública (Covid-19), não foi possível continuar a coleta de informações de forma presencial ao longo do ano de 2020. Sendo assim, optou-se por fazer uma análise apenas qualitativa dos dados obtidos.

O foco da pesquisa foi desvendar questões práticas do processo de mediação linguística com os imigrantes haitianos no ambiente da UFSC. Registrou-se que os imigrantes haitianos utilizam predominantemente o *creole* haitiano em suas interações pessoais, embora seja relevante destacar que a grande maioria recebeu educação formal em língua francesa. Alguns dominam outros idiomas, principalmente inglês e espanhol. Outra constatação dessa pesquisa foi que os imigrantes mais antigos auxiliam os recém-chegados, atuando espontaneamente como intérpretes voluntários. Por outro lado, não foi registrada atuação de intérpretes profissionais nesse ambiente.

Tendo como pano de fundo o contexto histórico da diáspora haitiana, o trabalho voluntário foi observado como iniciativa recompensadora tanto do ponto de vista da aquisição de experiência profissional quanto sob o aspecto humano do aprendizado da habilidade de despertar a empatia. A capacidade de se imaginar no lugar do outro ajuda a derrubar barreiras e construir pontes na comunicação intercultural. E sob esse aspecto, procuramos salientar a importância de se oferecer qualificação profissional aos intérpretes que atuam na mediação com os imigrantes.

Acreditamos que a Interpretação Comunitária fornece teoria relevante para nos apoiar na análise crítica pretendida. Humanizando a questão, ressaltamos que os intérpretes são pessoas e não máquinas de traduzir e que suas crenças interferem na sua atuação profissional, mesmo que involuntariamente. Ademais, acreditando na necessidade de equilibrar as relações de poder, destacamos a importância da conduta ética do profissional de tradução/interpretação na proteção dos direitos humanos dos imigrantes fragilizados por sua vulnerabilidade social.

Citamos brevemente os projetos de acolhida de imigrantes na UFSC, especialmente *Português como língua de acolhimento/NUPLE*, o qual permitiu a vivência de campo desta pesquisadora junto aos imigrantes e seus professores em sala de aula. Concluímos que o treinamento profissional na área de interpretação pode oferecer oportunidades de melhorar a compreensão dos nossos hábitos, costumes e rotinas pelos recém-chegados, além de oferecer oportunidade de recolocação profissional aos próprios imigrantes. Destaca-se aqui a sugestão de criar um novo projeto de extensão na PGET/UFSC visando oferecer cursos gratuitos de tradução/interpretação para imigrantes haitianos em situação de vulnerabilidade social.

A sugestão para a criação de um projeto de extensão, no âmbito da PGET/UFSC, ambiciona cuidar da qualidade do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis a partir de diferentes pontos de vista. O primeiro foco envolve o auxílio à comunicação para os imigrantes haitianos que ainda não compreendem o português, no âmbito dos três projetos de acolhida humanitária já criados na UFSC. O segundo olhar prevê a oportunidade de oferecer capacitação profissional na área de interpretação comunitária às pessoas que tenham interesse na área. O terceiro ponto de vista preocupa-se em melhorar a percepção de servidores públicos, em todas as esferas do governo, a respeito das complexidades do trabalho do intérprete, além de capacitá-los em treinamentos contínuos em novos idiomas, oferecendo conhecimentos básicos sobre a cultura haitiana.

Fundamental destacar que existem outras nacionalidades além da haitiana entre os alunos do PLAM/UFSC. Entretanto, o foco desta pesquisa é desvendar os desafios da acolhida humanitária de imigrantes haitianos em Florianópolis, no âmbito da interpretação interlingual. Por isso, minha sugestão de criação de um novo projeto de extensão contempla apenas os haitianos como público alvo. Acredito que essa iniciativa poderia ser coadjuvante com as demais políticas públicas já existentes voltadas ao acolhimento de estrangeiros. Após o encerramento das atividades do CRAI/SC, penso que a UFSC poderia suprir a lacuna que foi criada.

A atuação efetiva de intérpretes comunitários voluntários seria primordial para garantir a qualidade dos atendimentos psicológicos de imigrantes haitianos na *Clínica Intercultural*. Além das trocas linguísticas, a mediação de intérpretes nesse ambiente pode ajudar a atribuir

sentido ao novo contexto cultural vivenciado na cidade de acolhida. Também no apoio jurídico e humanitário proporcionado pelo *Núcleo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados – NAIR*, acredito que a atuação de intérpretes comunitários devidamente capacitados a realizar o diálogo a três na mediação entre haitianos e brasileiros, poderia contribuir para o efetivo acolhimento linguístico desses imigrantes.

Lembrando aqui que a justificativa inicial para escolha do meu tema de pesquisa foi sua relevância social, humanitária e cultural. Acredito que seja possível ‘contagiar’ outras pessoas a partir de pequenas atitudes positivas. A possibilidade de realizar um trabalho teórico com perspectiva de melhorar concretamente a vida de outros seres humanos foi o fator determinante para elaboração da minha escrita acadêmica.

Na minha visão, o intérprete treinado pode ajudar o imigrante a compreender melhor a língua, os costumes e a cultura brasileira. Nesse sentido, defendo a interpretação como forma de acessibilidade linguística, derrubando barreiras culturais. O verdadeiro acolhimento linguístico está diretamente vinculado ao acesso aos bens e serviços em igualdade de condições entre imigrantes e a população local.

Concluo essa pesquisa expressando minha esperança de que essa reflexão crítica apresentada possa contribuir para derrubar preconceitos vinculados à imigração haitiana em Florianópolis, diminuindo a xenofobia e favorecendo o acolhimento e a integração dessas pessoas em nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AUDEBERT, Cédric. **La diaspora haïtienne : Territoires migratoires et réseaux transnationaux**. Nouvelle édition [en ligne]. Rennes : Presses universitaires de Rennes, 2012.
- BAKER, Mona. **Intérpretes e Tradutores em Zonas de Guerra**. Tradução de Lincoln Fernandes e Davi Gonçalves. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia. Tradução e Relações de Poder. Tubarão: Copiart, 2013.
- BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção; SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. **A importância da língua na integração dos/as haitianos no Brasil**. Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações. 2017. Disponível em: <[http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra\\_periplos/issue/view/646](http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/issue/view/646)>. Acesso em: 04 jul. 2019.
- BARSKY, Robert Franklin. **Constructing a Productive Other. Discourse Theory and the Convention Refugee Hearing**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1994.
- BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia. **Tradução e Relações de Poder**. Tubarão: Copiart, 2013.
- BURKE, Peter; HSIA, R. Po-chia (orgs.). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. Tradução de: Roger Maioli dos Santos. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BYRAM, Michael. **Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence**. Clevedon: Multilingual Matters, 1997. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=0vfq8JJWhTsC&printsec=frontcover&dq=Teaching+and+Assessing+Intercultural+Communicative+Competence.&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwig84jggL\\_uAhUjC9QKHfHSBYIQ6AEwAHoECAEQAg#v=onepage&q=Teaching%20and%20Assessing%20Intercultural%20Communicative%20Competence.&f=false](https://books.google.com.br/books?id=0vfq8JJWhTsC&printsec=frontcover&dq=Teaching+and+Assessing+Intercultural+Communicative+Competence.&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwig84jggL_uAhUjC9QKHfHSBYIQ6AEwAHoECAEQAg#v=onepage&q=Teaching%20and%20Assessing%20Intercultural%20Communicative%20Competence.&f=false)>. Acesso em: 28 Jan, 2021.
- CANADA. **National Standard Guide for Community Interpreting Services**. Toronto: Healthcare Interpretation Network, 2007. Disponível em: <[http://www.multi-languages.com/materials/National\\_Standard\\_Guide\\_for\\_Community\\_Interpreting\\_Services.pdf](http://www.multi-languages.com/materials/National_Standard_Guide_for_Community_Interpreting_Services.pdf)>. Acesso em: 31 maio. 2018.
- CÁRITAS. **Cáritas Brasileira**. *Site internet*. 2017. Disponível em: <<https://www.caritas.org.br/>>. Acesso em jun. 2017.
- CASTELAIN, Arnold (dir.). **Traduction et migration : Enjeux éthiques et techniques**. Nouvelle édition [en ligne]. Paris : Presses de l'Inalco, 2020.
- COULTHARD, Malcolm; HALE, Sandra. **Guest Editor's Introduction**. Revista online Linguagem e Direito, v.3, n.2, 2016. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/LLLD/article/view/1749/1594>>. Acesso em: 27 maio. 2018.
- DECRETO nº 1171/1994. **Código de Ética Profissional do Servidor Público Civil do Poder Executivo Federal**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/d1171.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d1171.htm)>. Acesso em 01 jun. 2018.
- DUBOIS, Jean. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- EADES, Diana; PAVLENKO, Aneta. **Translating Research into Policy: New Guidelines for Communicating Rights to Non-Native Speakers**. Revista online Linguagem e Direito, v.3, n.2, 2016. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/LLLD/article/view/1752>>. Acesso em: 28 maio. 2018.
- ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa. Experiências de tradução**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2007.
- EIRENÈ. **Núcleo de Apoio aos Imigrantes e Refugiados – NAIR/UFSC**. Disponível em: <<http://irene.ufsc.br/nucleo-de-apoio-aos-imigrantes-e-refugiados/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

FLORIPA CENTRO. **Portal de Notícias**. *Site internet*. 2020. Disponível em: <<https://floripacentro.com.br/haitianos-tem-a-sua-propria-igreja-evangelica-no-centro/>>. Acesso em 03 nov. 2020.

\_\_\_\_\_. **Portal de Notícias**. *Site internet*. 2019. Disponível em: <<https://floripacentro.com.br/exposicao-gratuita-pinturas-retratam-o-cotidiano-do-primeiro-pais-a-abolir-escravidao-na-america/>>. Acesso em 03 nov. 2020

GOV.BR. **Governo do Brasil**. *Site internet*. 2019. Disponível em: <<https://www.gov.br/pt-br/noticias/justica-e-seguranca/2019/12/portaria-interministerial-facilita-acolhida-humanitaria-a-haitianos>>. Acesso em 04 abr. 2020.

**GRADLIFE**. Revista *online* da Universidade de Western Sydney, Austrália: 2010. Disponível em: <[https://issuu.com/uwspublications/docs/alu1567\\_gradlife\\_2010\\_issue\\_1\\_lr/6](https://issuu.com/uwspublications/docs/alu1567_gradlife_2010_issue_1_lr/6)>. Acesso em: 11 fev. 2017.

GROSSO, Maria José dos Reis. **Língua de acolhimento, língua de integração**. Revista Horizontes de Linguística Aplicada. UNB: Brasília, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/horizontes/article/view/886>>. Acesso em 04 jul. 2019.

HALE, Sandra Beatriz. **Community Interpreting**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HANDERSON, Joseph. **Diaspora. As dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional, 2015. Disponível em: <<https://www.migrante.org.br/migracoes/migracao-haitiana/diaspora-as-dinamicas-da-mobilidade-haitiana-no-brasil-no-suriname-e-na-guiana-francesa/>>. Acesso em 19 abr. 2020.

HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus. **Narrativas como abordagem à identidade de intérpretes**. Cadernos de Tradução, v. 39, n. 3. Florianópolis: Editora UFSC. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2019v39n3p50>>. Acesso em 24 jan. 2021.

HERTOG, Erik. **Community Interpreting** In: GAMBIER, Yves; DOORSLAER, Lessius van. Handbook of Translation Studies. vol. I. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2010.

ISM. **Associação ISM Interprétariat**. *Site Internet*. 2020. Disponível em: <<https://ism-interpretariat.fr/qui-sommes-nous/>>. Acesso em 17 maio. 2020

IN. Imprensa Nacional. *Site Internet*. 2019. **Portaria Interministerial nº 16/2018**. Disponível em: <[http://www.in.gov.br/web/guest/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/43885878/do1-2018-10-04-portaria-interministerial-n-16-de-3-de-outubro-de-2018-43885761](http://www.in.gov.br/web/guest/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/43885878/do1-2018-10-04-portaria-interministerial-n-16-de-3-de-outubro-de-2018-43885761)>. Acesso em 14 jan. 2019.

IPEA. **Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil**. In: Série Pensando o Direito, v. 57. Brasília: IPEA, 2015. Disponível em: <[http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD\\_57\\_Liliana\\_web3.pdf](http://pensando.mj.gov.br/wp-content/uploads/2015/12/PoD_57_Liliana_web3.pdf)>. Acesso em: 09 nov. 2018.

JOSEPH, Handerson. **A historicidade da (e)migração internacional haitiana**. O Brasil como novo espaço migratório. Périplos: Revista de Estudos sobre Migrações. 2017. Disponível em: <[http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra\\_periplos/issue/view/646](http://periodicos.unb.br/index.php/obmigra_periplos/issue/view/646)>. Acesso em 04 jul. 2019.

KREDENS, Krzysztof. **Conflict or convergence? : Interpreters' and police officers' perceptions of the role of the public service interpreter**. Revista online Linguagem e Direito, v.3, n.2, 2016. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/LLLD/article/view/1753>>. Acesso em: 27 maio. 2018.

LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. **Métissages. De Arcimboldo à Zombi**. Paris, Fayard/Pauvert, 2001.

MARTINS-BORGES, Lucienne. **Migrações Involuntárias e Impactos Psíquicos: A Mediação da Cultura**. In: PERES, Rodrigo Sanches et al. (Org.). *Sujeito Contemporâneo, Saúde e Trabalho: Múltiplos Olhares*. São Carlos: EdUFSCar, 2017.

MASON, Ian. **Dialogue Interpreting**. *The Translator*. v. 5., n. 2. London and New York: Routledge, 1999.

MATTOS, Airton Pozo de. **Ética e Responsabilidade Profissional**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2012. Disponível em: <[https://arquivostp.s3.amazonaws.com/qcursos/livro/LIVRO\\_etica\\_e\\_responsabilidade\\_profissional.pdf](https://arquivostp.s3.amazonaws.com/qcursos/livro/LIVRO_etica_e_responsabilidade_profissional.pdf)>. Acesso em: 31 maio. 2018.

ME. **Ministério da Economia**. *Site internet*. 2018. Disponível em: <<http://www.trabalho.gov.br/noticias/5466-haitianos-sao-maioria-entre-os-imigrantes-no-mercado-formal-brasileiro>>. Acesso em 11 mar. 2020.

MEC. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares da língua portuguesa**. 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 14 maio.2017

MJSP. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**. *Site internet*. 2019. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/news/collective-nitf-content-1566502830.29>>. Acesso em 10 mar. 2020.

MICHAELIS. **Dicionário online**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=OmQE>>. Acesso em: 31 maio. 2018.

MIGRAMUNDO. *Site internet*. Disponível em: <<https://www.migramundo.com/florianopolis-se-torna-2o-municipio-no-brasil-a-ter-politica-municipal-para-a-populacao-migrante/>>. Acesso em 26 out. 2020.

MILTON, John. **Tradução: teoria e prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MIRANDA, Geralda Luiza *et al.* **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: FORPROEX, 2012. Disponível em: <<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2021.

MT. Ministério do Trabalho. 2018. **ObMigra**. Disponível em: <<http://obmigra.mte.gov.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2018

MITSUOKA, Narjara Ferreira. Dissertação de mestrado **O trabalho voluntário de tradução e suas implicações socioculturais**, Universidade de São Paulo – USP, 2012. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-23102012-111633/pt-br.php>>. Acesso em: 09 nov. 2019.

NEMPsiC. **Núcleo de Estudos sobre Psicologia, Migrações e Culturas**. Disponível em: <<https://nempsic.paginas.ufsc.br/>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

NUPLE/UFSC. **Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português Língua Estrangeira**. Disponível em: <<https://nuple.wordpress.com/about/>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

OIM. Organização Internacional para as migrações. **Glossário sobre Migrações**. Genebra: Editora OIM, 2009. Disponível em: <<https://publications.iom.int/system/files/pdf/iml22.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2020.

OIM; DPU. **Uma Introdução às Migrações Internacionais no Brasil Contemporâneo**. *Curso online*. Módulo 1. 2018. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/apostila-migracoes-modulo-1.pdf>>. Acesso em 15 mar. 2020.

O'LAUGHLIN, Michael. **Addressing Linguistic and Cultural Issues in American Criminal Cases**. *Revista online Linguagem e Direito*, v.3, n.2, 2016. Disponível em: <<http://ojs.letras.up.pt/index.php/LLLD/article/view/1751>>. Acesso em: 28 maio. 2018.

OLIVEIRA, Paulo. **Tradução & ética**. In: AMORIM, Lauro Maia; RODRIGUES, Cristina Carneiro; STUPIELLO, Érika Nogueira de Andrade (orgs). *Tradução &: perspectivas teóricas e práticas*. São Paulo: Editora Unesp. 2015. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/6vkk8/pdf/amorim-9788568334614-05.pdf>>. Acesso em: 27 maio. 2018.

PÖCHHACKER, Franz. **Conexões Fundamentais: afinidade e convergência nos Estudos da Interpretação**. Tradução de Mylene Queiroz. *Revista Scientia Traductionis*, n.7, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/1980-4237.2010n7p61/12934>>. Acesso em: 11 fev. 2017. (a)

\_\_\_\_\_. **O papel da pesquisa na formação de intérpretes**. Tradução de Mylene Queiroz. Disponível em: <[https://interpret2b.com/cms/uploads/publicacoes/publicacao\\_8/o%20papal%20da%20pesquisa%20na%20formacao%20de%20interpretes%20-%20Franz%20Pochhacker.pdf](https://interpret2b.com/cms/uploads/publicacoes/publicacao_8/o%20papal%20da%20pesquisa%20na%20formacao%20de%20interpretes%20-%20Franz%20Pochhacker.pdf)>. Acesso em 11 nov. 2020. (Título original do artigo: **The role of research in interpreter education**. *Translation and Interpreting*, nº 1, vol 2, 2010. Disponível em: <<https://trans-int.org/index.php/transint/article/viewFile/80/62>>. Acesso em 11 nov. 2020). (b)

PÖCHHACKER, Franz; KADRIC, Mira. **The hospital cleaner as healthcare interpreter: a case study**. In: MASON, Ian. *The Translator Studies in Intercultural Communication*, vol.5, n.2, *Dialogue Interpreting*. London: Routledge, 1999.

POHLING, Heide. **Sobre a história da tradução**. Tradução de Ludmila Sandmann. In: Cardozo, Maurício; Heidermann, Werner; Weininger, Markus (orgs.). *A Escola Tradutológica de Leipzig*. Frankfurt am Main: Peter Lang Internationaler Verlag der Wissenschaften, 2009. (Título original: *Zur Geschichte der Übersetzung*)

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro. A formação e o sentido do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SÃO BERNARDO, Mirelle Amaral de. **Português como língua de acolhimento: um estudo com imigrantes e pessoas em situação de refúgio no Brasil**. Tese de Doutorado. São Carlos : UFSCar, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/8126/TeseMASB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 04 nov.2018.

SAUVÊTRE, Michel. **De l'interprétariat au dialogue à trois. Pratiques européennes de l'interprétariat en milieu social**. Conférence Internationale de Vancouver. *The critical link 2, Interpreters in the Community*. 1998. Disponível em: <<https://ism-interpretariat.fr/wp-content/uploads/2015/05/Michel-Sauv%C3%AAtre-De-linterpretariat-au-dialogue-%C3%A0-trois.pdf>>. Acesso em: 15 maio. 2020.

SHUTTLEWORTH, Mark; COWIE, Moira. **Dictionary of translation studies**. Manchester: St. Jerome, 1997.

SILVA, Karine de Souza; ROCHA, Carolina Nunes Miranda Carasek da; D'AVILA, Lucas. **Invisibilizados na Ilha do Desterro: os novos fluxos de imigrantes e refugiados em Florianópolis**. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*. Santa Maria: Editora UFSM, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/33488>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SILVEIRA, Rosane; XHAF AJ, Donesca. **Português para falantes de outras línguas: a atuação do Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português - Língua Estrangeira**. In: TOMITCH, Lêda Maria; HEBERLE, Viviane Maria. (Org.). *Perspectivas atuais de aprendizagem e ensino de línguas*. Florianópolis: LLE/CCE/UFSC, 2017.

SOARES, Janaina Bastos. **Voluntariado Educacional: um dos caminhos para cidadania**. Apostila *online* CETEC/SP. 2009. Disponível em: <[http://www.cpsctec.com.br/cpsctec/arquivos/apostila\\_voluntariado.pdf](http://www.cpsctec.com.br/cpsctec/arquivos/apostila_voluntariado.pdf)>. Acesso em: 08 nov. 2020.

TABOURI, Aziz. **Quand l'éthique repose la question essentielle du sens de l'accueil des migrants**. In: CASTELAIN, Arnold (dir.). *Traduction et migration : Enjeux éthiques et techniques*. Nouvelle édition [en ligne]. Paris : Presses de l'Inalco, 2020.

UFSC. **Notícias da UFSC em 22/05/2020**, *Site internet*. Disponível em: <<https://noticias.ufsc.br/2020/05/ufsc-realiza-atendimento-a-imigrantes-e-refugiados-durante-pandemia-de-covid-19/>>. Acesso em 31 maio. 2020.

XIMENES, Daniel de Aquino. **Vulnerabilidade social**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. *DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente*. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <<http://www.gestrado.net.br/?pg=dicionario-verbetes&id=235>>. Acesso em 07 abr. 2019.

**ANEXO A**

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE**

(modelo aplicado aos estudantes)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Caro(a) estudante, você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada *Desafios do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis*. Peço que leia atentamente o que segue, e se você concordar com as informações aqui apresentadas, assine as duas vias, onde indicado (uma delas ficará com você). Sinta-se livre para decidir participar ou não. Comprometo-me a cumprir a Resolução 510/16, do Conselho Nacional de Saúde, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos, e utilizar as informações da pesquisa somente para os fins acadêmicos e científicos. Esse trabalho é importante por sua relevância social, humanitária e cultural, tendo em vista que a linguagem pode ser pensada em um contexto mais amplo que mera necessidade comunicativa. Você participará dessa pesquisa por meio de entrevista gravada em áudio, respondendo a perguntas sobre a atuação de intérpretes no acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis. O objetivo desta pesquisa é obter dados qualitativos a respeito da atuação de intérpretes no acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis. Com relação aos riscos que a entrevista pode trazer, você poderá se sentir desconfortável devido ao tempo de gravação da entrevista. Ao final da pesquisa, os resultados do estudo se tornarão públicos, mas não se preocupe, pois, a sua identidade será totalmente preservada. Mesmo assim, se você temer uma quebra de sigilo, mesmo que involuntária, poderá optar por não participar. Você tem garantido o direito de sair da pesquisa, a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou retaliação por sua decisão. Nesse caso, a gravação da entrevista será apagada. Também, você terá o direito de acessar às gravações e suas transcrições em qualquer etapa da pesquisa, bastando apenas entrar em contato comigo. Durante todo o período da pesquisa você poderá solicitar qualquer esclarecimento. Todas as despesas da pesquisa serão pagas pelo pesquisador. Não haverá remuneração pela sua participação. Porém, caso você tenha qualquer despesa decorrente da sua participação na pesquisa (tais como transporte e alimentação), você será ressarcido em dinheiro. E caso ocorra algum dano (como de ordem física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual) decorrente da sua participação na pesquisa, você será devidamente indenizado, no valor do seu prejuízo. Se houver alguma dúvida quanto à ética da pesquisa, você poderá entrar em contato

com o Comitê de Ética da UFSC pelo endereço e contato: CEPESH/UFSC Prédio Reitoria II, 4º andar, sala 401, localizado na Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, Trindade, Florianópolis. Telefone para contato: (48) 3721-6094. E-mail: [cep.propesq@contato.ufsc.br](mailto:cep.propesq@contato.ufsc.br). Site: <http://cep.ufsc.br/>. O CEPESH é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Os participantes desta pesquisa receberão todo acompanhamento e assistência necessários ao longo da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade número \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento posso solicitar novas informações, e poderei modificar a minha participação na pesquisa, se assim desejar. Diante do exposto, declaro que concordo em participar, de espontânea vontade, desta pesquisa e assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Florianópolis, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) estudante

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora assistente

**Pesquisador responsável:** Prof. Dr. Werner Heidermann

**Pesquisadora assistente:** Márcia Cristina Valle Tarquinio

**Contatos dos pesquisadores:** Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Centro de Comunicação e Expressão – CCE, Prédio B - Sala 301, CEP: 88040-900, Florianópolis/SC, telefone: (48) 3721-6647, e-mail: [secpget@gmail.com](mailto:secpget@gmail.com), [ppget@contato.ufsc.br](mailto:ppget@contato.ufsc.br) ou CCE - Prédio B - Sala 110, telefone: (48) 3721-9581, e-mail: [heidermann@gmail.com](mailto:heidermann@gmail.com), [marcia.mcvr@bol.com.br](mailto:marcia.mcvr@bol.com.br).

**ANEXO B**

**Questionário dirigido aos estudantes do PLAM**

(roteiro para entrevistas)

**PGET** PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

Mestranda: MARCIA CRISTINA VALLE TARQUINIO

Orientador: Werner Heidermann

Título: Desafios do acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis

**Roteiro para entrevistas com os estudantes haitianos do curso Português como Língua de Acolhimento –PLAM da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC**

- 1) Qual o seu **país de nacionalidade**?
  - ( ) Haiti
  - ( ) outro: \_\_\_\_\_
- 2) Qual a sua **idade**?
  - ( ) 18 a 30 anos
  - ( ) 31 a 40 anos
  - ( ) 41 a 50 anos
  - ( ) acima de 50 anos
- 3) Qual o seu **gênero**?
  - ( ) homem
  - ( ) mulher
  - ( ) outro: \_\_\_\_\_
- 4) Chegou no Brasil há **quanto tempo**?
  - ( ) menos de 01 ano
  - ( ) 01 a 02 anos
  - ( ) 02 a 03 anos
  - ( ) 03 a 04 anos
  - ( ) mais de 04 anos
- 5) Qual o seu **nível de escolaridade**?
  - ( ) Não escolarizado

- Ensino fundamental
- Ensino médio
- Curso superior
- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado

6) Qual é a sua **língua materna**?

- francês
- créole* haitiano
- outra: \_\_\_\_\_

7) Conhece algum **idioma estrangeiro**?

- português
- espanhol
- inglês
- francês
- créole* haitiano
- outro: \_\_\_\_\_

8) Em relação ao **idioma português**, marque abaixo:

Produção oral: FALA

pouco  bem  muito bem

Compreensão oral: ENTENDE

pouco  bem  muito bem

Produção escrita: ESCREVE

pouco  bem  muito bem

Compreensão escrita: LÊ

pouco  bem  muito bem

9) Já utilizou os serviços de um **intérprete**?

SIM  NÃO

10) Já atuou como **intérprete**?

SIM  NÃO

- 11) Descreva a sua relação entre **intérprete** e cliente  
( ) amizade ( ) familiar ( ) profissional ( ) não possui
- 12) Na sua opinião, qual a maior dificuldade para a atuação de um **intérprete**?  
( ) compreender a **língua** local  
( ) compreender a **cultura** local  
( ) transferir a compreensão para o **cliente**  
( ) outra: \_\_\_\_\_
- 13) Você confia que a informação recebida do **intérprete** corresponde ao que foi falado na língua estrangeira?  
( ) nunca ( ) às vezes ( ) sempre
- 14) Quando você compreende um pouco do que está sendo dito, você acha que o **intérprete** atrapalha sua interação com a língua estrangeira?  
( ) nunca ( ) às vezes ( ) sempre
- 15) Comentários

---

---

---

---

---

---

---

**ANEXO C**

**Questionário dirigido às professoras da UFSC**

(modelo encaminhado por *email*)

## PGET PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

DESAFIOS DO ACOLHIMENTO LINGUÍSTICO DE IMIGRANTES  
HAITIANOS EM FLORIANÓPOLISMestranda: Márcia Cristina Valle Tarquinio  
Orientador: Prof. Dr. Werner Heidermann**Observações preliminares**

O objetivo geral dessa pesquisa é elaborar uma reflexão crítica sobre o acolhimento linguístico de imigrantes haitianos em Florianópolis. O objetivo específico é identificar a língua materna predominante entre os imigrantes haitianos (*creole* haitiano e/ou francês) e desvendar o processo de **mediação de intérpretes** no auxílio à integração dessa população ao novo contexto linguístico-cultural na cidade de Florianópolis. O ambiente escolhido para a observação de campo, estudo de caso e aplicação de questionário foi o curso de Português como Língua de Acolhimento – PLAM, parte integrante de um projeto de extensão desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisa e Ensino de Português Língua Estrangeira – NUPLE.

Tendo em vista a situação excepcional de isolamento social decorrente da atual pandemia de *Coronavírus* (Covid-19) que interrompeu as pesquisas presenciais com os imigrantes haitianos, em busca de respostas às **questões práticas** de língua, identidade e comunicação, elaboramos um breve questionário direcionado às professoras da UFSC que atuam diretamente com esse público alvo.

São perguntas simples que podem ser respondidas em apenas 05 minutos.  
Agradeço antecipadamente a consideração!

**QUESTÕES**

1) Qual sua profissão?

---

2) Qual a sua função/relação com imigrantes haitianos?

---

3) Você atua como voluntário(a)?

( ) SIM ( ) NÃO

4) Caso afirmativo, qual sua motivação para esse trabalho?

---

5) De acordo com a sua experiência, os imigrantes haitianos costumam utilizar os serviços de intérpretes nas interações no ambiente da UFSC?

( ) SIM ( ) NÃO

6) Caso afirmativo, quem são esses intérpretes? Relação profissional ou amizade? Voluntários ou remunerados?

---

7) Qual a sua opinião sobre um possível projeto de extensão na UFSC que ofereça treinamento e qualificação profissional para intérpretes voluntários que trabalhem com imigrantes haitianos em Florianópolis?

---

8) Comentários

---